



ELISÂNGELA GONÇALVES DA SILVA

***SER* OU NÃO *SER*, EIS A QUESTÃO
CONSTRUÇÕES “EXISTENCIAIS” COM O VERBO *SER* NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

CAMPINAS,

2012



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ELISÂNGELA GONÇALVES DA SILVA

***SER* OU NÃO *SER*, EIS A QUESTÃO
CONSTRUÇÕES “EXISTENCIAIS” COM O VERBO *SER* NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Orientador: Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas para a obtenção do título de
doutora em Linguística.**

CAMPINAS,

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**

G586s Gonçalves, Elisângela, 1975-
Ser ou não *Ser*, eis a questão Construções "Existenciais"
com o verbo *Ser* no Português Brasileiro Contemporâneo /
Elisângela Gonçalves da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Juanito Ornelas de Avelar.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Verbos. 2. Gramática comparada e
geral – Construções existenciais. 3. Língua portuguesa -
Morfologia. 4. Língua portuguesa - Brasil. 5. Programa
minimalista. I. Avelar, Juanito Ornelas de, 1974-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: *To Be* or not *To Be*, that's the question "Existential" Constructions with the verb *Be* in Contemporary Brazilian Portuguese.

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Verb
Grammar, Comparative and general – Existential constructions
Portuguese grammar - Morphology
Portuguese language - Brazilian
Minimalist Program

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutora em Linguística.

Banca examinadora:

Juanito Ornelas de Avelar [Orientador]
Ana Paula Scher
Charlotte Marie Chambelland Galves
Marcelo Amorim Sibaldo
Maria Filomena Spatti Sândalo

Data da defesa: 07-12-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Juanito Ornelas de Avelar

Juanito Ornelas de Avelar

Ana Paula Scher

Ana Paula Scher

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch. Galves

Marcelo Amorim Sibaldo

Marcelo Amorim Sibaldo

Maria Filomena Spatti Sândalo

Maria Filomena Spatti Sândalo

Adeilson Pinheiro Sedrins

Rafael Dias Minussi

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

IEL/UNICAMP
2012

A meus pais: Eliezer (*in memoriam*) e Edinice, por tudo o que sou.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO

Primeiramente, a Deus, a quem devo a concretização deste trabalho.

A meu orientador, Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar, competente profissional, pela orientação na construção deste trabalho.

À Profa. Dra. Charlotte Galves, por, além de ter acompanhado o processo de construção desta tese, confessando-se, por várias vezes, feliz e orgulhosa pelo resultado deste trabalho, ter-me orientado na qualificação de área (em Linguística Histórica), bem como por ter participado do exame de qualificação desta tese. A ela, minha gratidão pelos conselhos, pelo apoio, pelo incentivo, ao me dizer sobre a dificuldade em lidar-se com o verbo *ser* e considerar-me corajosa por fazê-lo.

À Profa. Dra. Ilza Ribeiro, minha co-orientadora do Mestrado, que continua a demonstrar sua preocupação com minha formação acadêmica, pela discussão dos dados, indicações bibliográficas, entre outras coisas.

À Profa. Evani Viotti por, juntamente com a Profa. Dra. Ilza Ribeiro, ter participado da banca de qualificação de área. À Profa. Dra. Sonia Cyrino, pela contribuição dada a esta pesquisa durante sua participação no exame de qualificação desta tese. Agradeço também a todos os professores que cordialmente aceitaram fazer parte desta banca de defesa de tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp, Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar, Profa. Dra. Mary Kato, Profa. Dra. Ruth Lopes, Profa. Dra. Charlotte Galves, Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, por sua contribuição a minha formação acadêmica.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp), por sua disposição em ajudar-me e prontidão em atender minhas solicitações.

Ao Prof. Dr. João Costa, da Universidade Nova de Lisboa, pela ajuda com sua intuição a respeito de alguns dados que lhe enviei, bem como com informações sobre o Português Europeu e envio de material; a Cândida Mara Britto Leite, doutora em Linguística pela Unicamp, pela concessão dos dados de Campinas, e ao Prof. Dante Luchesi, da Universidade Federal da Bahia, pela concessão dos dados que fazem parte dos *corpora* do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*; à Profa. Maria Eugênia Duarte, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelas discussões a respeito dos dados, ainda na fase de elaboração do projeto; as minhas amigas, Adriana Pinheiro e Cristina Figueiredo, pela ajuda com as dúvidas referentes ao Programa *Goldvarb*, e a Edivalda Araújo, pela indicação de material e pelas conversas a respeito do Curso.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela liberação e financiamento para cursar o Doutorado, e a meus colegas e amigos da UESB, sobretudo aos do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, pelo apoio.

A meus colegas e amigos do doutorado. A André Antonelli, Pablo Faria, Paulo Medeiros, Vivian Meira, sobretudo pelas discussões e debates enriquecedores no Grupo de Estudos Minimalistas (GEMI). Em particular, a Sabrina Casagrande, minha primeira amiga em Campinas, pelo seu carinho e amizade; a Marcos Pires e a Gustavo Freire, pela amizade e acolhida; a Juliana Trannin, pelo apoio e carinho; a Aroldo Andrade, por, gentilmente, ter discutido comigo alguns de meus textos; a Lilian Teixeira, pela gentil acolhida em seu apartamento; a Carlos Felipe Pinto, por algumas questões levantadas sobre este trabalho.

A todos aqueles que me ajudaram com sua intuição linguística a respeito de meus dados.

A meus amigos do Instituto de Computação, sobretudo a Aline Del Valle, pela companhia, pelas conversas...

Às amigas Lena, Ariosvalda e Jussara, pela confiança e pelo incentivo.

A meu primo Alexandre e a meus tios Edna e João, pelo carinho e pelo incentivo. A meu irmão de alma, Cristianno, pelo carinho fraterno, tão necessário quando se está distante de casa.

Por fim, a minha família, sobretudo as minhas irmãs Bete e Nana e a minha mãe, que compartilharam cada momento na construção deste trabalho, a quem ofereço esta conquista.

Ser ou não ser - eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer – dormir

(SHAKESPEARE)

RESUMO

Assumindo os pressupostos minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1995), mais especificamente na linha da abordagem proposta em Adger (2004), esta tese analisa construções com o verbo *ser* que adquirem leitura existencial, comparando seu comportamento sintático com o de sentenças existenciais construídas com outros verbos, como *ter* e *estar (com)*. Adotando uma visão não-lexicalista, à luz da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ 1993), a hipótese norteadora desta pesquisa é a de que a matriz fonológica de *ser* é inserida pós-sintaticamente, sob a condição de que a categoria *v* esteja adjacente a um núcleo portador da versão interpretável do traço Deg (*Degree*), responsável pelo caráter avaliativo que marca as construções existenciais com esse verbo. Para embasar essa hipótese, a investigação se pauta nos estudos de Avelar (2004, 2009) em torno das construções existenciais com *ter* e *estar com*, segundo os quais a matriz fonológica do verbo existencial é selecionada pós-sintaticamente, a partir da combinação de traços resultante de procedimentos que se operam na computação sintática. A tese também segue a proposta de Embick (2003), que apresenta evidências favoráveis à ideia de que condições de adjacência são relevantes no processo de inserção vocabular, bem como explora desdobramentos da análise de Silbaldo (2006) em torno das *Small Clauses Livres* do Português Brasileiro, em particular no que diz respeito ao argumento de que tais construções trazem em sua configuração a projeção DegP (*Degree Phrase*).

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *ser*. Construções “Existenciais”. Português Brasileiro Contemporâneo. Programa Minimalista. Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

Based on the Minimalist version of the Principle and Parameters Theory (CHOMSKY, 1995), more specifically in accordance with the approach proposed in Adger (2004), this paper analyzes existential constructions with the verb *ser* (*to be*), comparing its syntactic behavior to that of existential sentences with verbs *ter* (*to have*) and *estar/estar com* (*to be (with)*). By adopting a non-lexicalist view, based on the theoretical assumptions of the Distributed Morphology framework (HALLE & MARANTZ, 1993), the guiding hypothesis of this research is that the phonological matrix of *be* is inserted post-syntactically, under the condition that the *v* category be adjacent to a head that presents an interpretable version of the Degree feature, responsible for the evaluative character that marks existential constructions with this verb. To support this hypothesis, the research follows the studies of Avelar (2004, 2009) related to existential constructions with the verbs *ter* and *estar com*. According to those studies, the phonological matrix of the existential verb is selected post-syntactically, based on the combination of features resulting from procedures that occur in syntactic computation. This doctoral dissertation also follows Embick's (2003) proposal, which presents evidence for the idea that adjacency conditions are relevant in the vocabulary insertion process. Besides, it explores Sibaldo's (2006) deployments about Free Small Clauses in Brazilian Portuguese, particularly regarding the fact that such constructions bring in its configuration a Degree Phrase.

KEYWORDS: Verb *be*. "Existential" Constructions. Contemporary Brazilian Portuguese. Minimalist Program. Distributed Morphology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: O VERBO <i>SER</i> EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS	
Introdução	5
1.1 Sobre a noção de “existência”	6
1.2 Uma base comum para construções existenciais, possessivas e locativas	9
1.2.1 Construções possessivas, locativas e existenciais nas línguas naturais	10
1.2.2 Posse e existência no Português Brasileiro Contemporâneo	15
1.2.3 Sobre construções possessivas e existenciais na história do português	21
1.3 Sobre diferenças entre construções existenciais e copulativas com o verbo <i>ser</i>	25
1.4 Síntese do Capítulo	30
CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	
Introdução	33
2.1 Programa Minimalista	33
2.2 Checagem de traço de seleção subcategorial não-interpretável	37
2.3 Morfologia Distribuída	41
2.4 Inserção vocabular e condições de adjacência	44
2.4.1 O papel da adjacência entre núcleos no processo de inserção vocabular ...	45
2.4.2 O papel do advérbio como um elemento interventor no estabelecimento de adjacência	49
2.5 O Sintagma de Grau (DegP – <i>Degree Phrase</i>)	53
2.5.1 DegP na formação dos comparativos e superlativos do inglês	53

2.5.2 <i>Small Clauses</i> Livres	58
2.6 Síntese do Capítulo	67
CAPÍTULO 3: ANÁLISE QUANTITATIVA DAS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS EM DADOS DE FALA	
Introdução	69
3.1 Metodologia de coleta e análise dos dados	69
3.2 Dados de Vitória da Conquista e Campinas	71
3.2.1 Variáveis intralinguísticas	73
3.2.1.1 Presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP.	74
3.2.1.2 Concordância entre o verbo e o tema	75
3.2.2 Variáveis extralinguísticas	77
3.2.2.1 Região	77
3.2.2.2 Gênero, Faixa Etária, Escolaridade	79
3.3 Dados de Salvador e São Paulo	84
3.3.1 Variáveis extralinguísticas	84
3.3.2 Variáveis intralinguísticas	86
3.3.2.1 Presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP	86
3.3.2.2 Concordância entre o verbo e o DP pós-verbal	86
3.3 Síntese do Capítulo	87
CAPÍTULO 4: CONSTITUIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS COM O VERBO <i>SER</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Introdução	89
4.1 Condições de adjacência no componente morfológico para a obtenção de <i>ter, ser e estar</i>	90

4.1.1 Construções existenciais e copulativas	90
4.1.2 Relações de constituição no interior da coda existencial	102
4.2 Configuração das construções com <i>ser</i> existencial no Português Brasileiro Contemporâneo	105
4.2.1 O traço Deg(ree) nas construções com <i>ser</i> -existencial	105
4.2.2 Condições de adjacência para a obtenção de <i>ser</i> -existencial	112
4.2.3 Efeitos de constituição nas construções com <i>ser-existencial</i>	115
4.3. Requerimentos de adjacência para a obtenção de <i>ser-existencial</i>	118
4.3.1 Quebra de adjacência por meio de movimento sintático	119
4.3.2 Quebra de adjacência pela presença de constituintes adverbiais	120
4.4 Construções existenciais sem cópula	127
4.5 Construções existenciais com o verbo <i>ser</i> no Português Medieval e no Português Brasileiro Contemporâneo	133
4.6 Síntese do Capítulo	138
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Construções existenciais com o verbo <i>Ser</i> , de acordo com o constituinte intensificador	75
Tabela 2 – Construções existenciais com o verbo <i>Ser</i> , de acordo com concordância entre verbo e tema	76
Tabela 3 – Verbos <i>Ser</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i> , de acordo com a <i>Faixa Etária</i>	79
Tabela 4 – Verbo <i>Ser</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i> , de acordo com a <i>Escolaridade</i>	80
Tabela 5 – <i>Ser-existencial</i> , de acordo com o Gênero e a <i>Escolaridade</i>	81
Tabela 6 – Verbo <i>Ser-existencial</i> , de acordo com o Gênero e a <i>Faixa Etária</i>	81
Tabela 7 – Verbos <i>Ser</i> e <i>Haver existenciais</i> , de acordo com a <i>Faixa Etária</i> e a <i>Escolaridade</i>	81
Tabela 8 – Verbo <i>Ser Existencial</i> , de acordo com o Século	135
Tabela 9 – <i>Ser</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i> , de acordo com o <i>Tempo</i> e o <i>Modo Verbais</i> no PB Contemporâneo ..	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construções Existenciais com os Verbos <i>Ser</i> , <i>Estar</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i>	72
Figura 2 – Construções Existenciais com os Verbos <i>Ser</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i> por <i>Região</i>	78
Figura 3 – Construções Existenciais com os Verbos <i>Ser</i> , <i>Haver</i> e <i>Ter</i> por <i>Região</i>	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de informantes por grupo de fator condicionador – Vitória da Conquista	82
Quadro 2 – Número de informantes por grupo de fator condicionador – Campinas	82

INTRODUÇÃO

Nesta tese, investigamos sentenças do Português Brasileiro em que o verbo *ser* é empregado como existencial, construções, pelo nosso conhecimento, nunca antes analisadas em outros estudos.

No decurso das investigações em torno deste tema, duas situações chamaram a minha atenção quanto à ‘falta’ de percepção do falante acerca de determinadas estruturas linguísticas de que faz uso (envolvendo, no caso, construções com o verbo *ser*).

Uma delas reporta a uma situação na qual algumas alunas de graduação do IEL estavam na Sala de Informática aguardando para fazer impressões, quando uma delas pergunta: “É muito material da Charlotte para imprimir?” Enquanto aguardava, observava a conversa e resolvi perguntar à moça o que queria dizer com essa frase, mas sou para ela um tanto estranha a minha pergunta, já que parecia tão óbvio o que queria dizer: estava justamente querendo saber se “tinha/existiam muitos textos da disciplina da Charlotte a serem impressos”.

Outra situação que me chamou a atenção se passou durante o XVII SETA (Seminário de Teses em Andamento), quando, numa conversa informal, alguns alunos de Teoria Literária me perguntaram qual era meu objeto de estudo. Após eu ter explicado do que se tratava, eles ficaram pensando por um tempo se faziam ou não uso de construções “existenciais” com o verbo *ser*, quando um deles me disse “Eu uso normalmente *tem* (referindo-se ao verbo *ter*, em construções como *Tem uma caixa em cima da mesa*), mas, quando quero me referir à existência de muita gente neste evento, por exemplo, eu uso *É muita gente neste evento*”.

Para mim, do mesmo modo que para muitos falantes a quem apresentei sentenças com o verbo *ser* empregado como existencial, foi uma ‘novidade’ deparar-me com o emprego de tais construções. Na entrevista de seleção para ingresso no Doutorado, entretanto, pude logo verificar que não se tratava de construções peculiares ao falar baiano (do qual sou falante nativa), pois a banca, composta por professores naturais do Rio de Janeiro e de Campinas, refletindo sobre as sentenças por mim apresentadas, notou que essas construções também faziam parte de seus falares.

Consistiu numa tarefa instigante e desafiadora compreender e delinear esse emprego “existencial” do verbo *ser* (em meio a tantos outros a que esse verbo se presta) em pleno Português Brasileiro Contemporâneo, um uso sobre o qual só se chamava atenção, até então, em textos do Português Medieval.

Assumindo os desdobramentos minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995), dentro de uma perspectiva não-lexicalista (segundo, em particular, alguns pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993)), o objetivo central desta tese é o de estabelecer uma arquitetura para as construções com *ser* sintática e semanticamente paralelas àquelas em que *ter* e *haver* assumem um sentido existencial. A hipótese que norteará o estudo é a de que as construções “existenciais” com *ser* se diferem das demais por trazerem, em seu interior, um sintagma que porta um traço responsável por codificar informações relativas à noção de grau, na linha do que tem sido proposto em torno da categoria *Degree* em trabalhos como os de Embick (2007) e Sibaldo (2006).

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos considerações gerais sobre construções que servem à expressão de existência, com destaque para aquelas que são realizadas com o verbo *ser*. Trazemos à baila a imprecisão que é gerada ao se empregar o termo *existencial* para caracterizar construções em que verbos, como *haver* e *ter*, são empregados impessoalmente, buscando mostrar, assim, que o problema para identificar a noção de “existência” em tais construções não se restringe àquelas formadas com o verbo *ser*. **Tomaremos como construções com *ser*-existencial aquelas em que esse verbo pode ser intercambiável pelos verbos *ter* e *haver* sem alteração do sentido da sentença em que são usados**, conforme podemos observar nas sentenças apresentadas a seguir. As construções em questão, apresentadas em (1a)-(1f), evidenciam um claro paralelismo sintático-semântico com construções que trazem *ter* (1a’)-(1f’) e *haver* (1a’’)-(1f’’).

(1) a. Lá no Rio de Janeiro *é* uma violência terrível. (f3fV¹)

¹ Esses símbolos correspondem a informações sobre os falantes. Assim sendo, nesse exemplo, f indica que se trata de uma informante do gênero feminino; 3, que tem a partir de 50 anos de idade; f, que seu grau de escolarização é o fundamental; V equivale a Vitória da Conquista. Indicamos o gênero da seguinte forma: m, para masculino e f, para feminino; a faixa etária é representada como se segue: (1), entre 15 a 25 anos; (2),

- a'. Lá no Rio de Janeiro **há** uma violência terrível.
 a''. Lá no Rio de Janeiro **tem** uma violência terrível.
- b. **São** vários fatores que levam a pessoa a entrar na dependência. (f1sV)
 b'. **Há** vários fatores que levam a pessoa a entrar na dependência.
 b''. **Tem** vários fatores que levam a pessoa a entrar na dependência.
- c. [...] veja como está subindo pelas minhas pernas [...] piolho de galinha [...] mas **era** tanto que se notava uma mancha preta subindo nas pernas... (m2sP)
 c'. [...] veja como está subindo pelas minhas pernas [...] piolho de galinha [...] mas **havia** tanto que se notava uma mancha preta subindo nas pernas...
 c''. [...] veja como está subindo pelas minhas pernas [...] piolho de galinha [...] mas **tinha** tanto que se notava uma mancha preta subindo nas pernas...
- d. Entrevistador: Nessa época, não tinha ônibus?
 Informante: Não. Não tinha ônibus; não tinha nada. **Era** só o bonde mesmo. (f3mC)
 d'. [...] **Havia** só o bonde mesmo.
 d''. [...] **Tinha** só o bonde mesmo.
- e. Eu me lembro que na estação daqui **era** uma confusão muito grande. (m1S)
 e'. Eu me lembro que na estação daqui **havia** uma confusão muito grande.
 e''. Eu me lembro que na estação daqui **tinha** uma confusão muito grande.
- f. **É** muito cacique pra pouco índio.
 f'. **Há** muito cacique pra pouco índio.
 f''. **Tem** muito cacique pra pouco índio.

Ainda, no primeiro capítulo, é apresentada a proposta formal em que se baseia o presente estudo (a ideia de que construções locativas, “existenciais” e possessivas são obtidas a partir de uma mesma estrutura subjacente, inerentemente locativa, construída em torno de um verbo copulativo), na esteira de trabalhos como os de Lyons (1968), Clark

entre 26 e 45 anos; (3) de 50 anos em diante; já a escolaridade é indicada por f (fundamental), m (médio) e s (superior); C, V, S e P indicam, respectivamente, Campinas, Vitória da Conquista, Salvador e São Paulo.

(1978), Freeze (1992) e Avelar (2004). De modo a deixar claro em que consistem as construções com *ser*-existencial, foco desta pesquisa, estabelecemos um paralelo entre estas e as construções copulativas constituídas com esse mesmo verbo.

No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos em que se sustenta a análise, a saber, os trabalhos de Chomsky (1995), no que se refere sobretudo à checagem de traços, mais especificamente no viés adotado por Adger (2004), que propõe um traço de seleção categorial. Apresentamos também os fundamentos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993). Fazemos, ainda, menção a estudos sobre *Small Clauses* Livres (SCLs), como os de Kato (2007) e Sibaldo (2009), que serão relevantes para os pontos que serão abordados em torno das “existenciais” com *ser*.

No capítulo 3, analisamos, em termos quantitativos, dados de fala que servem à expressão de existência com *ter*, *haver* e *ser*, apontando o fato de que os dados evidenciam que as ocorrências de *ser*-existencial estão atreladas à presença de um elemento com caráter avaliativo no interior da sentença. Essa correlação será melhor explicitada no capítulo 4, em que, articulando os pressupostos teóricos assumidos (sobretudo, a proposta delineada por Avelar, 2004, 2009) para as construções com *ter*, *ser* e *estar (com)*), apresentaremos uma proposta formal que visa a dar conta da arquitetura de construções em que o verbo *ser* é empregado como existencial no Português Brasileiro Contemporâneo. Neste capítulo, ainda apresentamos o que chamaremos de *existenciais sem verbo*, argumentando tratar-se de instâncias com *ser*-existencial nas quais a matriz fonológica do verbo é apagada, bem como argumentamos que as construções com *ser*-existencial no Português Brasileiro Contemporâneo não parecem consistir em um resíduo das construções com esse verbo no Português Medieval. As conclusões desta tese constam do capítulo 5.

CAPÍTULO 1

O VERBO *SER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS

Introdução

Definir “existência” e, conseqüentemente, verbos “existenciais”, não constitui uma tarefa fácil, conforme aponta a citação de Benveniste (1960)² a seguir. Assim sendo, antes de tratarmos, neste capítulo, das construções existenciais, analisamos a noção de “existência”, discutindo a imprecisão do termo *existencial* para caracterizar as construções abordadas neste trabalho, termo que, apesar disso, é aqui utilizado em virtude de ser o mais difundido na literatura linguística para denominar as sentenças impessoais com verbos como *haver* e *ter*.

O estudo das frases de verbo ‘ser’ é obscurecido pela dificuldade, realmente pela impossibilidade, de propor uma definição satisfatória da natureza e das funções do verbo ‘ser’. [...] Os dados parecem escapar à análise, e todo o problema está, ainda, tão pobremente elaborado que não se encontra nada em que seja possível apoiar-se. (BENVENISTE, 1960 [1972], p.204)

Ainda, apresentamos no presente capítulo trabalhos como os de Lyons (1968), Clark (1978) e Freeze (1992), que propõem uma base comum para construções “existenciais”, possessivas e locativas, proposta que assumimos nesta investigação. A fim de caracterizarmos as “existenciais” com *ser*, também apontamos algumas propriedades sintático-semânticas que distinguem essas construções das copulativas formadas com esse verbo.

² Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Sibaldo, membro da banca que avaliou esta tese, por ter chamado a atenção para o trecho de Benveniste acima apresentado.

1.1 Sobre a noção de “existência”

Construções como as que se seguem em (1), se apresentadas a qualquer falante do Português Brasileiro, certamente serão reconhecidas, intuitivamente, como construções de sentido equivalente, correspondendo ao que se tem chamado na literatura de *construções existenciais*.

- (1) a. **Existe** uma livraria muito boa na Francisco Santos.
b. **Há** uma livraria muito boa na Francisco Santos.
c. **Tem** uma livraria muito boa na Francisco Santos.

Um olhar mais detido, todavia, acaba por revelar que não é apropriado atribuir a essas sentenças o mesmo estatuto, dado que os verbos *existir* e *haver* parecem ocorrer em contextos restritos, ao contrário de *ter*, que é o verbo “existencial” canônico no Português Brasileiro Contemporâneo. Isso é tão verdadeiro que, conforme mostrado em Avelar (2006a), encontramos certa dificuldade em formular sentenças em que esses três verbos possam ser facilmente intercambiáveis, como nos exemplos em (2)-(3) a seguir: o verbo *ter* se encaixa bem nos dois exemplos, mas não os demais verbos, a despeito de que *existir* (que traz em sua base o mesmo radical do substantivo *existência* e do adjetivo *existencial*) devesse ser o verbo eleito para indicar todo e qualquer tipo de “existência”.

- (2) a. ?³ **Existe** um homem aí te procurando.
b. **Há** um homem aí te procurando.
c. **Tem** um homem aí te procurando.
- (3) a. * **Existiu** docinho na festa. Comi bastante!
b. ?? **Houve** docinho na festa. Comi bastante!.
c. **Teve** docinho na festa. Comi bastante!

³ Marcamos as sentenças ora com asterisco (quando a sentença é tida como agramatical), ora com o sinal de interrogação, que pode ser grafado uma ou mais vezes, a depender do grau de aceitabilidade que atribuímos às construções – quanto maior o número de interrogações na sentença menor será a sua aceitabilidade, seja conforme nosso próprio julgamento, seja de acordo com o julgamento dos informantes que consultamos.

Um aspecto que podemos destacar nas sentenças apresentadas acima é que nenhuma delas parece expressar realmente “existência”, pelo menos não no sentido de que a intenção do falante seja a de indicar que algo existe. O estado de coisas expresso na construção em (2) chama a atenção para o fato de um homem estar procurando o interlocutor do falante, e na construção em (3), para o fato de que docinhos foram servidos numa festa. A rigor, portanto, essas construções não servem propriamente à expressão de existência, muito embora sejam comumente chamadas na literatura de “construções existenciais” por seguirem um padrão frásico no qual o verbo *existir* costuma ser aceito⁴.

É interessante destacar ainda que não são apenas esses verbos que se prestam a veicular esse tipo de informação, dada a possibilidade de parafrasearmos a sentença em (4a)-(4c) a seguir por aquela em (4d), com o uso do verbo *dar*, que não costuma ser incluído no rol de verbos “existenciais” do Português.

- (4) a. *Existe* gente de todo o tipo nessas festas.
- b. ?*Há* gente de todo o tipo nessas festas.
- c. *Tem* gente de todo o tipo nessas festas.
- d. *Dá* gente de todo o tipo nessas festas.

Avelar & Callou (2011) discutem essa questão, tomando como base construções impessoais com *ter*, apontando para o fato de que não é somente nessas construções que esse verbo assume um valor existencial. Os autores verificam que, no Português Brasileiro Contemporâneo, orações tidas canonicamente como possessivas (em que *ter* possui um sujeito) podem denotar existência (AVELAR, 2009; MARINS, 2013), de acordo com o sentido determinado pela composição dos termos na sentença. Uma construção impessoal, como a apresentada em (5a), pode ser facilmente parafraseada pela construção em (5b), em que o sintagma nominal *aquela lagoa* aparece como o sujeito de

⁴ O fato de o dialeto baiano parecer mais “liberal” que o de outras regiões do país foi notado pela Banca de Qualificação, ao discutirmos que naquele as construções impessoais com o verbo *ser* parecem ser aceitas de forma mais generalizada, ou seja, parecem ser aceitáveis nos mais diversos contextos, sendo que, para falantes de estados de outras regiões do Brasil a quem as mesmas sentenças foram apresentadas, algumas delas não são bem formadas. Esse é um tema interessante que procuraremos investigar mais detidamente em pesquisas futuras. Agradecemos aos membros da Banca por seus comentários acerca desse assunto.

ter. A diferença básica entre as duas sentenças é de natureza sintática, pois o sintagma preposicionado da sentença em (5a), analisado nos moldes da gramática tradicional como um adjunto adverbial, passa a sintagma nominal sujeito naquela em (5b). Todavia, nas duas sentenças está subjacente a ideia de que existem *muitos peixes na lagoa*, bem como de que entre *a lagoa* e *muitos peixes* se mantém uma relação possessiva do tipo *continente-conteúdo*.

(5) a. ***Há / Tem*** muitos peixes naquela lagoa.

b. Aquela lagoa ***tem*** muitos peixes.

Outro fato notado pelos autores é o de que, conforme destacamos anteriormente, nem sempre é possível substituir os verbos tidos como “existenciais” em sentenças comumente analisadas como “existenciais”. Isso é o que podemos notar a respeito dos verbos *haver* e *existir* em comparação com *ter*, como nos exemplos apresentados em (2)-(3) acima e em (6) a seguir⁵. De acordo com o julgamento dos autores, aqueles verbos, ao contrário deste, não são admitidos em grande parte das sentenças consideradas “existenciais” (AVELAR, 2006a, p. 56-57).

(6) COMPRANDO PÃO NA PADARIA:

A: ***Tem / * Há / * Existe*** pão? B: ***Tem / * Há / * Existe***.

Frente a fatos desse tipo, Avelar & Callou (2011, p. 293) salientam que “a definição do que se entende por ‘existência’ é bastante difusa, pelo menos no que concerne às propriedades léxico-gramaticais das construções com *ter*”. Voltam-se, assim, para o estudo da(s) configuração(ões) sintática(s) assumida(s) pelas orações com os verbos “existenciais”. O seu foco é, portanto, verificar “a sintaxe dos padrões oracionais que

⁵ “Particularmente sobre *haver*, Callou & Avelar (2002) mostram que, na fala carioca, as ocorrências desse verbo estão quase categoricamente restritas a casos em que o verbo é flexionado no pretérito e o núcleo do seu argumento é um nome abstrato (*havia a possibilidade*) ou indicativo de evento (*houve uma briga*)”. (AVELAR & CALLOU, 2011, p. 292)

servem à expressão de existência, e não os valores que podem ser atribuídos aos verbos que integram esses padrões”.

Como afirmado acima, também nos voltamos para uma abordagem sintática das construções tidas como “existenciais”. Assim, nossa análise recai sobre construções com *ser* que são parafraseáveis por aquelas com *ter* e *haver*, que, conforme discutido anteriormente, são tradicionalmente chamadas de “orações existenciais”, termo largamente utilizado na literatura, que manteremos aqui a despeito da imprecisão em torno da designação “existencial”, bem como das diversas nuances que envolvem as construções tidas como “existenciais”. Assim sendo, vamos nos referir ao verbo *ser* empregado nesse tipo de estrutura como *ser-existencial*.

Nosso objetivo é o de mostrar como se caracteriza a estrutura sintática das construções impessoais ditas “existenciais” com esse verbo, em oposição às formadas com *ter* e *estar* (*com*). Assumiremos, em particular, a ideia segundo a qual há uma base comum para as construções locativas, possessivas e existenciais, proposta que apresentaremos a seguir. O verbo *haver* ficará fora da análise formal (embora se encontra na análise quantitativa a ser apresentada no capítulo 3), pois, apesar de servir para expressar existência, esse verbo tem sofrido uma certa especialização semântico-discursiva (AVELAR, 2006a), sendo usado quase exclusivamente na modalidade culta, o que os próprios dados empíricos demonstrarão.

1.2 Uma base comum para construções existenciais, possessivas e locativas

Pesquisadores que se voltam para o estudo diacrônico de construções com os verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* no Português, como Mattos e Silva (1994a, 1994b, 1996, 1997, 2002a), Ribeiro (1996) e Avelar (2004, 2006a, 2007), costumam chamar a atenção para o fato de que construções com *ser-existencial* eram comuns até o século XV, quando *haver* se consolidou como o verbo existencial canônico da língua. Ribeiro (1996, p. 377) e Mattos e Silva (1994b, p. 11), em particular, afirmam que o emprego de *ser* como existencial não é verificado no Português Brasileiro. Avelar, por sua vez, não faz, em seus trabalhos, menção a essa possibilidade.

O presente estudo explorará o pressuposto de que construções que envolvem verbos como *ser*, *estar*, *haver* e *ter* apresentam uma base derivacional em comum, no sentido de que todas são geradas a partir de uma mesma estrutura sintática subjacente. Essa assunção, que já foi explorada para construções com *ter*, *ser* e *estar* do Português Brasileiro em Avelar (2004), radica em ideias que vêm sendo apresentadas desde Lyons (1968), passando por autores como Clark (1978), Freeze (1992). Lyons, em particular, propõe que existenciais e possessivas provêm de uma base locativa subjacente, à qual se aplicam procedimentos sintáticos que, a depender de sua especificidade, resultam numa ou noutra construção.

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos que procuram fundamentar a ideia de haver uma base comum para as construções existenciais, possessivas e locativas nas línguas naturais. Iremos nos debruçar, em particular, sobre os trabalhos de Avelar (2004, 2006b, 2009) em torno de fatos do Português Brasileiro, bem como abordar trabalhos a respeito de mudanças envolvendo construções possessivas e existenciais na história do Português.

1.2.1 Construções possessivas, locativas e existenciais nas línguas naturais

Clark (1978) busca caracterizar construções oracionais de base locativa (que abrangem, para além das locativas propriamente ditas, as possessivas e existenciais) em 30 línguas, mostrando que essas construções podem ser sistematicamente relacionadas não apenas por sua natureza locativa, mas também pela posição dos constituintes e pelos verbos usados. A posição dos constituintes, por exemplo, geralmente é afetada por fatores de ordem discursiva, que determinam a ordem das palavras em cada tipo de construção com base (a) na **definitude** do DP – quando o DP é definido, ocorre numa posição de proeminência discursiva que pode ser identificada como sendo uma posição de sujeito; quando é indefinido, normalmente é precedido por algum outro constituinte, havendo, assim, uma alternância regular entre a existencial e a locativa (-definido para +definido) e entre a possessiva com *have* e a possessiva com *be* (-definido para +definido); e (b) na **animacidade** do locativo ou DP. Isso pode ser observado nas construções do inglês e do francês, apresentadas, respectivamente, em (7)-(8) a seguir:

(7) a. There is *a book* on the table.

b. *The book* is on the table.

c. Tom has *a book*.

d. *The book* is Tom's.

(8) a. Il y a *un livre* sur la table.

b. *Le livre* est sur la table.

c. Jean a *un livre*.

d. *Le livre* est à Jean.

Considerando o inglês, por exemplo, (7a) e (7b) apresentam tanto um nome (*a book* e *the book*) quanto um locativo (*on the table*), ainda que em ordens diferentes; (7c) e (7d), por sua vez, apresentam um objeto possuído (os nomes *a book* e *the book*) e, de acordo com Clark, um locativo [+animado] (o possuidor *Tom*). Há um paralelismo entre a ordem dos constituintes das construções em (7a) e (7c), de um lado, e (7b) e (7d), de outro: o nominal e o locativo em (7a) e (7b) são paralelos aos nominais possuído e possuidor em (7c) e (7d), respectivamente, tomando-se *there* como um *pro*-locativo (que está indexado ao locativo).

Há igualmente um paralelo entre as construções com *be*-possessivo e as com *have*-possessivo: enquanto nas primeiras o nominal/possuído é seguido pelo locativo/possuidor, nas últimas o possuidor antecede o possuído, e o nominal é seguido pelo locativo propriamente dito (*on the table*). Ainda, as ordens entre (8a)/(8c) e (8b)/(8d) são paralelas no que se refere à definitude do nominal (de [-definido] para [+definido]); as construções com *be*-possessivo tendem a contar com um DP [+definido] interpretado como “possuído”, enquanto as com *have*-possessivo tendem a ter um DP [-definido]⁶ com a mesma interpretação. Todavia o locativo e o possuidor se diferem quanto à animacidade,

⁶ O autor atribui a ausência de nominais indefinidos na posição inicial da sentença a fatores discursivos que regulam as línguas: “The speaker uses the definite article to indicate that something has already been given in the conversation – the speaker assumes that it is already known, from context or from prior discourse, to the listener” (CLARK, 1978, p. 88)

sendo o primeiro [inanimado] e o último, [animado]. As mesmas observações se aplicam às sentenças do francês apresentadas em (8).

Clark destaca que, em muitas línguas, as construções locativas e possessivas trazem um DP com uma marca de Caso que é geralmente o dativo ou o genitivo, sendo essa marca a responsável por produzir uma interpretação locativa. O latim, por exemplo, usava ambos os casos para expressar posse (*Liber est Johanni*, em que o possuidor está no dativo; e *Liber est Johannis*, em que o possuidor está no genitivo); em outras, o nominal é marcado por uma preposição ou posposição que determina a relação locativa exata entre o nominal e o local denotado pelo locativo, como ocorre em muitas línguas africanas que, para expressar posse, associam à cópula um sintagma locativo significando ‘na mão’ ou ‘agarrado na mão’ – em Ewe, por exemplo, a cópula *le* (*estar, estar presente*) pode se associar ao sintagma locativo *asi* (*na mão, agarrado à mão*), resultando na locução *le asi* (*ter, estar na mão de*). No árabe sírio, marcam-se as existenciais com a preposição *fī*, geralmente traduzida como ‘há’ (*there is*), mas que, na realidade, é uma preposição locativa cujo significado é ‘em’ (*in, on, at*), empregada também em construções possessivas. Os traços do locativo anexados ao possuidor e a natureza inerentemente locativa dos verbos usados nas construções possessivas e existenciais dão força, segundo Clark, à hipótese de que os padrões frásicos em questão estão ligados pelo que se pode considerar uma base sintático-semântica locativa comum a tais padrões.

Similarmente a Clark, Freeze (1992, p. 553) propõe o que chama de *Paradigma Locativo Universal* para o predicado locativo (9a), o existencial (9b) e a predicação com *have* (9c), ou seja, uma única estrutura subjacente (em que uma preposição locativa é o núcleo do sintagma predicativo) a partir da qual essas construções são geradas⁷. Trata-se de

⁷ Viotti (1999) reconhece que, ainda que não se aplique às construções do português (posto que a hipótese de que o verbo *ter* seja derivado da expressão *ser de* ou *estar com* não leva em conta fatores temáticos, assim como se pauta em um movimento que não ocorre em português), a ideia subjacente à hipótese do paradigma locativo é interessante, em decorrência do fato de, em algumas línguas, como o russo, os três padrões sentenciais serem construídos com o mesmo verbo, conforme exemplos de Freeze (1992), apresentados em (9); em outras, como o gaélico escocês, essas construções possuem a mesma estrutura com constituintes da mesma categoria, recebendo os mesmos papéis temáticos (conforme exemplo em (i) abaixo); ainda, em línguas como o inglês e o português, pelo menos dois tipos sentenciais são formados com o mesmo verbo: *be*, que é usado nas locativas e existenciais do inglês (cf. (iia) e (iib)), e *ter*, que é empregado nas existenciais e possessivas (cf. (iii) e (iv), respectivamente).

uma estrutura inerentemente locativa construída sintaticamente em torno de um verbo copular, conforme exemplificado pelas sentenças do russo destacadas pelo autor (1992, p. 553-554):

- (9) a. *kniga byla na stole.*
 book.NOM.FEM was on the table.LOC
 ‘The book is on the table.’
- b. *na stole byla kniga.*
 on the table.LOC was book.NOM.FEM
 ‘There is a book on the table.’
- c. *u menja byla sestra.*
 At 1sg.GEN was sister.NOM
 ‘I had a sister.’

A construção existencial em (9b) acima, que apresenta um sujeito locativo, mostra uma relação de complementaridade com a construção locativo-copular em (9a): as duas construções apresentam os mesmos constituintes, mas em ordens diferentes. Para Freeze, assim como para Clark (1978), a ordem das palavras que geram os diferentes

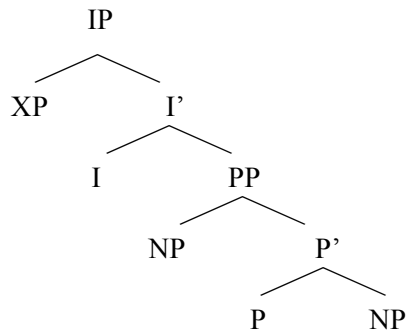
-
- (ii) Tha a' mhin anns a' phoit.
COP a aveia em o pote.
 ‘A aveia está no pote.’
- Tha a' mhin anns a' phoit.
COP a aveia em o pote.
 ‘Tem aveia no pote.’
- Tha peann aig Mairi.
COP caneta em Maria.
 ‘Maria tem uma caneta.’ (FREEZE, 1992, p. 580 *apud* VIOTTI, 1999, p. 40)
- (iii) a. She *is* my sister.
 b. The car *is* in the garage.
- (iv) A cidade *tem* festa o ano inteiro.
- (v) *Tem* festa o ano inteiro na cidade.

padrões sentenciais é determinada pela definitude do Tema, conforme as especificações em (10) abaixo.

- (10) a. quando o argumento Tema é definido, é deslocado para o início da sentença, originando um predicado locativo;
- b. quando o Tema é indefinido, permanece *in situ*, e o sintagma locativo converte-se em sujeito, movendo-se para o início da sentença, o que resulta numa construção existencial;
- c. a mesma estrutura da existencial se verifica na possessiva, com a diferença de que o locativo, nesse tipo de construção, é preferencialmente [+humano].

Isso é ilustrado nos esquemas em (11):

(11) a.



[_{IP}e [_I byla [_{PP}[_{NP}kniga] [_Pna stole]]]]

b. [_{IP} [_{NP}kniga]_i [_I byla [_{PP}t_i[_Pna stole]]]]
 book.NOM.FEM was on table.LOC
 ‘The book was on the table.’

c. [_{IP} [_Pna stole]_i [_I byla [_{PP} [_{NP}kniga] t_i]]]
 on table.LOC was book.NOM
 ‘There was a book on the table.’

d. [_{IP} [_Pu menja]_i [_I [+TNS] [_{PP} [_{NP}sestra] [_P t_i]]]]
 at 1sg.GEN [+LOC] sister-NOM
 ‘I had a sister.’

Com relação às *possessivas*, o seu elo com as *existenciais* é gramaticalmente evidenciado em muitas línguas, como o hindi, por exemplo, em que ambos os padrões

sentenciais apresentam os mesmos constituintes na mesma ordem, como podemos ver em (12):

(12) Hindi:

a. kamree-êẽ aadmii hai.
room.OBL-in man COP.3sg.PRES
[+LOC]

‘There is a man in the room.’

b. larkee-kee paas kuttaa hai.
boy.OBL-GEN proximity dog COP.3sg.PRES
[+LOC]

‘The boy has a dog.’ (lit. ‘By the boy is a dog.’) (FREEZE, 1992, p. 567)

No que se refere à forma verbal empregada nas possessivas em línguas como o português, segundo Freeze, o possuidor seria gerado dentro de um sintagma preposicionado e, daí, se moveria para a posição de sujeito; a preposição permanece *in situ*, adjacente a Infl (cf. exemplo em (12d) acima), obtendo-se a forma *está com*, conforme a sentença em (13) adiante. Sobre o verbo *ter* (assim como o verbo inglês *have*), o autor propõe que este é obtido por meio da incorporação da preposição a Infl. A sentença em (14) abaixo seria, assim, resultado da incorporação da preposição (*com*) a Infl, gerando o verbo *ter*.

(13) O menino *está com* fome.

(14) O menino *tem* fome. (FREEZE, 1992, p. 567)

Iremos, a seguir, nos ocupar mais de perto de fatos do Português Brasileiro Contemporâneo, tendo em vista a proposta de Freeze em torno das construções em (13)-(14). Abordaremos, em particular, os trabalhos de Avelar (2004, 2006b, 2009) a respeito dessas construções.

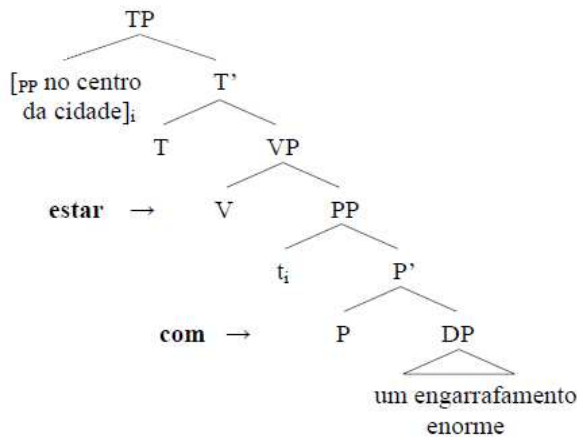
1.2.2 Posse e existência no Português Brasileiro Contemporâneo

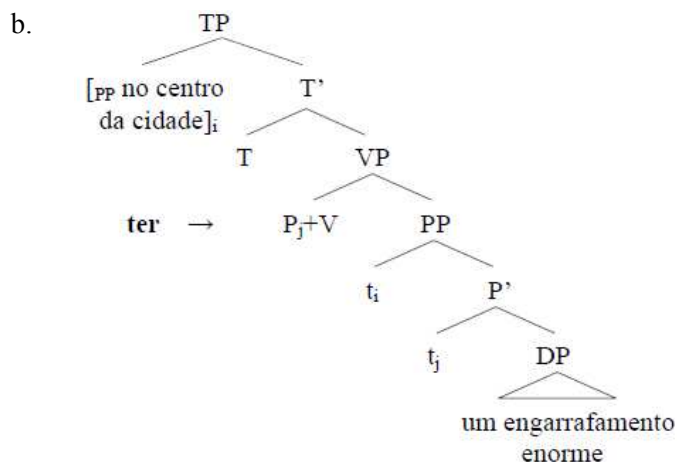
Avelar (2009) assume as ideias de Freeze para as construções possessivas do português, embora não adote integralmente a implementação técnica proposta por esse autor. Para

Avelar, as versões possessiva e existencial de *ter* contam, na sua composição, com uma preposição abstrata, que se realiza, nas possessivas e existenciais com *estar*, na forma da preposição *com*, tal como nos exemplos em (15) abaixo. O paralelismo sintático-semântico entre as construções com *ter* e *estar com*, apesar de apresentar diferenças envolvendo nuances aspectuais, seria um indício da presença de uma preposição abstrata nas existenciais com *ter*. Seguem-se em (16a) e (16b) as estruturas propostas pelo autor para as existenciais com *estar com* e *ter*, respectivamente. Notemos que a única diferença entre as estruturas é que, em (16a), a cópula e os traços da preposição não são combinados, o que resulta na realização fonológica de *estar com*, enquanto em (16b) a preposição se move para V, resultando na inserção de *ter* no nó que contém o amálgama P+V.

- (15) a. No centro da cidade ***está com*** um engarrafamento enorme.
 b. No centro da cidade ***tem*** um engarrafamento enorme.

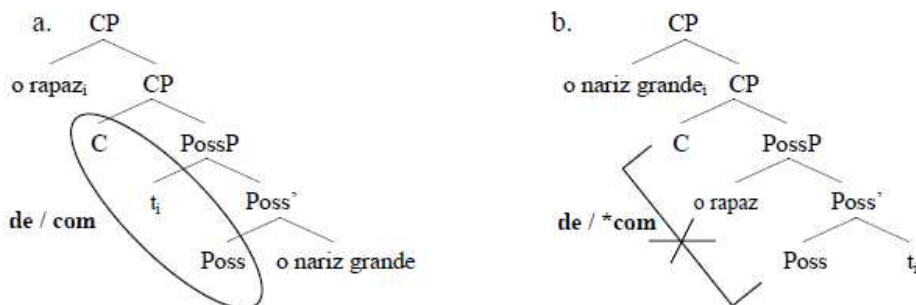
- (16) a.





Em outro trabalho, Avelar (2004) propõe que algumas preposições semanticamente plenas são obtidas por meio da incorporação de um feixe de traços a um morfema funcional, que, no Português Brasileiro, corresponde à preposição *de*. P é o núcleo que porta os traços que levarão à realização da preposição lexical, apresentando os traços equivalentes a *de*. Existe uma projeção PossP (referente às construções possessivas), para cujo domínio pode se mover ora o possuidor, como em (17a), ora o possuído, conforme (17b).

(17)



Quando C e Poss estão adjacentes no componente morfológico, há o complexo C+Poss, podendo ser realizada tanto a preposição *de* quanto *com*, conforme esquema em (a); quando, ao contrário, não se verifica adjacência entre C e Poss, não é possível acessar a

entrada vocabular de *com*. Para que o núcleo Poss receba realização fonética, é necessário que Poss sofra *merge* morfológico com *com*.

O autor se vale dessa proposta para explicar a formação das existenciais com *estar com*. Para ele,

Se *estar* corresponde a $v+T+D$, e a preposição *com* a $C+Poss$, a combinação *estar com* [...] deve estar envolvendo tanto o primeiro quanto o segundo complexo de traços. Se os dois complexos sofrerem *merge* no componente morfológico, temos a formação de $v+T+D+C+Poss$, que corresponde ao mesmo conjunto de traços que permite acessar a entrada vocabular do verbo possessivo. (Avelar, 2004, p. 169, nota 53)

Avelar também registra a possibilidade, no Português Brasileiro, de construções como aquelas em (18) a seguir, em que o verbo *estar* ocorre associado a uma interpretação existencial mesmo sem a preposição *com*.

- (18) a. **Tava** um aluno ali no corredor querendo falar com a Mary.
b. **Tá / Tão** uns caras esquisitos ali no portão.
c. **Tá / Tão** dois rapazes paquerando a Ana desde a hora em que ela entrou na festa.
d. **Tava / Tavam** dois carros buzinando lá no portão quando eu cheguei.

Ainda dentro de um viés não-lexicalista, Avelar (2009) propõe uma análise que difere, em alguns aspectos, da proposta em Avelar (2004) para as construções com o verbo *ter*. O ponto de partida para esta outra proposta de Avelar é a sintaxe das expressões com a preposição *com*, que o autor sugere estar na base de toda e qualquer construção com o verbo *ter* possessivo e existencial.

Como uma das propriedades dos sintagmas nucleados por *com*, Avelar (2006b) destaca o fato de tais sintagmas não poderem constituir preposições complexas, conforme é mostrado em (19) abaixo, diferentemente de preposições como *em*, *a*, *por* e *para*.

- (19) a. * com cima de
 b. * com baixo de
 c. * com dentro de
 d. * com fora de
 e. * com trás de

Para tentar explicar essa propriedade, o autor argumenta que, ao contrário das preposições *de*, *em*, *para*, a preposição *com* é uma versão da categoria C (complementizador) em domínios preposicionados. Para fundamentar essa ideia, o autor parte de construções como a que se segue em (20).

- (20) aquele armário_i com várias calças sujas (lá) dentro (dele/cv_i/*_j)

- (21) a. [_{CP} DP_i [_C com [_{LocP} DP [_{Loc} Loc [_{pP} p [_{PP} P (pronome/cv)]]]]]]]
 b. [_{CP} [aquele armário]_i com [_{LocP} [várias calças] (lá) dentro (dele/cv)_i]]

De acordo com o esquema em (21a), a preposição *com* toma a projeção de Loc (nucleada por um pronome adverbial do tipo *lá*, *aqui*, *ali*, *ai*) como complemento, com o DP na periferia esquerda da preposição tendo de, obrigatoriamente, ligar um elemento interno a LocP (no exemplo, uma categoria na posição de argumento interno do item *dentro*). Avelar compara *com* a C do seguinte modo: assim como Loc pode ser tida como a contraparte de T(empo), *com* pode ser a de C; logo, do mesmo modo que C toma um TP como complemento, *com* pode selecionar um LocP.

Explorando essa ideia para a natureza de *com*, Avelar (2009) assume que *ter* (possessivo/existencial) se forma pela combinação dos traços de *estar* associados aos dessa preposição complementizadora. Isso ocorre por meio da Inserção Vocabular Tardia, nos moldes propostos por Embick & Noyer (2001), com a matriz fonológica de *ter* sendo inserida no nó terminal que abarca os traços de *estar* e *com*.

Em construções com *estar com* e *ter* como as que se seguem em (22) a seguir, para as quais Avelar (2009) sugere as representações em (23), *o Pedro* é interpretado como possuidor devido à sua concatenação como Spec do PP nucleado pelos traços que

correspondem a *com*. No que diz respeito à computação sintática, a diferença entre uma e outra construção é que, enquanto, na primeira, V e P permanecem como núcleos independentes (ver (23a)); na segunda, P se move para V, com P+V recebendo a matriz fonológica de *ter* (ver (23b)).

- (22) a. O Pedro ***está com*** dinheiro.
- b. O Pedro ***tem*** dinheiro.

- (23) a. [_{TP} [o Pedro]_i [_{T'} T [_{VP} V [_{PP} t_i [_{P'} P dinheiro]]]]]]
 estar com
- b. [_{TP} [o Pedro]_i [_{T'} T [_{VP} [V+P_j]] [_{PP} t_i [_{P'} t_j dinheiro]]]]]]
 ter

Avelar (2009) estende a proposta aplicada às construções possessivas com *ter* às existenciais com esse mesmo verbo. O autor argumenta, nesse sentido, em favor da existência de uma camada preposicional subjacente às construções existenciais com *ter*. Para isso, o autor observa que o Português Brasileiro admite não apenas *ter*, mas também *estar com*, em construções impessoais que servem à expressão de existência, como nos exemplos em (24)-(25) a seguir. Da perspectiva semântica, por exemplo, Avelar mostra que as existenciais demonstram comportamento análogo às possessivas frente a diferenças de ordem aspectual atreladas à alternância entre *ter* e *estar com*, no sentido de que as construções formadas por *estar com* remetem a uma condição transitória que não é necessária para as que se formam com *ter*.

- (24) a. ***Tá com*** filmes ótimos em promoção lá na locadora.
- b. ***Tem*** filmes ótimos em promoção lá na locadora.
- (25) a. ***Tava com*** mais de dez policiais dentro do banco na hora do assalto.
- b. ***Tinha*** mais de dez policiais dentro do banco na hora do assalto.

As abordagens de Avelar (2004, 2006b, 2009) serão relevantes para a análise que desenvolvemos em torno das construções com *ser-existencial*, na medida em que apresentam uma abordagem que considera como a combinação de traços pode levar à obtenção de diferentes formas verbais para expressar existência no Português Brasileiro.

1.2.3 Sobre construções possessivas e existenciais na história do português

É possível encontrar na história de diferentes línguas um amplo suporte para evidenciar a identidade entre construções existenciais, possessivas e locativas observada em estudos como os de Clark (1978), Freeze (1992) e Avelar (2004, 2009). O português, por exemplo, é uma das línguas cuja evolução fornece evidências para essa identidade.

Mattos e Silva (1995) relata que *seer* era a forma empregada na manifestação de existência, estado transitório e estado permanente até o século XIII. A variação entre as formas *seer* e *habēre* em construções existenciais já era verificada no latim vulgar (as quais só eram representadas pelo verbo *esse* no latim clássico). Igualmente, no latim clássico, *habēre* estava em competição com *tenere* em construções possessivas. *Aver* perdeu os significados do verbo *habēre*, do latim clássico (*possuir, obter, manter, reter, segurar, conter, deter*, dentre outros), que passaram ao domínio do verbo *teer*, restringindo-se somente ao significado de *possuir*. No português, de acordo com Mattos e Silva (1996, 1997, 2002a, 2002b), *haver existencial* sobrepõe-se a *ser* (conforme exemplos em (26a) e (26b), respectivamente) no século XV, enquanto *ter possessivo*, a princípio usado na expressão de posse circunstancial, prevalece, no mesmo período, sobre *haver possessivo* em todos os contextos de posse (seguem em (27a) e (27b), respectivamente, sentenças com *ter* e *haver possessivos*). O verbo *seer* ainda variava com *star* (antes um verbo pleno) nas construções locativas/situativas e construções copulares transitórias, como pode ser visto nas sentenças em, respectivamente, (28a)-(28b) e (29c)-(29d), funções que passaram a ser exercidas somente pelo último no século XVI. Nesse século, a autora registra um contexto, apresentado em (29), em que o verbo *ter* parece admitir tanto a interpretação de posse quanto a de existência. Sobre variedades do Português Brasileiro Contemporâneo, Mattos e Silva (1994b) afirma que o emprego de *ser-existencial* não é mais verificado nessa língua:

“Na possibilidade de selecionar tanto *haver* como *seer* reside uma diferença entre o período arcaico e o atual, que exclui *ser* dessas estruturas” (p. 72).

- (26) a. En hua abadia huu tesoureiro **avia** (Séc. III. Fonte: MATTOS E SILVA, 1997, p. 262)
b. non **foi** quem podesse (MATTOS E SILVA, 1997, p. 262)
- (27) a. Que os çegos *a* nam **tenham**, ainda que ouçam cousas de que se possa haver.
b. E estas meas voages l, m, r, se chamam líquidas e **houveram** este nome açerca dos latinos. (Gramática de João de Barros, apresentado em MATTOS E SILVA, 2002b, p. 128)
- (28) a. Este rey dom Afonso, **seendo** en Castella en este nono anno do seu reinado... (Crônica de Afonso X, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
b. [...] muytos homéés bóós q(ue) y **stauã** presentes. (Chancelaria D. Afonso III, Séc. XIII. Fonte: CIPM)
c. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, **seendo** sano e salvo (= estando)
d. ... e todas aquelas cousas que Deus mi deu em poder **sten** em paz e em folgãcia. (Testamento de Afonso Segundo, apresentado em MATTOS E SILVA, 2002a, p. 105)
- (29) ...se metiam [eles] em almaadias duas ou três que hy **tiinhan**... (Carta de Pero Vaz de Caminha / apresentado em MATTOS E SILVA, 1996, p. 187)

Ribeiro (1996) registra que *aver* adquire no Português Arcaico a significação existencial que não se verificava no latim clássico, em que a expressão de existência era canonicamente realizada por *esse*. Numa observação assistemática do *Índice Analítico do Vocabulário de os Lusíadas* (CUNHA *apud* RIBEIRO, 1996), encontra as construções apresentadas abaixo, em que considera como existenciais os verbos *ter*, *haver* e *ser*:

- (30) a. e assim caminha
Para a povoação, que perto **tinha** (Lus. V, 29)
b. Que aqui gente de Cristo não **havia** (Lus. I, 102)
c. Um Rei, por nome Afonso, **foi** na Espanha (Lus. III, 23) (RIBEIRO, 1996, p. 373)

Perfazendo o percurso histórico do verbo *ser*, Ribeiro observa que este compartilhava com *estar* as construções locativas no Português Arcaico (função que se restringiu, posteriormente, a *estar*). Nas estruturas existenciais, o traço locativo (próprio das construções locativas) também é, segundo Ribeiro, característico do verbo *ser*, que divide espaço com *haver*. O fato de *ser* ter perdido o traço locativo nas estruturas locativas fez com que deixasse de figurar nas estruturas existenciais, o que levou à sua eliminação como auxiliar temporal, já que a presença desse traço é o que levaria um verbo, em português, a ser ou não auxiliar⁸.

Segundo Ribeiro (1996, p. 377), o Português Brasileiro não conta com o emprego existencial do verbo *ser*:

ser caracteriza-se no PA sempre como um auxiliar verbal, nas perifrásticas passivas e ativas, e nas construções existenciais e locativas. **No PB contemporâneo conserva só o seu estatuto de auxiliar nas perífrases passivas** (grifo nosso).

Como já ressaltamos, Avelar (2004, p. 1) adota para o Português Brasileiro a proposta de que existe uma base subjacente comum para construções copulativas, possessivas e existenciais, argumentando que esses padrões sentenciais são obtidos por meio de “operações aplicadas sobre uma mesma base estrutural”. Em nenhum momento, contudo, Avelar faz menção à possibilidade de ocorrência de construções com o verbo *ser* no PB.

Numa perspectiva diversa da de Avelar (2004), Viotti (1999) também atesta a correlação entre os verbos que compõem as construções locativas, possessivas e existenciais no português (ao apontar, por um lado, o decréscimo no emprego de *ser* nas locativas e existenciais e a expansão de *estar* nesses padrões sentenciais, por outro), argumentando, no entanto, que a proximidade entre elas não implica no fato de que uma estrutura seja gerada a partir de outra.

⁸ A autora destaca a correlação entre os verbos existenciais e os dos tempos compostos, mostrando que os mesmos verbos que compõem os primeiros fazem parte dos últimos. Para ela, “a relação formal entre os verbos das ‘construções locativas’ e os verbos das perífrases perfectivas é a de que eles se caracterizam como verbos auxiliares, não atribuidores de papel temático” (RIBEIRO, 1996, p. 361).

A autora apresenta um estudo diacrônico desses verbos, sob um enfoque lexicalista, voltando-se para suas particularidades, atendo-se ao esvaziamento do conteúdo semântico sofrido por cada um deles e argumentando que esses verbos passaram por um processo de gramaticalização (vide nota 7). Eles “emergiram” no português esvaziados semanticamente (uns mais (*ser*) que outros (*ter*)).

No que diz respeito à substituição de *ser* por *haver*, de acordo com Viotti (1999, p. 59),

É possível que, com o esvaziamento do conteúdo semântico do verbo e a consequente detematização da posição de argumento externo, os sujeitos locativos tenham sido reanalisados como adjuntos preposicionados internos a VP e dessa reanálise tenha resultado a construção impessoal do tipo existencial.

Em linhas gerais, a autora propõe uma caracterização do verbo *ter*, capaz de explicar as mudanças por ele sofridas historicamente: a de que “sentenças existenciais sempre precisam ter uma interpretação locativa”, assim como “verbos que constróem (sic) sentenças possessivas podem exprimir uma relação entre alguma entidade ou evento e um item lexical que se interpreta como um locativo”⁹ (VIOTTI, 1999, p. 65). Desse modo, uma sentença possessiva, como “A cidade *tem* festa o ano inteiro”, pode ser equiparada semanticamente à existencial “*Tem* festa o ano inteiro na cidade”.

Tendo como ponto de partida o trabalho de Avelar (2004), proporemos, em termos formais, uma arquitetura para as construções existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro Contemporâneo, comparando formalmente o comportamento sintático dessas construções com o das orações existenciais que apresentam os verbos *ter*, *haver* e *estar* (*com*). A hipótese que norteia o estudo, estabelecida dentro de uma perspectiva não-lexicalista, é de que as orações existenciais com *ser* se diferem daquelas com *ter*, *haver* e *estar* por trazerem em seu interior uma categoria portadora do traço de grau (Deg) que, no decurso da derivação sintática, precisa estabelecer uma relação de adjacência com a categoria *v*, num sentido que iremos precisar mais adiante.

⁹ Remetemos o leitor para o capítulo 3 da tese dessa autora, onde a referida proposta é desenvolvida.

1.3 Sobre diferenças entre construções existenciais e copulativas com o verbo *ser*

Nesta seção, trataremos dos contrastes sintático-semânticos que se verificam entre as construções existenciais com *ser* e as construções copulativas, no intuito de diferenciar o emprego de *ser* como existencial do seu emprego como copulativo. Antes de tratarmos diretamente das construções existenciais com *ser*, cabe chamar a atenção para as observações de Avelar (2004) em torno das restrições de especificidade e definitude que envolvem as construções existenciais com *ter* e as locativas e copulativas com *ser* e *estar*.

O trabalho de Avelar (2004), conforme já mencionado, propõe que, no âmbito das construções possessivas, copulativas e existenciais, diferentes combinações de traços levam à obtenção de diferentes padrões sentenciais. Como mostrado na seção anterior, entre esses padrões se encontram as estruturas com *ser* e *estar*. O autor propõe, em linhas gerais, que:

a realização de uma existencial com *ter* parece estar associada à permanência de um constituinte indefinido em seu *locus* de inserção, enquanto a derivação de copulativas/locativas com *ser* e *estar* vão contar com a presença de constituintes definidos (ou indefinidos com um certo caráter de especificidade) na posição de sujeito, aparentemente alçados a partir da mesma posição em que o DP complemento da sentença existencial ocorre. (AVELAR, 2004, p. 33-34)

Esse autor mostra o paralelismo temático que há entre existenciais e copulativas, como nos exemplos a seguir.

- (31) a. Tem *vários ministros de Lula* a favor das reformas.
b. *Vários ministros de Lula* são a favor das reformas.
- (32) a. Tem *algumas provas do Jairo* muito fáceis.
b. *Algumas provas do Jairo* são muito fáceis.
- (33) a. Tem *muitos deputados do PT* extremamente radicais.
b. *Muitos deputados do PT* são extremamente radicais.

As existenciais em (a) e as copulativas em (b) aparentemente portam, segundo o autor, a mesma interpretação. Nos três pares de sentenças acima, tanto o complemento da existencial quanto o sujeito da copulativa apresentam, ao mesmo tempo, um caráter indefinido (evidenciado pelo uso de formas como *vários*, *algumas* e *muitos*, respectivamente) e específico (estabelecido pela introdução dos modificadores preposicionados *de Lula*, *do Jairo* e *do PT*, respectivamente).

O autor se vale de sentenças como aquelas em (34)-(36) abaixo para reforçar o fato de que a posição de sujeito de *ser* tende a receber constituintes com referência definida (cf. os casos em (b)), enquanto o predicado existencial (com o verbo *ter*) tende a rejeitar DPs definidos como complemento (cf. os casos em (a)), a não ser que tais DPs sejam realizados nos chamados “contextos de lista”.

- (34) a. * Tem *o Palocci* a favor das reformas.
b. *O Palocci* é a favor das reformas.
- (35) a. * Tem *a prova do Jairo* muito fácil.
b. *A prova do Jairo* é muito fácil.
- (36) a. * Tem *os deputados do PT* extremamente radicais.
b. *Os deputados do PT* são extremamente radicais.

Avelar também chama a atenção para contrastes envolvendo a interpretação de constituintes nominais que não são antecidos de determinantes e quantificadores, como os sintagmas italicizados em (37)-(39) abaixo: enquanto assumem uma leitura existencial nas construções com *ter*, constituintes desse tipo recebem uma interpretação genérica quando na posição de sujeito das construções com *ser*.

- (37) a. Tem *deputados do PT* extremamente radicais.
b. *Deputados do PT* são extremamente radicais.
- (38) a. Tem *prova do Jairo* muito fácil.
b. *Prova do Jairo* é muito fácil.

- (39) a. Tem *praias cariocas* conhecidas internacionalmente.
b. *Praias cariocas* são conhecidas internacionalmente.

Observando casos como os que se seguem em (40)-(41), Avelar também destaca que constituintes com quantificadores existenciais na posição de sujeito das construções com *ser* (cf. as sentenças em (b)) têm de apresentar uma interpretação partitiva, ao contrário do que acontece quando constituintes desse tipo ocorrem nas existenciais com *ter* (cf. as sentenças em (a)). Nesse sentido, por exemplo, (40b), mas não (40a), é necessariamente parafraseável por uma construção como *Duas das toalhas que estão no banheiro são para o Pedro se enxugar*, na qual o total de toalhas indicado é parte de um conjunto maior de toalhas.

- (40) a. Tem *duas toalhas no banheiro* para o Pedro se enxugar.
b. *Duas toalhas no banheiro* são para o Pedro se enxugar.
- (41) a. Tem *muitos ônibus do Centro para Barão Geraldo* na parte da manhã.
b. *Muitos ônibus do Centro para Barão Geraldo* são na parte da manhã.

Se, por um lado, a interpretação das sentenças copulativas requer a pressuposição de que há outras toalhas no banheiro além das duas que se encontram disponíveis para o Pedro se enxugar (cf. (40b)), bem como a de que há ônibus para Barão Geraldo em outros turnos além do matutino (cf. (41b)), essa interpretação obrigatoriamente partitiva não se impõe às sentenças existenciais.

Esse mesmo argumento é usado por Avelar para explicar o estranhamento sobre a sentença copulativa em (43b) abaixo, em contraste com o caso em (42b). Em (42), o constituinte *quatro estados brasileiros* apresenta uma leitura necessariamente partitiva tanto em (a) quanto em (b). Inversamente, essa mesma interpretação partitiva não pode ser aplicada ao caso em (43), já que vinte e seis é o número total de estados existentes no Brasil, daí o estranhamento da construção em (b).

- (42) a. Tem *quatro estados brasileiros* na região sudeste.
b. *Quatro estados brasileiros* são na região sudeste.

- (43) a. Tem *vinte e seis estados* no Brasil.
 b. # *Vinte e seis estados* são no Brasil.

Argumentando que *ter*, *ser* e *estar* são verbos obtidos a partir de transformações sobre uma mesma forma verbal abstrata, o autor conclui

que DPs indefinidos estão associados à realização de uma sentença existencial; DPs específicos/definidos devem ser alçados, com o verbo *ter* transformando-se em *ser* ou *estar*; DPs indefinidos com marcação de especificidade podem permanecer *in situ*, derivando a existencial, ou podem ser alçados, derivando a estativa ou a copulativa. Há ainda, como vimos, uma quarta possibilidade, mais rara com *estar* [...], porém bastante freqüente com *ser*, que é a ocorrência de *bare nouns* com interpretação genérica na posição de sujeito da cópula (AVELAR, 2004, p. 43), como mostrado no esquema abaixo.

- (44) TER DP_{IND/-ESP} XP
 (45) [DP_{DEF/+ESP}]_i SER/ESTAR t_i XP
 (46) a. TER DP_{IND/+ESP} XP
 b. [DP_{IND/+ESP}]_i SER/ESTAR t_i XP
 (47) [DP_{GENÉRICO}]_i SER t_i XP

Retornemos agora ao caso dos tipos sentenciais que interessam diretamente a esta tese, que são as construções existenciais com *ser*. À primeira vista, poderíamos ser levados a considerar que, sempre que sentenças como aquelas em (48a) abaixo admitissem a paráfrase em (48b), estaríamos diante de uma construção copulativa, e não de uma existencial. Dessa perspectiva, as verdadeiras existenciais com *ser* seriam aquelas que não admitissem tal paráfrase, como em (49) adiante.

- (48) a. Lá no Rio de Janeiro, *é uma* violência terrível.
 b. Lá no Rio de Janeiro, *a* violência *é* terrível.
 (49) a. Na minha época, *era só* o bonde mesmo [= não havia ônibus ainda].
 b. * Na minha época, o bonde *era só* mesmo.

Contudo, a partir do que expusemos do trabalho de Avelar (2004), e levando em conta algumas questões particulares das construções com *ser*, possibilidades de construção de paráfrases como a observada em (49) não serão aqui consideradas como um indício ou evidência para atestar o estatuto de uma construção como copulativa, e não como existencial.

Uma dessas questões reside no fato de que, como apontado por Avelar, é comum que as existenciais com *ter* admitam uma paráfrase copulativa com *ser* ou *estar*. Dessa forma, não causa surpresa que as existenciais com *ser* também possam ser parafraseadas por construções copulativas com o mesmo verbo. Além disso, os contrastes envolvidos nas restrições de definitude, quando comparamos as existenciais com *ter* e as copulativas com *ser* e *estar*, também são observados em casos que admitem paráfrase, como observado em (50)-(51) a seguir: vemos que, quando posposto ao verbo, o N *violência* pode ser antecedido de um quantificador indefinido (cf. (50)), comportamento que é bastante similar ao das existenciais com *ter*; o mesmo não é observado quando o N é preposto ao verbo (cf. (51)), produzindo uma construção copulativa, quando o quantificador indefinido sem interpretação partitiva não é admitido.

- (50) a. Lá no Rio de Janeiro *é uma* violência terrível.
b. * Lá no Rio de Janeiro *é a* violência terrível.

- (51) a. Lá no Rio de Janeiro, *a* violência *é* terrível.
b. * Lá no Rio de Janeiro, *uma* violência *é* terrível.

O contraste observado em (50)-(51) nos leva a considerar que estamos diante de duas instâncias diferentes de *ser*: uma existencial, e outra copulativa. Isso reforça o que foi apresentado na introdução deste trabalho, quando mostramos o Paradigma Locativo proposto por Freeze (1992). Segundo esse autor, se o Tema (argumento interno) for definido, será movido para o início da sentença, obtendo-se uma sentença locativa (*O livro está sobre a mesa*), ao passo que, se o Tema for indefinido (normalmente com traço [-humano] – já que o Tema indefinido com traço [+humano] gera uma construção possessiva), movendo-se, assim, para a posição de sujeito –, o resultado será a derivação de

uma sentença existencial. Independentemente da discussão em torno de que elemento ocupa a posição de sujeito nas construções existenciais, o que é relevante para os nossos propósitos têm a ver com o fato de que, no âmbito das construções com *ser*, as restrições de (in)definitude, associadas com a posição em que ocorre o DP sobre o qual tal restrição se aplica, são responsáveis pela alternância entre a interpretação existencial e a interpretação copulativa¹⁰.

1.4 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, demonstramos, por meio de exemplos, que, enquanto o verbo *ter* é de uso generalizado nas chamadas construções existenciais no Português Brasileiro, o mesmo não acontece com os verbos *haver* e *existir*, daí a dificuldade para encontrarmos sentenças em que tais verbos possam substituir uns aos outros (cf. AVELAR, 2006a). Outro aspecto destacado no capítulo foi o fato de que nem toda sentença denominada “existencial” expressa, de fato, “existência”. Apesar das incoerências que recaem sobre a noção de “existência”, como também da imprecisão em torno das sentenças tidas como existenciais, optamos por manter, neste trabalho, o termo *ser-existencial* para designar o verbo

¹⁰ Uma questão posta na Qualificação de Tese foi que as sentenças do tipo que apresentamos neste trabalho são mais suscetíveis a serem parafraseadas por copulativas toda vez que contam com um quantificador do tipo *muito* em sua coda, como mostra o par:

- (i) a. Lá no Rio de Janeiro *é* muita violência.
b. Lá no Rio de Janeiro violência *é* muita.

De acordo com nossa intuição linguística, a segunda sentença não constitui uma copulativa, senão uma existencial em que o NP *violência* é movido por razões de proeminência discursiva – em ambas, mantém-se a mesma ideia: a de que existe muita violência no Rio de Janeiro.

Ainda, com relação ao par de sentenças:

- (ii) a. *São* muitos alunos nesta sala.
b. Nesta sala alunos *são* muitos.

novamente entra em jogo a presença ou não do DP definido, pois, quando esse se encontra na sentença, aí sim esta se torna uma copulativa, como podemos ver na sentença a seguir:

- (iii) Nesta sala, os alunos *são* muitos.

não sendo possível um DP definido numa existencial, como podemos ver em:

- (iv) * Nesta sala, *são* muitos os alunos. (Neste caso, trata-se ainda de uma copulativa, só que com o DP *os alunos* em posição pós-verbal)

empregado nas construções aqui analisadas, em conformidade com a literatura corrente. Isso não trará implicações para a análise, visto que esta se pauta em fatores sintáticos, que irão determinar a obtenção de tais construções. Ao apresentarmos a equivalência entre sentenças com os verbos *ser*, *haver* e *ter*, abordamos estudos que visam a sustentar a ideia de que construções existenciais, possessivas e copulativas provêm de uma mesma estrutura sintática subjacente, ideia assumida por autores, como Lyons (1968), Clark (1978), Freeze (1992) e Avelar (2004). Essa base comum para construções copulativas, possessivas e existenciais encontra evidência em dados históricos do português, conforme atestam os trabalhos de Mattos e Silva (1994a, 1994b, 1996, 1997, 2002), Ribeiro (1996), Avelar (2004, 2006a, 2008) e Viotti (1999). Ainda foram elencadas particularidades sintático-semânticas próprias das construções existenciais que as opõem às construções copulativas, sobretudo no concernente a restrições de especificidade e definitude: de um lado, a posição de sujeito de *ser* tende a abrigar constituintes definidos, de outro, o DP pós-verbal nas existenciais são normalmente indefinidos. Isso nos leva a considerar a existência de pelo menos dois tipos diferentes de *ser* no Português Brasileiro Contemporâneo – um existencial e um copulativo.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Introdução

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que sustentam esta tese, com base nos quais se fará a análise formal sobre as construções com *ser-existencial* no Português Brasileiro Contemporâneo. Assumindo um viés não-lexicalista, consideramos que a forma verbal utilizada na construção existencial não entra “pronta” na computação sintática, mas é obtida a partir de uma composição de traços formada no decorrer da derivação; a forma verbal a ser inserida na estrutura disponibilizada pela computação sintática só é determinada após *Spell-Out*, no caminho para o componente fonológico. Para explorar essa ideia, recorreremos a pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993) e do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), mais especificamente na linha da abordagem proposta em Adger (2004), que correlaciona checagem de traços e seleção categorial. Abordaremos, ainda, alguns trabalhos que assumem a presença de uma categoria de grau em estruturas sintáticas, como em *Small Clauses Livres* do Português Brasileiro (SIBALDO, 2009) e na formação de expressões comparativas e superlativas (sintéticas e analíticas) do inglês (EMBICK, 2007).

2.1 Programa Minimalista

De acordo com Chomsky (1995), existe um componente do cérebro dedicado estritamente à linguagem – a Faculdade de Linguagem (FL), própria da espécie humana. FL possui um estado inicial S_0 , geneticamente determinado, que passa por estágios ($S_1, S_2, \dots S_n$) até atingir a aquisição completa da linguagem, o estágio S_n . A FL possibilita à criança adquirir a gramática particular de uma língua por meio da marcação de parâmetros presentes na Gramática Universal (doravante GU) a partir dos chamados *dados linguísticos primários*. A gramática final é o resultado da interação entre os dados primários e a GU.

Dessa perspectiva, uma língua particular L é formada por um Léxico¹¹ e um Sistema Computacional (C_{HL}). L constrói pares (π, λ) , que são interpretados, respectivamente, nas interfaces articulatório-perceptual (A-P) e conceitual-intencional (C-I), que consistem, respectivamente, em combinações entre som e significado nas línguas naturais. π é uma representação do componente fonológico (doravante, PF, de *Phonological Form*), enquanto λ diz respeito ao componente semântico, lógico (doravante, LF, de *Logical Form*). É preciso que os objetos sintáticos recebam interpretações em cada um desses níveis, de modo a “alimentar” as interfaces, em atendimento à Condição da Interpretação Plena. Se houver alguma impossibilidade de interpretação em qualquer das interfaces, a derivação de uma sentença fracassa.

O objetivo do Programa Minimalista é responder quão perfeita deve ser a FL para atender aos requerimentos dos níveis de interface, compreendidos como “condições de legibilidade”: as expressões geradas pela FL deverão ser legíveis (interpretadas) tanto em PF quanto em LF. A tese minimalista forte se constitui, assim, na assunção de que FL consiste numa solução ótima para condições de legibilidade – as expressões geradas por L estão sujeitas a imposições de base semântica ou fonológica ou, ainda, à simplicidade geral do sistema computacional (no sentido de que só convergirão as computações mais econômicas para o sistema).

Um arranjo lexical A de escolhas lexicais em (π, λ) , denominado **Numeração**, é projetado pelo sistema computacional. Em linhas gerais, A consiste num arranjo de pares (IL, i) , sendo IL um item retirado do léxico, e “ i ”, um índice correspondente à quantidade de vezes em que IL é selecionado para a construção de (π, λ) . Desse modo, a sentença que se segue em (1a) corresponde a Numeração em (1b).

(1) a. O ladrão roubou o meu carro.

b. Numeração = $\{o_2, ladrão_1, roub_{-1}, meu_1, carro_1, T_1\}$

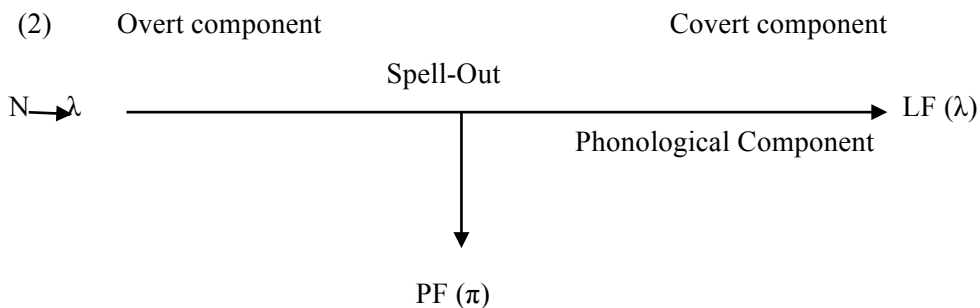
¹¹ A noção de léxico aqui empregada se difere daquela adotada num modelo não-lexicalista, como a Morfologia Distribuída.

Para que uma computação seja tida como uma derivação, é preciso que todos os índices da Numeração sejam exauridos até serem reduzidos a zero. Logo, uma língua L atua sobre uma Numeração N , formando a sequência $S (\sigma_1, \sigma_2, \sigma_3 \dots \sigma_n)$, de modo que, ao fim, σ_n constitua um par (π, λ) e N esteja reduzido a zero.

O sistema computacional dispõe de duas operações básicas, que não geram custos para o sistema:

- (a) Selecionar, segundo a qual um item lexical deve ser selecionado da Numeração (esgotando-se todos os seus índices) e introduzido na derivação;
- (b) Conectar (*Merge*), que promove a combinação de dois objetos sintáticos.

Uma propriedade central do sistema computacional da linguagem é, nos termos de Chomsky (1995), a checagem de traços que não são interpretáveis nas interfaces. Assume-se, nesses termos, que um traço checado torna-se invisível na interface. Elementos que são interpretáveis na interface articulatorio-perceptual não o são na interface conceptual-intencional e vice-versa (mais abaixo, explicitamos melhor em que consiste essa operação de checagem). Num dado ponto da derivação, a computação é bifurcada, formando π e λ . Após a bifurcação (*Spell-Out*), não existe mais nenhuma interação entre os componentes π e λ . Segue em (2) o modelo proposto por Chomsky (1995):



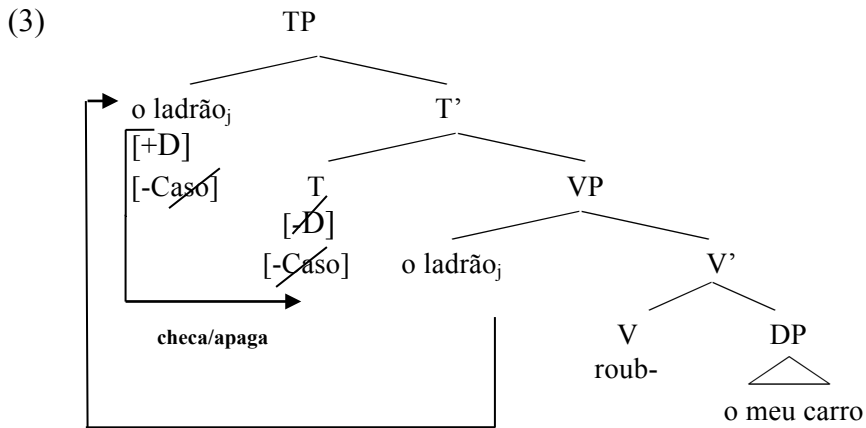
Spell-Out tem por função extrair de uma derivação Σ elementos relevantes para π , deixando o resíduo Σ_L para ser mapeado para λ por operações do sistema. Σ é mapeado

para π no componente fonológico, por operações diferentes das que fazem parte da computação de N para λ , em que os procedimentos computacionais são uniformes.

Busca-se explicar parte dos requerimentos atrelados a condições de interpretabilidade no componente fonológico e no componente semântico a partir da noção de “traço”. O léxico de uma língua é, nesse sentido, composto por categorias com três tipos de traços:

- (a) fonológicos (traços fonologicamente interpretáveis), a base para o sistema articulatório-perceptual (A-P);
- (b) semânticos (traços semanticamente interpretáveis), relevantes (recebem uma interpretação no) para o sistema conceptual-intencional (C-I);
- (c) formais, traços acessíveis no decorrer da computação (desde a Numeração até LF) – os traços $[\pm N]$ e $[\pm \text{plural}]$, por exemplo, são acessíveis no decurso da computação, enquanto traços semânticos, como [artefato], não o são. Ainda, esses traços podem ser semanticamente interpretáveis (os traços- ϕ (gênero, número e pessoa dos nomes) ou não-interpretáveis (Caso, EPP e traços- ϕ de categorias que concordam com o nome).

Os traços não-interpretáveis precisam ser eliminados antes de chegarem às interfaces. Essa eliminação se dá através da operação de *checagem*. Dessa forma, um elemento com traço não-interpretável atrairá para o seu domínio de checagem um elemento que possua esse mesmo traço, que poderá estar em sua versão interpretável ou não-interpretável. Assim, por exemplo, o traço EPP (traço D-forte da categoria T(empo), nos termos de Chomsky (1995)) exige o movimento de um DP (sujeito) para [Spec,TP]. Logo, o traço EPP é checado (e subsequentemente apagado) contra o traço do mesmo tipo presente no DP movido. O movimento do DP também desencadeia tanto a checagem do seu traço de Caso (não-interpretável) quanto a do traço de Caso (também não-interpretável) em T. Essas operações de checagem estão ilustradas em (3) abaixo, assumindo-se a ideia de que toda operação de movimento é reflexo da operação *copiar* seguida da operação *conectar* (cf. CHOMSKY, 1995).



Na próxima seção, apresentaremos uma proposta que se pauta na de Adger (2004), considerando, entretanto, checagem de traço como uma operação atrelada à seleção categorial.

2.2 Checagem de traço de seleção subcategorial não-interpretável

Adger (2004) procura estabelecer uma correlação entre seleção categorial e checagem de traços. O autor define traço (morfofossintático) como uma propriedade da palavra que determina a sua forma particular e à qual a sintaxe é sensível (p. 24).

Adger propõe, mais especificamente, a existência de traços de seleção categorial (c-seleção) ou traços de subcategorização (isto é, que determinam a categoria do elemento que será capaz de se conectar a outro elemento). O verbo *kissed*, a título de exemplo, seleciona um elemento com traço de nome (traço-N) como seu complemento. Esse traço nominal determina que o elemento a ser conectado a *Kiss* também porte um traço-N categorial. Desse modo, nomes como *pigs* ou *Peter* poderão se conectar a *kiss*, não outro verbo ou uma preposição, conforme indicado a seguir.

(4) *kissed Peter*; *kissed pigs*; **kissed eat*; **kissed by* (ADGER, 2004, p. 84)

Para determinar em que consistem os traços de c-seleção, Adger remonta à distinção feita por Chomsky (1995) entre traços interpretáveis e traços não-interpretáveis. Os traços interpretáveis são aqueles que têm um efeito sobre a interpretação da categoria,

enquanto os não-interpretáveis são os requeridos para garantir formalmente a gramaticalidade das estruturas, tais como os traços de Caso que “simply regulate the position of certain nouns in certain structures” (ADGER, 2004, p. 85)

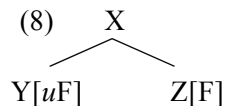
Adger assume que a estrutura sintática a que as regras de interface semântica se aplicam deve consistir apenas de traços interpretáveis. Caso os traços não-interpretáveis permaneçam na estrutura, as regras semânticas não poderão atribuir uma interpretação completa à sentença. Trata-se da chamada *Full Interpretation* cuja formulação é apresentada em Adger como em (5) abaixo.

- (5) Full Interpretation: The structure to which the semantic interface rules apply contains no uninterpretable features.

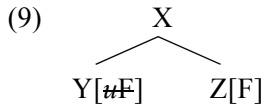
Segundo essa restrição, os traços não-interpretáveis devem ser eliminados da sintaxe antes de as regras de interface semântica serem aplicadas. Nos termos de Chomsky (1995), isso implica que um traço não-interpretável deve entrar numa relação sintática com outro traço de mesma natureza, sendo marcado para eliminação. “Features which are marked in this way undergo a sort of self-destruction when they appear at the level where the semantic interface rules apply” (ADGER, 2004, p. 85).

Adger estende esse pressuposto aos traços de c-seleção da seguinte maneira:

- (6) The Checking Requirement: Uninterpretable (c-selectional) features must be checked, and once checked, they can delete.
- (7) Checking under Sisterhood: An uninterpretable c-selectional feature F on a syntactic object Y is checked when Y is sister to another syntactic object Z which bears a matching feature F.

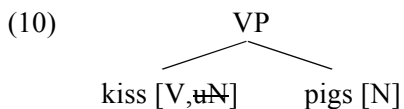


Conforme (8) acima, uma vez que Z é irmão de Y, a relação sintática de irmandade permite que o traço c-selecional não-interpretável (uF) de Y seja checado contra a versão interpretável do mesmo traço em Z, conforme ilustrado em (9).



No momento em que a derivação cessa, e as regras de interface semântica se aplicam, todos os traços não-interpretáveis checados são “auto-destruídos”, de modo que a representação final consiste apenas de traços interpretáveis, em obediência à *Full Interpretation*.

Sob esse enfoque, traços de c-seleção podem ser compreendidos como traços categoriais não-interpretáveis sobre um núcleo (p. 86). Dessa forma, a palavra *kiss*, por exemplo, possui um traço [V] interpretável. Tal traço contribuirá para a sua interpretação como envolvendo um evento. Essa palavra também possui um traço [uN] não-interpretável; daí a necessidade de conectar-se com um nome que apresente esse traço, só que na sua versão interpretável, de modo que tenha seu traço [uN] checado, conforme esta representação:



Essa configuração é gerada com base nos requerimentos do item lexical *kiss*, especificados como em (11) a seguir. Essa especificação exclui exemplos como aqueles apresentados em (4), visto que neles *kissed* se combina com outros elementos que não são nominais, o que impossibilita a checagem de seu traço [uN] (c-selecional) não-interpretável; ao contrário do que ocorre quando esse verbo se conecta com *pigs*, configuração ideal que permite a checagem de seu traço não-interpretável.

(11) kiss [V, uN]

Dessa perspectiva, Adger (2004, p. 90-91) define *Merge* (*Conectar*) da seguinte forma:

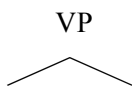
(12) Definition of Merge:

- (1) Merge applies to two syntactic objects to form a new syntactic object.
- (2) The new syntactic object is said to contain the original syntactic objects, which are sisters but which are not linearized.
- (3) Merge only applies to the root nodes of syntactic objects.
- (4) Merge allows the checking of an uninterpretable c-selectional feature on a head, since it creates a sisterhood syntactic relation.

Com base nessa definição, o autor propõe que o núcleo de uma estrutura formada a partir de *merge* seja determinado da seguinte forma:

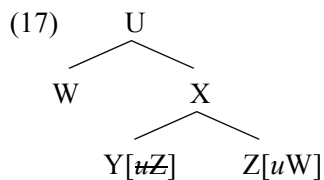
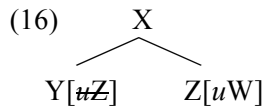
(13) Definition of Head: The head is the syntactic object which selects in any Merge operation. (ADGER, 2004, p. 91)

A partir dessa definição de núcleo, o sistema de checagem de traços proposto por Adger assegura que o verbo é o núcleo do constituinte na estrutura abaixo, dado o fato de ele ser a categoria selecionadora. A propriedade definidora de núcleos é o fato de estes projetarem seus traços, tal como estabelecido conforme em (14)-(15) a seguir.

(14) 
kiss [V, ~~uN~~] pigs [N, ...] (ADGER, 2004, p. 51)

(15) Headedness: The item that projects is the item that selects.

Associando essa ideia à de que *merge* sempre se aplica aos nós raízes, Adger prediz que um objeto sintático A jamais poderá se conectar a um objeto B, checando os traços seletoriais de B, caso ainda tenha traços seletoriais a serem checados. Se tentássemos conectar um elemento com traços não-checados, tais traços jamais poderiam ser satisfeitos por meio da aplicação de *merge*, já que estes acabariam por ficar “presos” na estrutura. Nesses termos, uma estrutura como a que é apresentada em (16) não é possível, pois Z checa o traço c-seletorial de Y ([uZ]) e, a partir do *merge* de Y e Z, é formado o objeto sintático X. Não existe, todavia, qualquer elemento capaz de checar o traço c-seletorial do próprio Z ([uW]). Ainda que conectássemos um elemento W à estrutura (cf. esquema em (17)), este não poderia checar o traço de Z, visto que não é irmão de Z (e, lembremos, a checagem de traços categoriais se dá sob irmandade). O resultado será a formação de uma estrutura em que um elemento permanecerá com traço não-interpretável a ser checado, violando, assim, a Condição da Interpretação Plena.

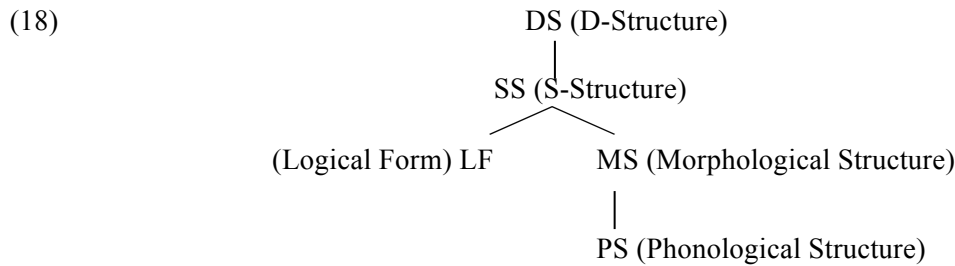


Voltaremos a abordar essa proposta no capítulo 4, quando iremos explorá-la para propor uma arquitetura subjacente às construções existenciais com o verbo *ser*.

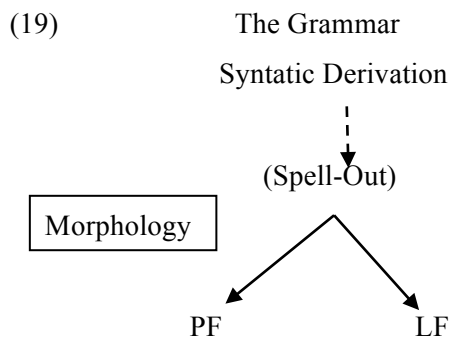
2.3 Morfologia Distribuída

A *Morfologia Distribuída* tem por base a proposta desenvolvida por Halle & Marantz (1993), segundo a qual um nível morfológico deve ser acrescido aos níveis de representação que eram normalmente assumidos no modelo de Regência e Ligação –

Estrutura Profunda, Estrutura Superficial, Forma Lógica e Forma Fonética, conforme em (18) abaixo. Dentre outros procedimentos, é na Estrutura Morfológica que se dá a chamada *inserção vocabular*, que consiste na atribuição de matriz fonológica aos itens disponibilizados pela computação sintática.



A concepção de que as operações morfológicas podem ocorrer em qualquer ponto da derivação (a morfologia consiste num conjunto de processos distribuídos por todo o sistema, de onde provém o nome *Morfologia Distribuída* (MD)) se conforma aos pressupostos da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, dentro da qual uma operação morfológica pode ser efetuada tanto na sintaxe estrita quanto entre *Spell-Out* e a Forma Fonética, como ilustrado pelo esquema em (19). Seguindo autores como Halle & Marantz (1993), Harley & Noyer (2003), Embick (2003, 2007), assumiremos que itens funcionais (como os verbos *ter*, *ser* e *estar(com)*) entram na computação sintática desprovidos de qualquer informação sobre matriz fonológica, hipótese também assumida nos trabalhos de Avelar (2004, 2006, 2009). Essa matriz só é inserida no caminho para PF, no processo de inserção vocabular, que se dá após *Spell-Out*.



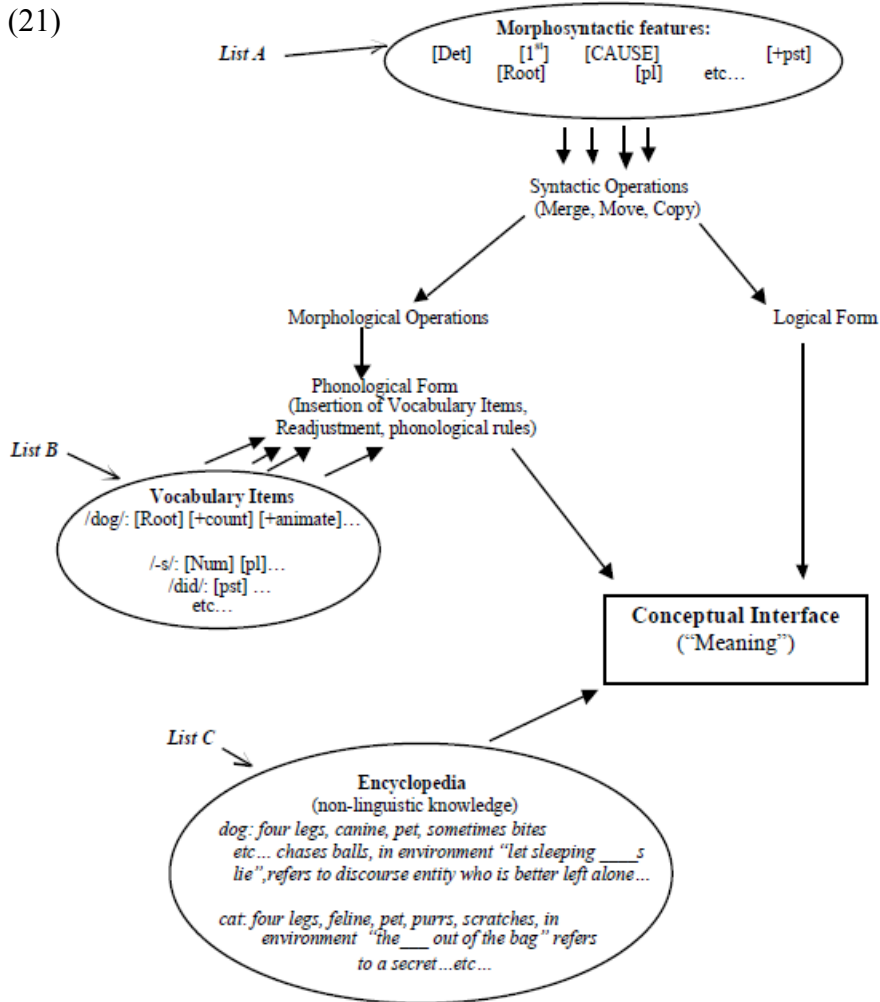
De um modo geral, a Morfologia Distribuída concebe o que chamamos tradicionalmente de *morfemas* como itens que trazem informações ‘armazenadas’ em três tipos de listas, indicadas em (20) a seguir, a serem acessadas no decorrer da derivação. Como ressaltado por Embick & Noyer (2005, p. 6), “as the primitives of syntax and hence of morphology, the items in these lists are the ultimate elements out of which words, phrases, and sentences are composed”.

(20) LISTS

- a. The Syntactic Terminals: The list containing the Roots and the Abstract Morphemes.
- b. The Vocabulary: The list of Vocabulary Items, rules that provide phonological content to abstract morphemes.
- c. The Encyclopedia: The list of semantic information that must be listed as either a property of a Root, or of a syntactically constructed object (idioms like kick the bucket). (EMBICK & NOYER, 2005, p. 9)

Segue em (21) um esquema retirado de Harley & Noyer (2003, p. 2), no qual verificamos as listas e os pontos da derivação em que são acessadas.

(21)



Mais adiante, serão explorados alguns pressupostos da Morfologia Distribuída, em particular nos termos de Embick (2003), na tentativa de explicar de que modo a matriz fonológica do verbo *ser* é acessada, em lugar da de *ter* ou *estar (com)*, na derivação de sentenças existenciais do Português Brasileiro.

2.4 Inserção vocabular e condições de adjacência

Nesta seção, abordaremos o papel das condições de adjacência entre itens no processo de inserção vocabular, abordando trabalhos como o de Embick (2007), que analisa a obtenção de participios em inglês, e de Rizzi (2004), que discute a interferência dos advérbios no estabelecimento de certas relações estruturais. Essas propostas serão relevantes dentro da análise que proporemos para as construções com *ser-existencial* no capítulo 4, em

particular no que diz respeito ao estabelecimento de contrastes derivacionais que entram em jogo nas derivações de sentenças existenciais com outros verbos.

2.4.1 O papel da adjacência entre núcleos no processo de inserção vocabular

Seguindo Embick (2003), assumiremos que condições de adjacência são relevantes para determinar a escolha dos itens vocabulares destinados a alimentar a estrutura hierárquica disponibilizada pela computação sintática.

Assumindo uma perspectiva não-lexicalista, Embick (2003) apresenta casos em que um único item vocabular realiza o mesmo expoente em dois nós sintático-semânticos distintos, o que ele caracteriza como *sincretismo sistemático*, como no exemplo em (22) a seguir, da língua Hupa (dados de GOLLA, 1970), no qual são mostrados os prefixos de concordância pessoa/número para sujeitos e objetos. Em outro extremo, o autor destaca casos de *homofonia acidental*, como a flexão verbal de terceira pessoa no inglês comparada com a realização do traço [+PL], conforme (23). A base para a análise de sincretismo está no fato de que itens vocabulares envolvem *subespecificação*: enquanto os nós terminais (pontos para a inserção de matrizes fonológicas) são completamente especificados, os itens vocabulares (expoentes fonológicos e suas condições de inserção) que definem a inserção nessas posições não são totalmente especificados, daí um mesmo expoente fonológico poder aparecer em mais de um contexto sintático.

(22)	SUBJECT		OBJECT
	1s	W-	WI-
	2s	n-	nI-
	1PL	dI-	noh-
	2PL	oh-	noh-

(23)	Homophony
	AGR[3s] ↔ /-z/
	[+PL] ↔ /-z/

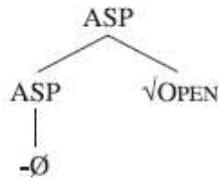
Em (22) acima, atendo-nos às formas do plural, vemos que, enquanto os expoentes *dl-* e *oh-* são usados na posição de sujeito para distinguir, respectivamente, a primeira da segunda pessoa do plural, o mesmo não se verifica na posição de objeto, já que a forma *-noh* é usada para indicar tanto a primeira quanto a segunda pessoa do plural. Embick argumenta que este consiste num caso de sincretismo – trata-se do mesmo *noh*, independentemente de ele aparecer em mais de um contexto plural.

Quanto a (23), não se pode falar em sistematicidade. Ao comparar o caso do Hupa com o do Inglês, Embick mostra que a distinção entre identidade sistemática e identidade accidental, respectivamente, pode ser encontrada nos traços de morfemas que são realizados. No primeiro caso, o expoente *-noh* aparece em dois contextos distintos que envolvem traços [+PL] e [+OBJ]; no outro caso, não há conteúdo de traço compartilhado por AGR[3S] e [PLURAL].

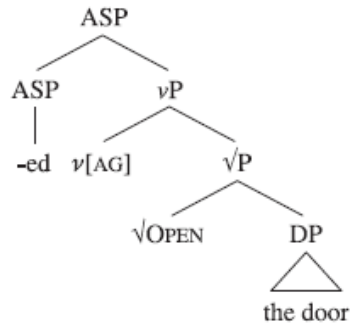
Esses casos são apresentados por Embick para representar extremos relativamente claros, o que não se aplica aos casos como o do morfema *-en* presente no “adjetivo” *rott-en*, como em *The rott-en apples...* O autor argumenta ser esse item o mesmo que ocorre nos “participios” passivos, como em *The letter was writt-en by John*. Para embasar sua hipótese, lança mão da distinção entre participios estativos, resultativos e passivos eventivos em inglês, como indicado nas sentenças em (24) e nas estruturas correspondentes em (25) a seguir.

- (24)
- a. Stative: The door is open.
= The door is in an open state
 - b. Resultative: The door is opened.
= The door is in an state of having become opens (state resulting from event)
 - c. Eventive Passive: The door was opened by John.
= John opened the door

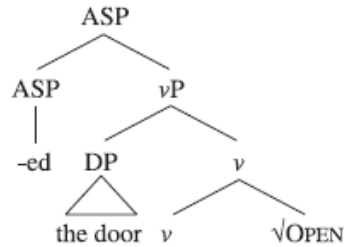
(25) a. Stative



b. Eventive Passive



c. Resultative



O autor estabelece a seguinte generalização para a ocorrência dos participípios:

- (26) Allomorphy Generalization: A “stand out” participial allomorph, like the *-en* in *rott-en* as opposed to perfect and passive *-ed*, is found only in the Stative syntactic structure. (EMBICK, 2003, p. 150)

Essa generalização aponta para o fato de que as formas “especiais” das raízes, como $\sqrt{\text{ROT}}$ ou $\sqrt{\text{OPEN}}$, são as Estativas (de acordo com as distinções estruturais motivadas por Embick), no sentido de que anexam um núcleo diretamente à raiz, não a *v*. O autor apresenta alguns testes para corroborar sua afirmação, os quais não apresentaremos

aqui. O que nos interessa é o fato de a conexão de um elemento diretamente à raiz resultar na realização morfológica de um dado “morfema”, e sua conexão fora da raiz conduzir a outro “morfema”. Cabe destacar, nesse sentido, dois pontos da proposta de Embick, indicados em (i) e (ii) a seguir:

- (i) a análise da alomorfa participial requer a visibilidade global da raiz, conforme especificada em (27) abaixo:

(27) Global Visibility of the Root: In a structure Root- X_1 -... X_n , the Root is visible for insertion (and therefore contextual allomorphy) at each head X .

- (ii) no Ciclo Externo¹², a Raiz e ASP¹³ permanecem numa relação particular quando a inserção vocabular ocorre. Mais especificamente, em cada caso em que ocorre alomorfa irregular de ASP no Ciclo Externo, ASP se encontra linearmente adjacente à Raiz no ponto de inserção em ASP, o que indica que os padrões de irregularidade nos participios sugerem adjacência linear mais que visibilidade global da Raiz. Para tornar a questão mais precisa, Embick apresenta a condição em (28) abaixo, que provém de discussões preliminares dos fatores que determinam a alomorfa (cf. SIEGEL, 1978; ALLEN, 1979):

(28) (Linear) Adjacency Condition: Contextual allomorphy at x can be sensitive inwards only to a linearly adjacent element. (EMBICK, 2003, p. 166)

Para Embick, a Linearização se aplica a partir da Raiz e precede imediatamente a inserção. No caso em (29) a seguir, apresentado pelo autor, a Linearização se aplica primeiramente a [$\sqrt{\text{ROOT X}}$], seguida pela inserção em X ; posteriormente, os processos se

¹² *Outer Cycle*, segundo Embick (2003), é aquele em que um determinado núcleo não se afixa diretamente à raiz.

¹³ Quanto a ASP, afirma Embick (2003, p. 148): “Structurally, the Stative has the structure [...] in which a functional head, labelled ‘ASP’ here, is attached to the Root”. E em nota, o autor complementa, “Disregarding the label ‘ASP’ on the functional head, this is the structure that one would associate with a standard ‘adjective’”. No decorrer do texto, Embick estabelece a relação entre o rótulo ASP e o rótulo *a* para ‘adjetivo’, detalhes que não aprofundaremos aqui por não serem pertinentes para o nosso trabalho.

aplicam a ($\sqrt{\text{ROOT}} * X$) e Y. Entra em jogo, nesse ponto, uma propriedade chamada Transparência- \emptyset , que traduz o fato de afixos sem realização fonológica não serem relevantes para propósitos de adjacência linear. A derivação do participio *brok-en* (em (29)) envolve um participio cuja formação requer a presença de ν (Ciclo Externo):

- (29) Derivation of *brok-en*
- | | |
|------------------|---|
| INPUT: | $[[\sqrt{\text{BREAK}} \nu] \text{ASP}]$ |
| Linearization 1: | $[(\sqrt{\text{BREAK}} * \nu) \text{ASP}]$ |
| Insertion 1: | $[(\sqrt{\text{BREAK}} * -\emptyset) \text{ASP}]$ |
| | \emptyset -Transparency: $(\sqrt{\text{BREAK}} * -\emptyset) \rightarrow (\sqrt{\text{BREAK}})$ |
| Linearization 2: | $(\sqrt{\text{BREAK}} * \text{ASP})$ |
| Insertion 2: | $(\sqrt{\text{BREAK}} * -en)$ |

O que o esquema acima sugere é que a alomorfia determinada na Raiz ocorre no Ciclo Externo por conta da Condição da Adjacência (Linear), de acordo com Embick. A noção de adjacência linear também é fundamental para a abordagem desenvolvida em Embick (2007) em torno dos adjetivos comparativos e superlativos em suas formas sintética e analítica em inglês. Esse trabalho será apresentado na seção 2.5, que abordará os sintagmas que servem à expressão de grau.

2.4.2 O papel do advérbio como um elemento interventor no estabelecimento de adjacência

Os estudos de Bobaljik (1995, 1996) também dão base à ideia de que a adjacência entre núcleos pode conduzir a um *merge* entre dois núcleos (a exemplo da junção que ocorre entre um afixo e uma raiz) no componente morfológico. De acordo com o autor, a adjacência só pode ser bloqueada por categorias que recebam forma fonética (cf. (30a) abaixo), logo estão excluídos vestígios (em termos minimalistas, cópias apagadas) e projeções vazias (cf. (30b)). Um ponto que será relevante para o presente estudo (a ser discutido) é o fato de constituintes em configuração de adjunção também não consistirem em barreira para o estabelecimento da adjacência (cf. (30c)), de acordo com a proposta de Bobaljik (1996), para quem isso se justifica devido a adjuntos não interferirem nas relações estruturais.

- (30) a. ...X [_{YP} NP [_{Y'} Y... X,Y não são adjacentes
 b. ...X [_{YP} t [_{Y'} Y... X,Y são adjacentes
 c. ...X [_{YP} *advérbio* [_{Y'} Y... X,Y são adjacentes

O que se pode depreender de (30b) acima é que X e Y vão sofrer *merger* no componente morfológico, já que o elemento que se coloca entre eles é desprovido de material fonético. Da mesma forma, a presença do advérbio entre X e Y na configuração em (30c) não bloqueia a adjacência entre os dois núcleos pelo fato de o advérbio ser um adjunto. Em (30a), ao contrário, o bloqueio se dá pela presença de um NP.

Rizzi (2004) apresenta uma proposta que, em um certo sentido, se contrapõe às conclusões de Bobaljik: de acordo com Rizzi, advérbios podem consistir em elementos interventores por ocuparem a posição de especificador de uma projeção funcional¹⁴. Essa abordagem será útil para nos ajudar a explicar, no capítulo 4, o porquê de haver comprometimento na aceitabilidade/gramaticalidade das sentenças com o verbo *ser-existencial* sempre que um advérbio se coloca entre *v* e o constituinte com traço intensificador de grau.

Rizzi (2004) estuda a relação entre localidade e periferia à esquerda, tentando dar uma caracterização formal refinada para Minimalidade Relativizada (MR) (bem como mostrar como o estudo de localidade interage com a “abordagem cartográfica”). Com base na ideia de que relações estruturais fundamentais são locais, no sentido de que devem ser satisfeitas no menor ambiente estrutural possível, relações locais entre dois elementos são bloqueadas se um terceiro se coloca entre eles e se esse elemento participa, ainda que potencialmente, na relação relevante. Esse consiste no ponto central da MR.

Isso é demonstrado em exemplos, como os que se seguem em (31), nos quais um núcleo não pode alcançar uma posição mais alta que a de seu especificador ou mais baixa que a do núcleo de seu complemento (não pode alcançar o complemento de seu complemento, por exemplo).

¹⁴ O autor dá a essa categoria o rótulo de ModP, por abrigar advérbios modificadores. Adiante, adotaremos o rótulo AdvP.

- (31) a. ...that, tomorrow, John will do that
 b. * For, tomorrow, John to do that would be a mistake
- (32) * [For [tomorrow X [John to do that]] would be a mistake

Sobre os casos acima, Rizzi comenta:

An adverb, which can normally intervene between a C and the subject [...] cannot in this case. This is explained by the fundamental locality principle [...] with X the head licensing the adverb position in the left periphery (Rizzi 1997). Then, *for* cannot reach the subject due to the intervention of X. (RIZZI, 2004, p. 5)

Em vez de determinar uma relação de regência especial ou um processo computacional especial para esse caso, tais como movimento coberto, movimento de traço, entre outras, basta assumir que relações elementares de c-comando e localidade se combinam, obtendo-se o efeito desejado. Rizzi propõe que as interações entre o núcleo e XP para licenciamento de traço (checagem de traço e/ou valoração de traço (cf. CHOMSKY, 2000, 2001)), traço de Caso ou um traço envolvido no licenciamento de uma categoria especial, como *pro* ou algo do tipo, sejam expressas da seguinte maneira:

- (33) Feature K is licensed (checked, valued...) on (H, XP) only if
- b. XP is in a MC [Minimal Configuration] with H, and
 - c. c-command holds.

Considerando-se que XP deve se encontrar numa Configuração Mínima com X, nenhum núcleo interveniente faria com que essa relação falhasse, de modo que um núcleo pudesse agir sobre o especificador de seu complemento, mas não sobre o complemento de seu complemento. Um problema apontado pelo autor para essa ideia é o de que apenas determinados advérbios contam para efeitos de minimalidade; um advérbio, como *attentivement* (cuidadosamente) não o faz (cf. OBENAUER, 1994; LAENZLINGER, 1996):

- (34) a. Combien de livres a-t-il attentivement consultés ___ ?
 ‘How many of books did he carefully consult?’
- b. Combien a-t-il attentivement consulté [___ de livres] ?
 ‘How many did he carefully consult of books?’

Poder-se-ia tentar dar conta desse fato, afirmando-se que alguns advérbios ocupam a posição de especificadores A’, enquanto outros estão adjuntos ao sintagma que modificam¹⁵, de modo que somente os primeiros contassem como interventores, no sentido relevante; o autor reconhece, todavia, que essa distinção é muito duvidosa de um modo geral (cf. KAYNE, 1994).

Rizzi (2004) toma como base a estrutura proposta em Rizzi (1997), apresentada em (35) adiante, para propor que a posição ocupada pelo advérbio preposto é a posição de um núcleo “Mod(ificador)”, entre as projeções de Força e Finitude¹⁶, “assuming modification to be the substantive relation between an adverb and the structure it relates to” (p. 18). O autor assume a análise de Cinque (1999) das posições do advérbio:

each adverb is licensed in the Spec of a dedicated head, occurring in a given position of a universal hierarchy; so, a frequentative adverb occurs

¹⁵ Duas propostas sobre a posição ocupada pelo advérbio são predominantes, conforme Cinque (2004, p. 2):

- (1) ADJUNCTION APPROACH: free adjunction of AdvPs (to a maximal projection) reflecting unmoved order, with independent semantic principles putting constraints on their ordering, their position, their interpretation (or ambiguity therein), etc., at C-I (cf. e.g. Ernst 2002)
- (2) FUNCTIONAL SPECIFIER APPROACH: semantic/pragmatic classification of adverbs, attributing a particular (‘dedicated’) functional projection with a unique Spec to each class, and adducing a functional hierarchy from distributional facts (cf. e.g. Cinque 1999)

¹⁶ Ao tratar da cartografia de CP, Rizzi (1997) propõe o que se costuma chamar de *CP estendido*, ou seja, a existência de outras projeções dentro da camada CP a ele relacionadas. O autor considera o sistema complementizador como uma interface entre um conteúdo proposicional, expresso por IP, e uma estrutura superordenada, um sintagma mais acima na estrutura, possivelmente interagindo com o discurso. Desse modo, olhando-se a estrutura mais alta, observa-se que os complementizadores indicam o fato de uma sentença ser uma pergunta, uma declaração, uma exclamação, uma relativa etc., chamada de Tipo oracional (cf. CHENG, 1991 *apud* RIZZI, 1997) ou especificação de **Força** (CHOMSKY, 1995), termo adotado por Rizzi. O outro tipo de informação expressa pelo sistema de C olha para o conteúdo de IP nele embutido, envolvendo certas propriedades do sistema verbal da oração, tal como regras de concordância entre C e I. Uma maneira de dar conta dessa dependência entre C e I é afirmando que C contém uma especificação de Tempo “which matches the one expressed on the lower inflectional system” (p. 283), mais rudimentar que o tempo e outras especificações flexionais do sistema verbal: **Finitude**. Ainda fazem parte do sistema de CP a articulação tópico-comentário e a articulação Foco-suposição.

as modifier in the Spec of a dedicated frequentative head, etc. On top of the whole hierarchy, we assume that the left periphery can contain dedicated Mod heads which can host adverbs as their specifiers; the functional motivation for such heads is that they make the moved adverb prominent, a property that left-peripheral Mod has in common with Top; it differs from Top, though, in not requiring a connection to the discourse context; and from Foc in not requiring the contrastive focal interpretation proper of the left-peripheral Foc position in Romance (see Rizzi (1997)); of course the adverb can also move to the Spec of Foc; in that case it will receive the interpretation and intonational contour of a contrastive focus (RIZZI, 2004, p. 18).

(35) [CP [ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP [IP...]]]]]]]^{17, 18}

No capítulo 4, tomando como válida a proposta de Rizzi segundo a qual advérbios podem contar como elementos interventores ao estabelecimento de certas relações estruturais; exploraremos essa ideia para dar conta de certas propriedades atreladas às construções existenciais com *ser*. Todavia, não adotaremos as projeções sugeridas por esse autor, já que estas não interessam diretamente a nosso trabalho.

2.5 O Sintagma de Grau (*DegP – Degree Phrase*)

Nesta seção, apresentamos trabalhos que assumem a existência de uma categoria relacionada à noção de grau (*Degree*) na configuração de determinados tipos sentenciais. Esses trabalhos darão base à hipótese que iremos defender no capítulo 4, de acordo com a qual as sentenças existenciais com *ser* trazem o que iremos analisar como sendo um núcleo portador do traço de grau.

2.5.1 *DegP* na formação dos comparativos e superlativos do inglês

Embick (2007) propõe que, na formação dos comparativos e superlativos (sintéticos e analíticos) do inglês, entra em jogo uma projeção nucleada por uma categoria que serve à

¹⁷ Os asteriscos em TopP indicam que essa projeção é recursiva. Não constam nesta representação as projeções de AgrP.

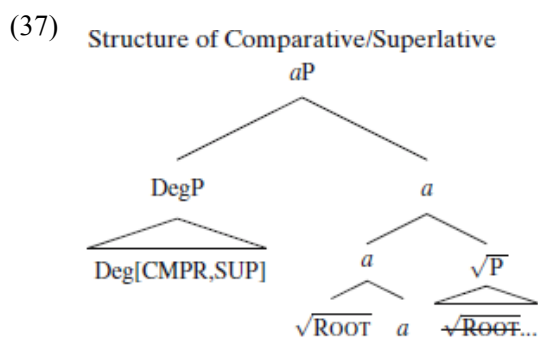
¹⁸ Desse modo, um advérbio frequentativo tanto pode permanecer no Spec de seu núcleo Mod interno a IP como pode mover-se para o Spec do núcleo Mod da periferia esquerda, adquirindo, assim, proeminência estrutural.

expressão de grau (DegP). A partir dessa estrutura, o autor procura dar conta dos contrastes de (a)gramaticalidade na observação de formas sintéticas e analíticas, respectivamente em *smarter*, em vez de **more smart*, e *more intelligent*, em vez de **intelligenter*.

Na distinção entre essas formas, o ponto inicial é que há uma condição prosódica marcando o hospedeiro das formas sintéticas, que só são possíveis com adjetivos curtos – isso resulta no fato de as formas sintéticas estarem para adjetivos monossilábicos, e analíticos, para trissilábicos, como é mostrado nos exemplos em (36) a seguir. Ao contrário de outros casos de movimento em que a fonologia não exerce papel, nesse caso o fator prosódico é visível para o processo de criação das formas sintéticas.

- (36) a. John is smart-er than Bill.
 b. John is mo-re intelligent than Bill.
 c. * John is intelligent-er than Bill.
 d. #John is mo-re smart than Bill.

Embick destaca que, embora as formas sejam diferentes, tanto comparativos quanto superlativos recebem a mesma interpretação – o ponto de partida para a sua análise sintática é a ideia de que há uma única estrutura sintática subjacente aos comparativos e superlativos¹⁹, representada em (37).



¹⁹ De acordo com Embick (2007), os trabalhos que tratam de itens comparativos geralmente levam em conta propriedades interpretativas de Deg, em particular, efeitos de escopo.

O autor assume que DegP está conectado internamente ao Sintagma Adjetival (aP) e se pauta na noção de adjacência entre Deg e o adjetivo para a obtenção das formas sintéticas, enquanto as analíticas são geradas quando algum elemento intervém entre esses constituintes. Deg é uniformemente sintático e sujeito à operação *Local Dislocation*, que converte o núcleo Deg e o adjetivo em uma forma sintética. Conforme estabelecido em (38) adiante, quando as condições necessárias são encontradas, Deg é afixado ao adjetivo, e a operação *Local Dislocation* se aplica; quando não, uma operação ‘suporte’ insere *mo-* para apoiar o núcleo Deg.

(38) a. English C/S Local Dislocation (Provisional)

$$\text{Deg[CMPR,SUP]} * [\dots X \dots]_A \rightarrow [\dots X \dots]_A^{\oplus} \text{Deg[CMPR,SUP]}$$

where the phonological form of $[\dots X \dots]_A$ meets the prosodic condition

b. $\text{Deg [CMPR]} \frown (\sqrt{\text{Proud}}^{\oplus} a) \rightarrow ((\sqrt{\text{Proud}}^{\oplus} \text{Deg [CMPR]})$

Para que a regra acima se aplique, pelo menos duas condições são necessárias:

(39) **Condition 1 (C1):** The prosodic condition: the process applies only to ‘short’ adjectives, perhaps with certain exceptions as well.

Condition 2 (C2): Deg[CMPR/SUP] must be linearly adjacent to the adjective.

A ideia por trás dessas condições é a de que todas as operações de *Local Dislocation* são definidas “in terms of concatenation statements like $(X \frown Y)$ ” (p. 25). Para a derivação de uma expressão, como *prouder than John*, por exemplo, a regra (38) “transforms the ordering statement ‘Deg[CMPR] \frown ($\sqrt{\text{Proud}}^{\oplus} a$)’ on the left-hand side into the representation on the right, where Deg is a Subword affixed to *a*”. Ainda, é preciso que o núcleo complexo que segue o *Local Dislocation* (o adjetivo comparativo $(\sqrt{\text{Proud}}^{\oplus} a)^{\oplus}$ Deg[CMPR]) encontre-se imediatamente adjacente à esquerda de $\sqrt{\text{Proud}}$.

De acordo com Embick & Noyer (2001), *Local Dislocation* se aplica sob adjacência linear, de modo a afixar um elemento a outro, tratando-se de *merger sob*

adjacência (cf. MARANTZ, 1988 e trabalho relacionado). Quando um dado elemento X sofre *Local Dislocation* com Y , é anexado dentro do núcleo complexo Y . Isso é ilustrado em (40) a seguir, em que o * indica adjacência entre núcleos e sintagmas, e o operador \oplus , por sua vez, representa a relação de adjacência obtida com núcleos complexos.

$$(40) \quad (X * Y) \longrightarrow (Y \oplus X), \text{ or } (X \oplus Y)$$

Em (41)-(42) abaixo, é apresentado o processo de formação sintética e analítica (respectivamente) de adjetivos comparativos e superlativos do inglês.

(41) Synthetic Form

a. Syntax: [[DegP Deg[CMPR]]] [[A SMART ...

b. Linearization: (Deg[CMPR] * (A SMART))

c. Local Dislocation:

(Deg[CMPR] * (A SMART)) ... \longrightarrow ((A SMART) \oplus Deg[CMPR])...

d. VI²⁰ at Deg[CMPR]:

((A SMART) \oplus Deg[CMPR]) \longrightarrow ((ASmart) \oplus Deg[CMPR, -er])

(42) Analytic Form

a. Syntax: [[DegP Deg[CMPR]]] [[A INTELLIGENT ...

b. Linearization: (Deg[CMPR] * (A INTELLIGENT))

c. VI at Deg[CMPR]:

(Deg[CMPR] * (A INTELLIGENT))... \longrightarrow

(Deg[CMPR,(mo)-er] * ((A INTELLIGENT))...

(41a) mostra a existência de dois núcleos, Deg[CMPR] e o adjetivo *smart*; em (41b), a linearização se aplica a esses dois núcleos, que se tornam adjacentes – Deg é afixado ao adjetivo. O adjetivo está sujeito a regras fonológicas que definem sua estrutura métrica antes da operação que afixa Deg[CMPR]. De acordo com a regra de *Local*

²⁰ VI corresponde a *Vocabulary Insertion*.

Dislocation, esses núcleos estarão linearmente adjacentes em (41c). Assim, a forma fonológica de X[...X...]A encontra a condição prosódica necessária. Em (41d), dá-se a Inserção Vocabular (*Vocabulary Insertion* – VI), com a forma fonológica que realizará a forma sintética (o expoente ‘-er’, não ‘more’).

Com relação a (40), os dois primeiros passos, estabelecidos em (42a) e (42b), se dão conforme as da forma sintética. Embick ainda discute a questão de como acontece a inserção de *mo-* em (42c), apontando para duas possibilidades: (i) a de que um item (não-fonológico) é anexado a Deg[CMPR], e é a esse item que o expoente *mo-* é adicionado; (ii) a de que *more* tem sua própria Inserção Vocabular, de modo que *more* e *-er* consistiriam em dois alomorfes distintos de Deg[CMPR]. Na Inserção Vocabular, ou *more* ou *-er* teriam que especificar o ambiente estrutural (o estatuto de sub-palavra para *-er*, por exemplo).

Se a “descida” de Deg até o adjetivo fosse possível, expressões como *amazingly smartest* seriam licenciadas, com Deg tendo escopo sobre [ADV A], o que não é o caso. O advérbio parece, portanto, ser visível para o processo que afixa Deg ao adjetivo. Na forma analítica, uma vez que *Local Dislocation* não se aplica, é possível que haja intervenção de um elemento entre Deg (*more*) e o adjetivo. A forma sintética não pode ser derivada quando algum constituinte intervém linearmente entre Deg e o adjetivo. Nesses termos, Embick argumenta que, na formação dos adjetivos do inglês, o que entra em jogo é a operação *Local Dislocation*, não o movimento sintático de núcleo, pois se fosse o movimento de núcleo, Deg poderia se alojar acima do advérbio, e uma sentença como “**Mary is the smart-est amazingly person in the Class*” seria bem formada, o que não acontece.

No capítulo 4, assumiremos a existência de um núcleo relacionado à noção de grau no interior das construções existenciais com *ser*, a partir do mesmo viés não-lexicalista explorado nos trabalhos de Embick, embora a implementação da nossa análise seja tecnicamente diferente da proposta por esse autor no que diz respeito aos critérios que entram em jogo para definir as condições de adjacência na seleção de uma matriz fonológica. Em termos empíricos, contudo, nossa proposta seguirá mais de perto o trabalho de Sivaldo (2009) em torno das chamadas *Small Clauses Livres*, que passaremos a abordar a seguir.

2.5.2 *Small Clauses Livres*

Nesta seção, abordaremos as *Small Clauses Livres* (SCLs), construções que apresentam um caráter avaliativo, similarmente às *Small Clauses* opinativas (aquelas cujo predicado traz a expressão de um juízo de valor acerca de algo). A abordagem dessas construções é importante aos pressupostos teóricos desta tese, porque, como veremos mais adiante, as construções existenciais com *ser* também dispõem de um caráter avaliativo, além de compartilhar outras propriedades estruturais com as *Small Clauses Livres*.

Ao abordar as *Small Clauses Livres*, exemplificadas em (43) abaixo, Kato (2007) propõe uma análise segundo a qual tais sentenças seriam formadas com um terceiro tipo de cópula, cuja principal especificidade em relação a *ser* e *estar* estaria na sua não realização fonológica.

- (43) a. Inteligentes esses meninos!
b. Um grande artista este seu filho!
c. Muito bonita a sua casa!
d. Muito competente esse seu secretário!
e. Um artista o seu filho!

Sem perder de vista a proposta de Kato (2007), abordaremos a seguir a proposta de Sibaldo (2009), que explora a hipótese de as SCLs trazerem um DegP em sua constituição.

Antes de tratar das SCLs propriamente ditas, Sibaldo (2009) aborda as sentenças copulares, correlacionando os dois tipos frásicos. O autor se pauta na ideia de que as SCLs possuem em sua base a mesma estrutura de uma sentença de cópula, sendo derivada de sentenças copulares predicacionais (sentenças em que é atribuída alguma propriedade ao sujeito, de acordo com a tipologia proposta por Higgins, 1976)²¹, como a exemplificada abaixo em (44).

²¹ Apesar de adotar a ideia da existência de uma única estrutura subjacente a todos os tipos de sentenças copulares, Sibaldo se vale da tipologia apresentada por Higgins (1976), em virtude de precisar recorrer a uma *terminologia* distinta para cada tipo de sentença copular, a saber:

(44) O João é um assaltante de bancos.

Com base em Stassen (1997), Sibaldo faz menção a três tipos de cópula: (i) cópulas verbais; (ii) cópulas pronominais e (iii) cópulas-partículas. Vamos nos ater a comentar as duas primeiras, visto serem as únicas pertinentes ao objetivo desta seção.

(i) Verbais – tanto originam estruturas predicacionais e equativas quanto derivam verbos de existência, locação ou posição, conforme as sentenças do inglês a seguir.

- (45) a. Mary is intelligent.
b. Mary is Freddy's wife.
c. There is a man in the room.
d. Mary is in the garden. (SIBALDO, 2009, p. 28)

(ii) Pronominais – cópulas muito frequentes em línguas crioulas, originadas ora de pronomes pessoais ora de pronomes demonstrativos. O pronome se encontra em Infl, núcleo de IP.

- (46) a. Bouki *se* yon doktè/ Aristide. *Crioulo haitiano*
Bouki PRON um médico/ Aristide
“Bouki é um médico/ Aristide.”
(DeGRAFF, 1992 apud SIBALDO, 2009, p. 30)

- b. Philip *de* wan takru suma. *Crioulo sranan*
Philip PRON uma má pessoa
“Philip é uma pessoa má.”
(HENGEVELD, 1992 apud SIBALDO, 2009, p. 30)

-
- (i) a. O João é um assaltante de bancos. *Predicacional*
b. O assaltante de bancos é o João. *Especificacional*
c. A estrela da tarde é a estrela da manhã. *Identidade*
d. Aquele lugar é a Ponta Verde. *Identificacional*

c. Jan *de huom. Crioulo jamaicano*

Jan PRON casa.

“Jan está em casa.”

(HENGEVELD, 1992 apud SIBALDO, 2009, p. 30)

Sibaldo trata de línguas, como o árabe, o hebraico e o russo moderno, que permitem tanto uma cópula pronominal, indicando o tempo presente, quanto uma cópula verbal, que indica o futuro e o passado, como nos exemplos em (47)-(49) a seguir.

(47) a. Il-mudarris (*huwwa*) il-laṭiif. *Árabe*
o-professor PRON o-legal
“O professor é legal/ o legal.”

b. Il-mudarris *kaan* laṭiif.
o-professor era legal
“O professor era legal.”

c. Il-mudarris *ḥaykuun* laṭiif.
o-professor será legal
“O professor será legal.”
(EID, 1983, p. 197 e 203, exs. (13-14), (1a) e (1b) apud SIBALDO, 2009, p. 31)

(48) a. Dani (*hu*) more. (predicacional) *Hebraico*
Dani PRON professor
“Dani é o professor.”

b. Hana *haita* yafa.
Hana era bonita
“Hana era bonita.”

c. Hana *tihye* yafa.
Hana será bonita

“Hana será bonita.”

(CITKO, 2008, p. 265, ex. (10) apud SIBALDO, 2009, p. 31)

(49) a. Marija-fem.N-Pron bonita.

“Marija é bonita.”

(SOSCHEN, 2002, p. 68, exs. (10)-(11) apud SIBALDO, 2009, p. 58)

b. Ona *(byla) krasivoj.

ela ser-fem.sg.Pass bonita

“Ela era bonita.”

c. Ona *(budet) krasivoj.

ela ser-3^a.sg.Fut. bonita-fem.sg.

“Ela será bonita.”

(SOSCHEN, 2002, p. 68-69, exs. (12)-(13) apud SIBALDO, 2009, p. 58-59)

Como é possível depreender dos dados acima, no presente, a cópula é opcional; daí que Sibaldo (2009, p. 59) estabelece uma correlação entre os dados dessas línguas e os do PB, pois, apesar de nestes “não haver a presença de tempo *morfologicamente*, o tempo entendido subjacentemente é o tempo presente”, em consonância com o que acontece nas sentenças acima, quando a cópula não é realizada. Segundo o autor, a despeito de não apresentarem morfologia de tempo na superfície, as SCLs do Português Brasileiro podem ser parafraseadas com a cópula no tempo presente, conforme é demonstrado nas construções abaixo:

(50) a. Lindo o dia!

“^{OK} O dia está lindo!”

“* O dia estava lindo!”

“* O dia estará lindo!”

b. Bonita a sua roupa!

“^{OK} A sua roupa está bonita!”

“*A sua roupa estava bonita!”

“*A sua roupa estará bonita!” (SIBALDO, 2009, p. 69-70)

Por outro lado, o falante lança mão de um advérbio de tempo, como ‘ontem’, ou de sintagmas preposicionados com valor de advérbio de tempo, para gerar SCLs que são parafraseáveis por construções no pretérito (SIBALDO, 2009, p. 71).

(51) a. Bonita a sua roupa ontem!

“* A sua roupa está bonita ontem!”

“OK A sua roupa estava bonita ontem!”

“* A sua roupa estará bonita ontem!”

b. Uma merda aquele programa de televisão (da) semana passada!

“* Aquele programa de televisão está uma merda semana passada!”

“OK Aquele programa de televisão estava uma merda semana passada!”

“* Aquele programa de televisão estará uma merda semana passada!”

Sobre a estrutura interna das SCLs, Sibaldo (2009, p. 13) argumenta que se trata de uma construção exclamativa, “em que se tem a justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem morfologia de tempo na superfície”.

O autor apresenta restrições sintático-semânticas a que estão sujeitas as SCLs do Português Brasileiro, algumas também pontuadas em Kato (2007), a saber:

(a) A sua ordem é *sempre* reversa: predicado + *DP*, como em (52):

(52) a. Muito bonita a sua roupa!

b. *A sua roupa muito bonita!

c. Uma droga aquele programa de televisão!

d. *Aquele programa de televisão uma droga!

(b) O seu sujeito é sempre *específico e fortemente referencial*, conforme observado pelo contraste de aceitabilidade entre (53)-(54).

- (53) a. * Muito bonita uma roupa qualquer!
b. * Muito bonitas roupas!
c. * Muito bonita(s) nenhuma roupa/ poucas roupas!

- (54) a. Muito bonita uma roupa que eu vi no shopping!
b. Uma droga aquele programa de televisão!

(c) Admitem somente sintagmas adjetivais como predicados (como em (55)) e alguns “DPs avaliativos” (como em (56)), cujo núcleo nominal N costuma dar origem a adjetivos avaliativos, conforme demonstrado em (57). Assim, DPs (genéricos, definidos ou indefinidos), como em (58), sintagmas preposicionados (exemplificados em (59)), bem como AdvPs e VPs, respectivamente em (60)-(61) não constituem predicados dessas estruturas.

- (55) a. Linda a Maria! *APs*
b. Excelente a sua sopa de carne!
c. Maravilhoso esse jantar!

- (56) a. Um luxo essa sua bolsa! *DPs avaliativos*
b. Um amor o seu filho!
c. Uma maravilha aquela aula!

- (57) a. Um luxo o seu apartamento! > Muito luxuoso o seu apartamento!
b. Uma maravilha essa cerveja! > Extremamente maravilhosa essa cerveja!
c. Um amor essa sua filha! > Muito amorosa essa sua filha!

- (58) a. * Médico esse cara! *DPs*
b. * A esposa do Rafa a Manu.
c. * Um advogado o João.

- (59) a. * Na Ponta Verde o João! *PPs*
 b. * Com dinheiro o Adeilson!
 c. * Por quinze reais o cinema!
- (60) a. * Bem a Maria! *AdvPs*
 b. * Mal esse cara!
- (61) a. * Caído o Mário! *VPs*
 b. * Dançando os meus alunos! (SIBALDO, 2009, p. 63)

Sibaldo ressalta, todavia, que algumas construções podem ser bem formadas mesmo contendo DPs não-avaliativos (logo, rejeitados nas SCLs), desde que acompanhados de algum adjetivo avaliativo²². Isso pode ser observado na má formação das expressões em (62) em oposição à boa formação daquelas em (63), em que aos nomes *médico*, *professora* e *arquiteto* foram acrescentados, respectivamente, os adjetivos graduáveis *grande*, *excelente* e *péssimo*.

- (62) a. * Médico o Paulo.
 b. * Professora a Ana.
 c. * Arquiteto o Marcos.

²²Para nós, não parece que o mais importante seja o fato de o predicado ser constituído por um adjetivo ou um DP avaliativo, mas o fato de se assegurar que haja na estrutura um constituinte com intensificação de grau, tanto que, conforme relata o próprio Sibaldo em nota de rodapé, Jairo Nunes, em comunicação pessoal, destacou a possibilidade de as SCLs ocorrerem com PPs encabeçados por *sem* de conteúdo avaliativo, como mostrado em (i):

- (i) a. Sem sal essa sopa!
 b. Sem nenhum interesse essa sua proposta!

Sobre o comentário de Jairo Nunes, Sibaldo argumenta que “estes PPs parecem fazer parte de uma exceção, uma vez que sua contraparte com PPs encabeçados por *com* não são gramaticais” (p. 62):

- (ii) a. * Com pouco sal essa sopa!
 b. * Com muito interesse essa sua proposta!

Por outro lado, notamos a possibilidade da sentença “Com muito sal essa sopa!”. O fato é que, seja no caso dos PPs encabeçados por *sem* seja no daqueles encabeçados por *com*, a noção de intensificação de grau está envolvida, tanto que podemos substituir em (ia) o PP *sem sal* pelo adjetivo *insossa*, mantendo-se não somente a noção de grau, como também (e correlacionadamente) o conteúdo avaliativo; igualmente o PP *com muito sal* pode ser substituído pelo adjetivo *salgado*. Ainda, consideramos boa a sentença em (iia), justamente devido à presença do quantificador *pouco*.

- (63) a. Um *grande* médico o Paulo.
b. Uma *excelente* professora a Ana.
c. Um *péssimo* arquiteto o Marcos. (SIBALDO, 2009, p. 67)

(d) Os adjetivos que as compõem devem ser graduáveis, geralmente com grau máximo, como *muito lindo*, *horrível*. O seu predicado só pode ser do tipo *individual level*. É em função disso que uma expressão como aquela em (64) a seguir não é bem formada, ou seja, por não indicar uma avaliação de algo que seja “surpreendente”. Por outro lado, se um quantificador, como *muito* (que indica grau máximo e a avaliação do falante), é introduzido em tal expressão, esta se torna aceitável, como podemos ver em (65).

(64) * Normal esse cara²³.

(65) Muito normal essa roqueira! (SIBALDO, 2009, p. 66)

Como fatores que levam ao “apagamento” da cópula, Sibaldo destaca a ordem Predicado-Sujeito e o fato de o seu predicado ter de portar algum grau, consistindo formalmente, segundo o autor, num Sintagma de Grau (DegP, do inglês *Degree Phrase*). Assim, adjetivos como ‘russa’, ‘grávida’ e ‘inumeráveis’ não são candidatos a predicados das SCLs, como demonstrado nos exemplos em (66) a seguir, já que, por sua natureza exclusivamente descritiva (ou não avaliativa), não podem se associar ao traço de grau, a não ser em situações pragmaticamente restritas.

(66) a. * Russa essa vodca.

*Comparar: * Muito russa*

b. * Grávida a Maria.

*Comparar: * Muito grávida*

c. * Inumeráveis os artigos do Chomsky.

*Comparar: * Muito inumeráveis* (SIBALDO, 2009, p. 66)

²³ Para nós, essa expressão é bem formada.

Fazendo menção ao trabalho de outros autores, Sibaldo (2009, p. 165) ressalta ainda que,

os predicados que denotam propriedades, assim como os predicados das SCLs, são relações entre indivíduos e graus, que por sua vez são concebidos como conjuntos de indivíduos definidos com respeito a uma propriedade.

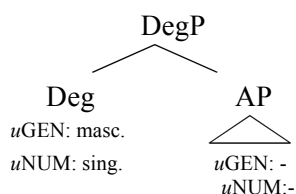
O autor cita Den Dikken (comunicação pessoal) para dar suporte adicional à restrição de predicados verbais nas SCLs, isto é, para que predicados verbais pudessem ocorrer nas SCLs, teria que haver um VP em algum ponto da estrutura, o que não seria possível, visto que “um VP não pode selecionar outro VP numa mesma predicação primária” (SIBALDO, 2009, p.165) – conforme indicado em (67) adiante. Predicados verbais só podem ocorrer como predicados secundários, conforme os exemplos em (68). Ademais, Sibaldo segue Cresswell (1976) e Villalba (2003) quanto à presença de um intensificador nulo “Ø” na posição de Deg, quando o intensificador de grau não estiver “visível” na derivação, como é mostrado em (69), em que apresentamos parte da representação dada por Sibaldo.

- (67) a. ... V [_{SC} Sujeito Predicado] Predicado = ✓adjetivos; ✓preposição; ✓nominais; *verbais
b. ... [_{SC} Considero [_{SC} a Maria ✓ inteligente; ✓ uma chata; *chorando]
- (68) a. [A Maria comeu a carne] [PRO chorando].
b. [O João bateu na mulher] [PRO chorando].
c. [Eu entrei na defesa] [PRO chorando].
- (69) a. [_{DegP} Ø [_{AP} *Rápido*]]
b. [_{DegP} Muito [_{AP} *Rápido*]]

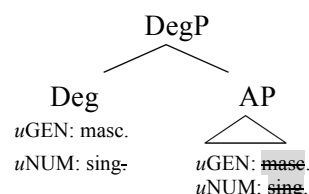
No que diz respeito aos traços-φ tanto dos DPs avaliativos quanto dos adjetivos que constituem o predicado das SCLs, o autor assume que são os de número e gênero, mas não os de pessoa (*bonitinhos*, *bonitinhas*), tampouco o de Caso, visto a estreita relação

entre Caso e traço- ϕ de pessoa (CHOMSKY, 2001). A operação de checagem ocorre conforme a seguir: (a) em se tratando de um predicado adjetival, os traços- ϕ não-interpretáveis de Deg são valorados com o sujeito da SCL na operação *Agree*; os traços- ϕ não-interpretáveis do adjetivo são “herdados” de Deg após *Agree*, no modo como acontece com T, que herda os traços- ϕ não-interpretáveis de CP (cf. CHOMSKY, 2004); (b) no caso do DP avaliativo, os traços- ϕ não-interpretáveis de número e gênero de Deg são valorados depois de entrar em *Agree* com o DP avaliativo interno a DegP. São apresentadas as representações de ambas as operações de valoração de traços, respectivamente em (70)-(71):

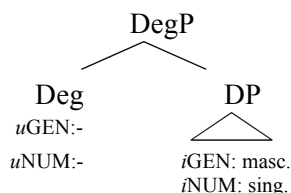
(70) a. Após *Agree* com o sujeito da SCL:



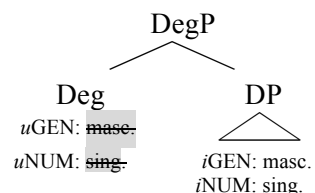
b. Herança dos traços de Deg para AP:



(71) a. Antes de *Agree* com DP encaixado:



b. Antes de *Agree* com DP encaixado:



(SIBALDO, 2009, p. 167)

2.6 Síntese do Capítulo

Assumimos neste capítulo o arcabouço da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), adotando tanto pressupostos básicos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), como também a proposta de Adger (2004) em torno da checagem de traço de subcategorização não-interpretável. Também nos dará suporte para a análise das construções com *ser-existencial* (apresentada no capítulo 3) a abordagem de Sibaldo (2009) a respeito das *Small Clauses* Livres, que, segundo o autor, trazem uma categoria de grau (DegP) em seu interior. A ocorrência dessa mesma categoria é explorada em trabalhos

como os de Embick (2007) na análise de expressões comparativas e superlativas do inglês, cujos contrastes de (a)gramaticalidade são analisados como resultado de condições de adjacência envolvendo o adjetivo e o núcleo Deg.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE QUANTITATIVA DAS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS EM DADOS DE FALA

Introdução

Neste capítulo, apresentamos os resultados do levantamento quantitativo de construções existenciais em amostras representativas de variedades do Português Brasileiro faladas em Vitória da Conquista (Bahia) e Campinas (São Paulo), no ano de 2004, bem como em Salvador (Bahia) e São Paulo (capital), na década de 1970. Apesar do aparato formal em que o presente trabalho se ancora, esse levantamento foi importante pelo fato de a análise intralinguística corroborar a hipótese a ser desenvolvida no capítulo 4. Também lançamos mão dos dados quantitativos em um viés diacrônico, chamando a atenção para o fato de que a variante “inovadora” (construções com *ser-existencial*) está sendo mais empregada pelos mais jovens, assim como está mais presente nos dados dos anos 2000 do que nos da década de 1970.

Na primeira seção deste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na seleção, quantificação e análise dos *corpora*. A seguir, são discutidos os resultados (em termos percentuais e de pesos relativos) dos fatores intra e extralinguísticos considerados significativos para a ocorrência de *ser-existencial* – primeiramente nos dados de falantes de Vitória da Conquista e Campinas; posteriormente nos dos falantes de Salvador e São Paulo.

3.1 Metodologia de coleta e análise dos dados

No que se refere à coleta de dados, o *corpus* de Vitória da Conquista foi constituído no ano de 2005 para o projeto de pesquisa por mim coordenado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²⁴. A coleta de dados se deu em conformidade com a metodologia da

²⁴ O projeto de pesquisa, intitulado “O fenômeno do duplo sujeito em dados de fala da comunidade linguística de Vitória da Conquista – BA”, Termo Nº 4881/2006, conta com o financiamento interno da UESB.

Sociolinguística Variacionista²⁵ (LABOV, 1972). O *corpus* de Campinas, por sua vez, foi-me concedido por Cândida Mara Britto Leite, ex-doutoranda do programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp. Seus dados também foram coletados seguindo o modelo variacionista. Os *corpora* de Salvador e São Paulo são provenientes do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Projeto NURC)^{26,27}. Para o armazenamento e processamento dos dados, utilizamos como ferramenta o pacote de programas que compõem o Varbwin²⁸.

A ideia de trabalhar com amostras de informantes de Vitória da Conquista²⁹ se deve ao fato de as análises de introspecção exploradas nesta tese em torno das construções existenciais partirem da própria autora do trabalho, uma falante nascida e criada na referida região. Já as amostras de falantes da região de Campinas³⁰ decorrem da necessidade de constatar se especificidades atreladas ao emprego de *ser* como existencial são ou não restritas à variedade do português falada em Vitória da Conquista. Ao analisarmos dados de

²⁵ Seguindo a metodologia variacionista, selecionamos o mesmo número de informantes de diferentes faixas etárias, níveis de escolarização e dos gêneros feminino e masculino, conforme especificaremos adiante.

²⁶ O *corpus* é dividido em três categorias: (a) elocuições em situações formais; (b) diálogos entre informante e documentador; (c) diálogos entre dois informantes. Na presente análise, optamos pela categoria (b), por assemelhar-se ao tipo de coleta feito nos *corpora* de Campinas e Vitória da Conquista.

²⁷ Trata-se de um projeto realizado por pesquisadores de cinco cidades brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os informantes são universitários de ambos os gêneros, distribuídos por três faixas etárias: (1) de 25 a 35 anos; (2) de 36 a 55 anos; (3) a partir dos 56 anos.

²⁸ O pacote Varbwin (mais conhecido como Varbrul) é um modelo estatístico que lida com regras variáveis. Apresenta, além de percentuais, pesos relativos, que são calculados a partir das percentagens ou frequências relativas observadas para medir o efeito dos grupos de fatores ou variáveis independentes, em várias etapas de análises. “No nível 0 (zero), o *input*, peso relativo global, é projetado pelo programa; no nível seguinte (nível 1), procede-se o cálculo dos pesos relativos dos fatores de cada grupo individualmente, selecionando-se o que melhor explica a variação existente nos dados analisados, de acordo com rigorosos testes estatísticos. No nível 2, pares de grupos de fatores selecionados são comparados com os outros grupos, separando-se o segundo grupo mais relevante estatisticamente. Nos demais níveis, o mesmo acontece, isto é, o programa continua a selecionar os grupos de fatores mais relevantes - três a três; quatro a quatro... até que selecione o último grupo relevante” (SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007, p. 4).

²⁹ No quadro 1, mais à frente, é apresentada a distribuição dos falantes conquistenses por gênero, faixa etária e grau de escolarização.

³⁰ A distribuição dos informantes campineiros por gênero, grau de escolarização e faixa etária é apresentada no Quadro 2, na página 77.

Salvador e São Paulo, contrapomos os dados do interior aos das capitais dos estados da Bahia e de São Paulo, respectivamente.

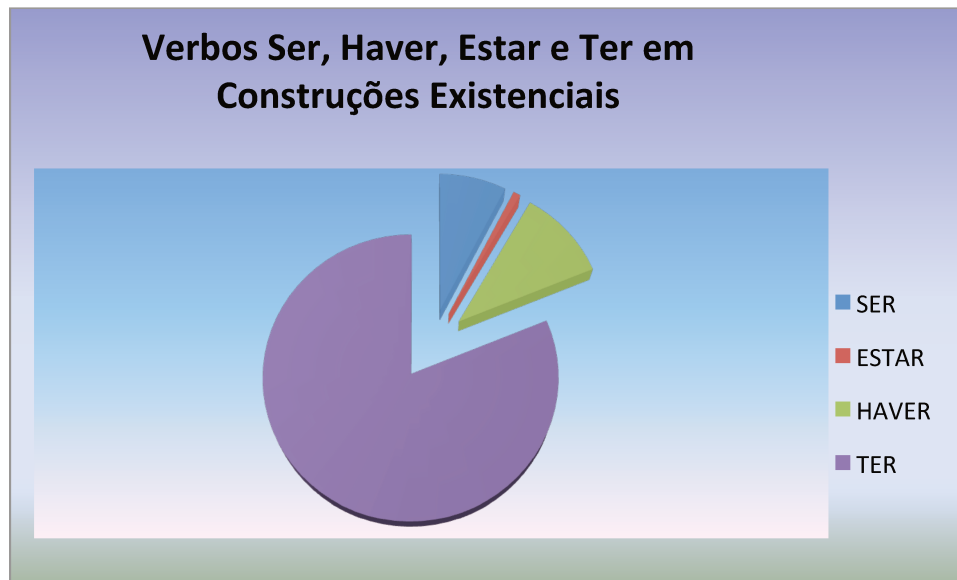
Para a análise dos dados, ainda encaminhamos algumas sentenças a falantes de diferentes localidades do país, visando a obter seus julgamentos em torno da formação de construções existenciais com o verbo *ser*.

3.2 Dados de Vitória da Conquista e Campinas

Das amostras de Vitória da Conquista e Campinas, foram levantadas 753 sentenças existenciais com os verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter*, sendo 57 com o verbo *ser* (conforme exemplo em (1) abaixo), 6 com o verbo *estar* (conforme exemplo em (2)), 79 com o verbo *haver* (conforme exemplo em (3)) e 611 com o verbo *ter* (conforme exemplo em (4)), o que está ilustrado na Figura 1 a seguir, em que esses números são apresentados em termos percentuais.

- (1) a. Eu morei; eu mudei; lá não tinha nada. **Era MATO. Era MATO.** (f3sC)
b. Agora lá no Rio de Janeiro **é** uma violência terrível. (f3fV)
c. **Eram** muito poucas [casas]. (m2mC)
- (2) a. **Tava** uma notinha desse tamanhinho assim no Jornal Globo. (m3sV)
b. O dia todo, **tá** mendigo aqui tocando a campainha, e às vezes pra pedir. (f2mV)
c. Eu fui sábado lá [à rodoviária de Campinas]. Mas a antiga já tá um antro. Deu na televisão esses dias o perigo que **tá** ali. (f3sC)
- (3) a. Buscar preencher esse vazio que **há** dentro de si. (f3sV)
b. Eu não acho que **há** dificuldade. (m2mC)
c. **Houve** vários assaltos nas casas, porque... (f3sV)
- (4) a. [...] apesar que **tem** cidades legais (f3sC)
b. Eu fui num num show de rap que **teve** aqui e eu senti um medo. (m1sV)
c. Ali **tinha** um alguns coleguinhas que a gente jogava futebol, empinava pipa... (m3sC)

Figura 1 – Construções Existenciais com os Verbos *Ser*, *Estar*, *Haver* e *Ter*



Não é nenhuma surpresa o fato de *ter* ser o verbo a apresentar maior incidência nas construções existenciais (81,1%), visto este ser o verbo existencial canônico do Português Brasileiro Contemporâneo; o verbo *haver* conta com 10,5%, e o verbo *ser*, com 7,6%. Se, à primeira vista, pode parecer inútil estabelecer uma análise quantitativa das variáveis que podem entrar em jogo na “escolha” do verbo existencial, dada a supremacia do verbo *ter* em relação às outras formas verbais, consideramos que tal análise pode ser importante, no sentido de nos apontar justamente os contextos em que o verbo *ser*, foco deste trabalho, se destaca.

Devido à reduzida quantidade de sentenças com *estar*, as existenciais com esse verbo ficaram de fora da análise. Apresentamos abaixo as cinco sentenças existenciais com essa forma verbal encontradas nos *corpora* (não foi registrada nenhuma sentença com *estar (com)*).

- (5) a. **Tava** uma notinha desse tamanhinho assim no Jornal Globo. (m3sV)
b. Ali **tá** aquela coisa: CtrlC, CtrlV, trabalho. (f1sV)
c. O dia todo, **tá** mendigo aqui tocando a campanha, e às vezes pra pedir. (f2mV)
d. Eu fui sábado lá [à rodoviária de Campinas]. Mas a antiga já tá um antro. Deu na

televisão esses dias o perigo que *tá* ali. (f3sC)

e. Olha: eu acho que seguro em lugar nenhum desse país hoje. Nós temos a segurança toda, né, como eu disse, por causa desse problema social que *tá*, que passa o país. (m2mC)

Retirados os dados com o verbo *estar*, foi dada continuidade às rodadas do Varbwin, cujo valor de aplicação foi referente às existenciais com o verbo *ser* (ou seja, nas rodadas, os valores percentuais e pesos relativos são referentes a esse verbo). O *input*³¹ referente ao verbo *ser* foi de 0.019, e o relacionado ao verbo *ter*, de 0.980. O programa atribuiu o *input* de 0.001 ao verbo *haver*. Isso significa que, no *corpus* como um todo, levando-se em consideração todos os grupos de fatores, a ocorrência do verbo *ter* foi privilegiada à de *ser*, e a de *haver* não foi significativa – segundo argumentaremos neste capítulo, possivelmente por ter se restringido a um grupo de falantes.

Discutimos a seguir apenas os resultados dos grupos de fatores (intra e extralinguísticos) que o Varbwin selecionou como significativos para a realização das variáveis dependentes em estudo (os verbos *ser*, *ter* e *haver em construções existenciais*). Levantamos esses grupos de fatores, a fim de observar o comportamento das construções existenciais com *ser* em comparação com o exibido pelas construções com *ter* e *haver*.

3.2.1 Variáveis intralinguísticas

Além dos grupos de fatores intralinguísticos cujos resultados serão discutidos neste capítulo (*presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP e concordância*), fizeram parte da codificação das construções existenciais: (a) *realização ou não-realização do termo interpretado como Tema* (se explícito ou implícito); (b) *posição do Tema na sentença* (se pré ou pós-verbal); (c) *presença/ausência do PP locativo na sentença*; (d) *posição do PP locativo na sentença* (se pré ou pós-verbal); (e) *tempo e modo verbais*; (f) *traço semântico do Tema* ([animado], [inanimado material], [abstrato], [evento]).

³¹ O *input* é a probabilidade global de ‘aplicação’ de certa regra variável em vista de um conjunto de fatores.

3.2.1.1 Presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP

Conforme ressaltamos anteriormente, há uma característica que distingue as sentenças existenciais com *ser* das que ocorrem com os outros verbos existenciais: naquelas, costuma ocorrer um constituinte com marca de grau, podendo ser, conforme notado no início deste trabalho, um quantificador como *vários, muitos, poucos, um* (cf. (6)), um pronome demonstrativo ou indefinido (cf. (7)), um advérbio que indique avaliação, apreciação, como *só* (cf. (8)), um numeral (cf. (9)), um advérbio de tempo, como *sempre* (cf. 10)), e o próprio nome (cf. (11)), que é realizado com uma entonação particular para indicar o caráter avaliativo da expressão.

- (6) a. *São vários* pontos que estão contribuindo pra isso. (f1sV)
b. Sim. *Era uma* fábrica ali – antiga Matarazzo. (m2mC)
- (7) a. Não *tinha* segurança nenhuma e não *era essa* onda de violência. (f1fV)
b. Os meninos de hoje não têm essa vontade, não sabe o que fabricar, fazer uma pipa [...] Hoje *é tudo!* *É* computador, internet, e dentro de shopping, sabe. (m2mC)
- (8) Entrevistador: Nessa época, não tinha ônibus?
Informante: Não. Não tinha ônibus; não tinha nada. *Era só* o bonde mesmo. (f3mC)
- (9) Aqui [Campinas] tem bastante coisas, entendeu. Você vai numa cidade lá fora, a cidade é um ovinho; não tem quase nada. *É uma* ou *duas* escolas, faculdade. (f1mC)
- (10) Eu conheço gente alcoólatra também. E *é sempre* algum trauma, alguma coisa. (m1sV)
- (11) Eu morei; eu mudei; lá não tinha nada. *Era MATO. Era MATO.* (f3sC)

Levando-se em conta o peso relativo³², esse grupo de fatores foi selecionado como significativo para a ocorrência de *ser-existencial* pelo Varbwin, confirmando nossa expectativa. Entre os constituintes que apresentam uma marca de grau, os que mais levam à ocorrência de existenciais com *ser* são *quantificadores* (como no exemplo em (6)), com peso relativo de 0,796; *nomes nus* (conforme exemplo em (11)), com 0,632; *advérbios de tempo do tipo “sempre”* (como na sentença em (10)), com 0,564. Os resultados referentes a esse grupo de fatores seguem na Tabela 1.

Tabela 1 – Construções existenciais com o verbo *Ser*, de acordo com o constituinte intensificador³³

Presença/ausência de constituinte intensificador	T³⁴	N	(%)	p. r.
Quantificadores: muitos, poucos, um, só	107	28	26	0,796
Nome nu	21	4	19	0,632
Advérbio de tempo	20	7	35	0,564
Pronome demonstrativo, indefinido	47	5	11	0,346

3.2.1.2 Concordância entre o verbo e o tema

³² A escolha dos fatores em relação ao peso relativo nem sempre coincide com a da percentagem. Os variacionistas não realizam uma análise quantitativa apenas com base na última, pois a possibilidade de um fator apresentar alto índice percentual não quer dizer que esteja influenciando o uso da variável dependente. Para melhor compreensão dessa afirmação, faço uso de uma analogia: “quantidade não corresponde literalmente à qualidade”. O peso relativo é o que seleciona fatores como significativos para a ocorrência de uma determinada variável. Assim sendo, consideram-se os grupos de fatores uns com relação aos outros para a ocorrência daquela variável; logo, por mais que, na Tabela 1 acima, o percentual que aponta para a ocorrência de *ser* com *nomes nus* seja menor (19%) que o de *advérbios de tempo* (35%), o peso relativo dos primeiros é maior que o dos últimos (respectivamente, 0,632 e 0,564). Isso se explica pelo fato de, no que se refere ao percentual, os resultados de *ser* estarem sendo avaliados com relação aos de *ter* e *haver*; quanto ao peso relativo, apesar de um verbo ser comparado com os outros, um grupo de fator é considerado com relação aos demais para a realização do verbo *ser*, daí que um fator, ainda que com baixa percentagem, pode estar sendo significativo para a realização do verbo em questão.

³³ Nesta e em outras tabelas apresentadas neste trabalho, são apresentados os percentuais e pesos relativos referentes ao verbo *ser*; assim, com *quantificadores*, o percentual é de 26% (o que significa que os outros 74% se encontram distribuídos entre os verbos *haver* e *ter*); o mesmo se aplica ao peso relativo, 0,796 que levam à realização de *ser*, ficando 0,204 que condicionam a realização dos demais verbos.

³⁴ Nas tabelas aqui apresentadas, **T** se refere ao número total de ocorrências com determinado fator; **N** corresponde à quantidade de ocorrências com o verbo *ser* com cada fator considerado; **%** diz respeito aos percentuais apresentados pelo Varbwin e **p.r.** abrevia peso relativo.

A concordância entre o verbo e o tema (ou seja, o constituinte nominal que funciona como o argumento da oração existencial, normalmente em posição pós-verbal) também foi apontada como um fator relevante para a realização das construções existenciais com o verbo *ser*, mostrando um peso relativo de 0,989, (cf. (12a)), como indicado na Tabela 2 abaixo³⁵. Por outro lado, ocorre apenas um caso de concordância com o verbo *haver*, assim como com o verbo *ter*, apresentados em, respectivamente, (12b) e (12c) a seguir. Quanto a *ter*, no que diz respeito ao presente do indicativo, não se pode afirmar com certeza se está ocorrendo ou não concordância quando o argumento se encontra no plural, já que as formas do singular e do plural são homófonas – embora acreditemos que o verbo esteja no singular, tendo em vista que, quando se encontra em outro tempo verbal (no pretérito, por exemplo) é realizado no singular na maioria dos casos. As sentenças em (13) constituem exemplos em que não acontece concordância no plural entre o verbo e o tema.

- (12) a. Bom... pra uma pessoa que eu tiraria o chapéu em Campinas [...] **são** duas pessoas: o falecido prefeito Toninho... (m2mC)
 b. Todos os problemas que **houverem** na sociedade precisa ser estudado. (m1sV)
 c. Assim... **tinham** bastantes [prédios]. (f1sC)
- (13) a. Estados Unidos, **é** cento e quarenta [horas de currículo]. (m3sV)
 b. [...] e que na na polícia mesmo não **houvesse** tantos corruptos, né. (f2fV)
 c. Já **tinha** prédios. (f1sC)

Tabela 2 – Construções existenciais com o verbo *Ser*, de acordo com concordância entre verbo e tema

Concordância entre verbo e tema	T	N	(%)	p. r.
---------------------------------	---	---	-----	-------

³⁵ Um membro da Banca Examinadora da qualificação desta tese levantou como questão se a concordância não estaria atrelada ao nível de escolarização do falante. O fato de quatro dessas sentenças serem realizadas por falantes de nível superior e três, por falantes de nível médio, poderia nos levar à conclusão de que essa hipótese é verdadeira. Contudo todos os casos de não-concordância com o verbo *ser* são provenientes de informantes de nível superior. Ainda, o fato de a quantidade de informantes de nível fundamental ser menor que a dos demais níveis levou-nos a retirar esse nível de escolaridade da análise. De qualquer forma, o que nos interessa é a oposição entre concordância e ausência de concordância que distingue, nesse aspecto, respectivamente, o verbo *ser* do verbo *ter*, que nos aponta questões interessantes para a análise formal dos dados, conforme discutiremos no capítulo 4.

Realização ³⁶	12	10	83	0,989
Não-realização	41	3	5	0,005

Segundo registrado na introdução deste trabalho, consideramos esse grupo de fatores como um fator relevante para a seleção de *ser*-existencial, em termos formais, havendo uma correlação entre concordância e Caso (nominativo), conforme proposto por Chomsky (1995, 2000, 2001), o que vai distinguir a seleção de *ser* da de *ter* (nominativo para o primeiro e Caso inerente partitivo para o último).

3.2.2 Variáveis extralinguísticas

São as seguintes as variáveis extralinguísticas consideradas (conforme descrição nas notas de rodapé 2 e 3 deste capítulo):

- (a) gênero;
- (b) faixa etária;
- (c) nível de escolarização;
- (d) região.

3.2.2.1 Região

No que diz respeito à variação entre os três verbos por *região*, constatamos que, na amostra proveniente de Campinas, *ter* é predominante, com percentual de 86,85% (251 ocorrências das 289 sentenças existenciais), enquanto os verbos *ser* e *haver* contam, respectivamente, com 11,42% (33 ocorrências) e 1,73% (5 ocorrências). Já no falar conquistense, embora *ter* continue a ser o verbo mais empregado, com 78,6% (360 ocorrências das 458 sentenças existenciais), há uma permuta entre os usos de *ser* e *haver*, pois este, ao contrário do que acontece nos dados de Campinas, conta com valores percentuais maiores que os de *ser*: 5,2% (24 das 458 sentenças existenciais) para este e 16,2% (74 das 458 sentenças existenciais) para aquele. Isso pode ser verificado na Figura 2 adiante.

³⁶ Além de considerarmos a realização e a não-realização de concordância entre verbo e tema, observamos casos em que o verbo se encontra no singular, bem como os casos em que não foi possível precisar se a forma verbal se encontra no singular ou no plural, como no caso do verbo *ter* no tempo presente do modo Indicativo: *tem*. Esses fatores não são significativos para a análise em questão.

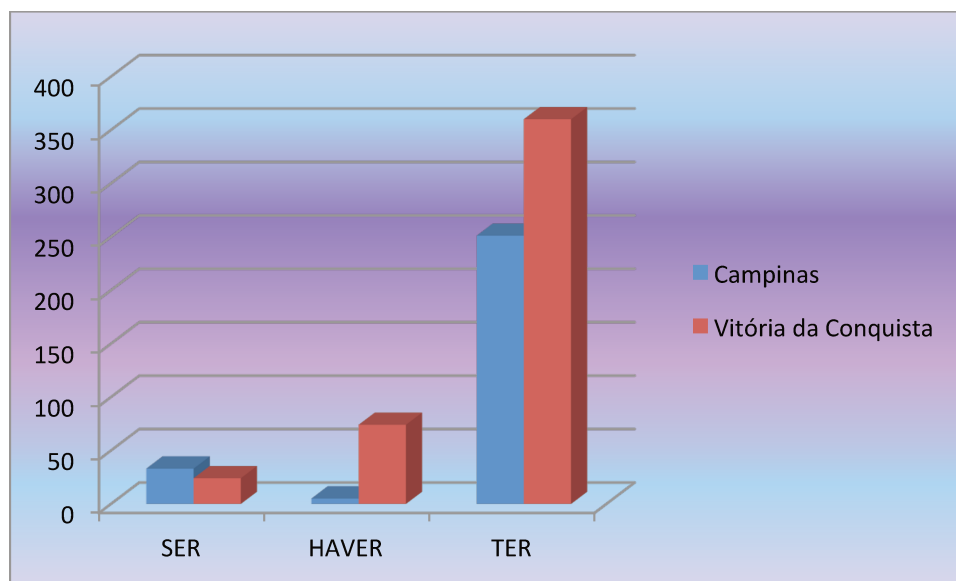
Analisando o verbo *haver*, cujo emprego entre as existenciais é considerado conservador (CALLOU & AVELAR, 2002), observamos que falantes campineiros parecem demonstrar um comportamento linguístico menos conservador que os conquistenses, uma vez que utilizam bem escassamente o verbo *haver*. Como destacamos em (14) abaixo, na amostra da fala campineira, embora o entrevistador utilize *haver* em sua pergunta, o informante elabora sua resposta com o verbo *ter*. Ademais, se isolarmos as ocorrências com *ter*, considerando apenas os resultados de *ser* e *haver*, verificaremos que, nos dados de Campinas, os percentuais de *ser* chegam a 87% (contra 13% de *haver*), enquanto nos de Vitória da Conquista, *ser* ocorre apenas em 24% dos casos (contra 76% dos casos com *haver*). Assim, levando em conta o fato de *haver* ser próprio da linguagem escrita no PB, assim como comparando seu uso em ambos os dialetos, consideramos que os 16% de ocorrências de *haver* se destacam na totalidade dos dados conquistenses.

(14) Entrevistador: [...] dá pra perceber que **houve** mudança?

Informante: **Teve** mudanças acho que no fluxo de pessoas' (f1sC)

É justamente o falar conquistense que contribui com o maior peso relativo para a realização de *haver* – 0,871 (isso nos levou a discutir adiante a que se deve o significativo emprego desse verbo nos dados conquistenses). O falar campineiro, ao contrário, mostra um peso relativo reduzido – de apenas 0,030 para a realização de *haver*. Um aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de que, em termos de peso relativo, a amostra de Vitória da Conquista mostra pesos relativos bastante próximos para a realização de *ser* e *ter*: 0,038 e 0,091, respectivamente. Já o peso relativo da amostra de Campinas para a realização de *ser* é superior ao de *ter* – 0,687 para *ser* e 0,283 para *ter*.

Figura 2 – Construções Existenciais com os Verbos *Ser*, *Haver* e *Ter* por Região



3.2.2.2 Gênero, Faixa Etária, Escolaridade

No que se refere à variável Gênero, o maior peso relativo entre os informantes do gênero masculino recai sobre o verbo *ser* (0,408), enquanto entre os do gênero feminino, sobre *haver* (0,439). Discutiremos adiante que interpretação se pode deprender de tais resultados.

No concernente à *Faixa Etária*, chama a atenção nos resultados (ver Tabela 3 adiante) o contraste entre o emprego de *haver*, de um lado, e os de *ser* e *ter*, de outro: o peso relativo dos falantes com mais de 50 anos sobre a realização de *haver* é de 0,643, mas de apenas 0,210 e 0,147 sobre a realização de *ser* e *ter*, respectivamente. Por outro lado, o peso relativo entre os falantes mais jovens para a realização de *haver* é bem baixo (0,192), enquanto para a realização de *ser* e *ter* se mantêm basicamente os mesmos tanto nesta faixa como na faixa intermediária – 0,380 na faixa 1 e 0,343 na faixa 2 para *ser*, e 0,428 na faixa 1 e 0,436 na faixa 2 para *ter*. Isso indica uma polarização entre a faixa etária 3, num extremo, e as faixas 1 e 2, no outro.

Tabela 3 – Verbos *Ser*, *Haver* e *Ter*, de acordo com a *Faixa Etária*

VERBO	Faixa 1			Faixa 2			Faixa 3			TOTAL	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
Ser	9	5	0,380	20	8	0,343	28	9	0,210	57	8

Haver	7	4	0,192	9	4	0,221	63	19	0,643	79	11
Ter	157	91	0,428	218	88	0,436	236	72	0,147	611	82

Outro resultado que merece atenção diz respeito à *escolaridade*, conforme indicado na Tabela 4 a seguir: as ocorrências de *haver* são favorecidas entre os dados produzidos por falantes com nível superior, que mostram um peso de 0,633 na realização desse verbo. O inverso ocorre entre os falantes de nível médio, que não favorecem a ocorrência de *haver* (0,126)³⁷.

Tabela 4 – Verbo *Ser, Haver e Ter*, de acordo com a *Escolaridade*

VERBO	Médio			Superior			TOTAL	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
Ser	23	13	0,423	28	8	0,189	51	10
Haver	2	1	0,126	61	17	0,633	63	12
Ter	158	86	0,450	260	74	0,126	418	79

Os resultados observados no âmbito das variáveis extralinguísticas são interessantes por nos mostrar o que parece ser uma “harmonia” entre os grupos de fatores, pois, se observarmos com atenção, as variáveis ‘gênero masculino’, ‘nível médio de escolaridade’ e ‘faixa etária intermediária’ é que foram selecionadas pelo Varbwin como significativas para a ocorrência de *ser-existencial*. Falamos em harmonia justamente pelo fato de serem basicamente os mesmos informantes que levam à realização de *ser* nas construções analisadas, ou seja, os falantes de nível médio normalmente são os de faixa etária intermediária. Quanto ao fato de serem os falantes de gênero masculino que favorecem o emprego de *ser*, e não os de gênero feminino, retornaremos a este tópico na conclusão desta seção.

³⁷ Devemos registrar que, a princípio, consideramos o nível fundamental de escolaridade na análise; todavia, pensando no fato de que talvez os resultados pudessem ficar “enviesados”, já que a quantidade de informantes desse nível era menor que a dos demais, procedemos à nova rodada dos dados, excluindo esse fator, verificando-se uma diferença significativa nos resultados, conforme discutido acima.

Para uma melhor compreensão dos resultados apresentados nesta seção, realizamos os seguintes cruzamentos³⁸ entre os grupos de fatores relevantes, considerando apenas os resultados para o verbo *ser*: *gênero e faixa etária*; *gênero e escolaridade*; *faixa etária e escolaridade*. Nas tabelas a seguir, destacamos os resultados que reforçam a observação feita no parágrafo anterior – na Tabela 5, realçamos os 74% de ocorrências de *ser* com falantes do gênero masculino e nível médio; na Tabela 6, os 85% de ocorrências de *ser* nos dados de falantes também do gênero masculino e faixa etária intermediária. Quanto à Tabela 7, por sua vez, demonstramos os resultados de *ser* com relação aos de *haver*. Assim sendo, dois fatores chamam a atenção: (1) é basicamente o verbo *ser* que se realiza entre os falantes de nível médio; e (2) o maior percentual de *haver* se encontra no nível superior, sobretudo entre os falantes com mais de 50 anos.

Tabela 5 – Verbo *Ser-existencial*, de acordo com o Gênero e a Escolaridade

GÊNERO ESCOLARIDADE	Masculino		Feminino		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Médio	17	74	6	26	23	100
Superior	17	61	11	39	28	100

Tabela 6 – Verbo *Ser-existencial*, de acordo com o Gênero e a Faixa Etária

GÊNERO FAIXA ETÁRIA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
1	4	44	5	56	9	100
2	17	85	3	15	20	100

³⁸ *Cruzamento* consiste na comparação de fatores de diferentes grupos numa mesma rodada. Por exemplo, ao analisarmos os grupos de fatores extralinguísticos acima, concluímos que são os informantes de nível médio e de faixa etária intermediária que levam à ocorrência de *ser* nas construções existenciais estudadas.

3	14	50	14	50	28	100
---	----	----	----	----	----	-----

Tabela 7 – Verbos *Ser e Haver* existenciais, de acordo com a Faixa Etária e a Escolaridade

VERBO	Médio						Superior					
	1		2		3		1		2		3	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Ser	3	100	16	80	4	100	5	42	2	40	21	30
Haver	0	0	2	20	0	0	7	58	3	60	51	70
TOTAL	3	100	18	100	4	100	12	100	5	100	72	100

Quadro 1 – Número de informantes por grupo de fator condicionador – Vitória da Conquista

FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE					
	Fundamental		Médio		Superior	
	GÊNERO					
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Faixa Etária 1	01	01	01	01	01	01
Faixa Etária 2	01	01	01	01	01	01
Faixa Etária 3	01	01	01	01	01	01
Total	03	03	03	03	03	03
Total Geral: 18						

Quadro 2 – Número de informantes por grupo de fator condicionador – Campinas

FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE			
	Médio		Superior	
	GÊNERO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino

Faixa Etária 1	01	01	01	01
Faixa Etária 2	01	01	01	01
Faixa Etária 3	01	01	01	01
Total	03	03	03	03
TOTAL GERAL: 12				

Os estudos desenvolvidos à luz da Sociolinguística Variacionista têm revelado que, de um modo geral, falantes de escolaridade mais elevada tendem ou (a) à realização de uma variável mais conservadora, prestigiada socialmente ou (b) à de uma forma inovadora que não sofra estigma social. As formas mais conservadoras, muitas vezes, tendem a ser preservadas apenas na escrita, daí sua ligação com o nível de escolarização do indivíduo. Ainda, falantes do gênero feminino e de faixa etária mais avançada são os que tendem a um uso linguístico mais conservador quanto à manutenção de formas tidas como corretas na língua. Labov (1972) faz menção à tendência de uma maior “consciência” feminina sobre o *status* social das formas linguísticas, em comparação com a “consciência” masculina. Encontramos, assim, a fonte das ocorrências com o verbo *haver*: a maioria dessas ocorrências se encontra nas construções de um informante do dialeto conquistense, do gênero feminino, de nível superior e com mais de 50 anos³⁹.

Se *haver* dispõe de *status* social entre os falantes de nível superior e com mais de 50 anos, o emprego de *ser-existencial* não parece consistir em fruto de escolarização, tampouco é socialmente estigmatizado. Não parece haver um julgamento negativo, nem

³⁹ Por outro lado, também é observado que são as mulheres que introduzem formas “inovadoras” que não são por elas avaliadas como negativas, o que pode responder à observação feita por um membro da Banca de defesa da tese ao chamar a atenção para o fato de ser o sexo feminino de nível superior a empregar mais o verbo *ser* (cf. Tabela 6 acima).

sequer consciente, por parte do falante quanto ao uso de construções existenciais com esse verbo (vejam-se os comentários na introdução desta tese⁴⁰).

3.3 Dados de Salvador e São Paulo

3.3.1 Variáveis extralinguísticas

Das amostras referentes às duas capitais consideradas, foram extraídas 342 sentenças existenciais, sendo 179 ocorrências de Salvador e 163 de São Paulo. Do total, foram identificadas 53 com o verbo *ser*, 129 com *haver* e 160 com *ter*, como nos exemplos em (15)-(17) a seguir, respectivamente.

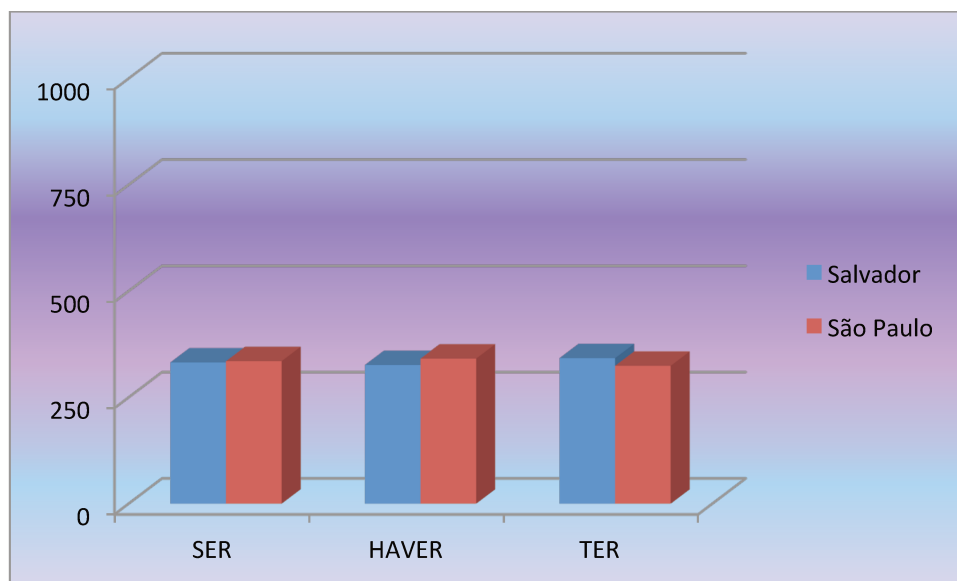
- (15) a. Eu me lembro que na estação daqui **era** uma confusão muito grande. (m1S)
b. [...] já no fim da rua, então, **era** uma casa muito antiga. (m2P)
- (16) a. [...] um local em que **haja** condições do estudante ter a aula. (f2S)
b. [...] daí até a Penha, era um atalho, onde **havia** cobras, índios... (m2P)
- (17) a. Bom, **tinha** as solenidades de formatura, não é? (m2S)
b. **Tem** um grande amigo meu que vem aqui... (f3P)

⁴⁰ Trazendo essa discussão para o campo formal (gerativista), podemos fazer alusão à distinção feita por Chomsky (1981) entre *gramática nuclear* e *gramática periférica*. A primeira constrói-se no processo natural de aquisição da linguagem, parte em que todos os princípios são mantidos e os parâmetros fixados dentro do que se é esperado; a última, por sua vez, se manifesta quando se ocorre um caráter não parametrizado, ou seja, abarca fatores que não são previsíveis a partir da GU, sendo reflexo da Língua Externa, comportando empréstimos, resíduos de mudança, inovações linguísticas, entre outros fatores (para fatos de gramática periférica entre falantes do Português Brasileiro, sugerimos o trabalho de Kato (2005). Conforme já observou Avelar (2006a), o último caso se aplica ao verbo *haver*, já que este consiste na variante de prestígio, sendo o verbo existencial preferido na língua escrita; diante das observações feitas, concluímos que *ser*, por sua vez, faz parte da gramática nuclear do falante.

Esses números indicam, à primeira vista, que os falantes das duas capitais mostram uma atitude linguística mais conservadora que os falantes das duas cidades do interior, o que talvez possa ser explicado pelo fato de todos os falantes dessa amostra terem nível de instrução superior. Outro aspecto para o qual devemos atentar é o fato de os dados do NURC terem sido coletados na década de 70, enquanto os dados do interior terem sido coletados no início dos anos 2000 – talvez, na passagem de quase duas décadas, possa ter havido alterações nos padrões de frequência das construções com os três verbos entre os indivíduos das duas capitais. Especificamente sobre a variação entre *ter* e *haver*, Callou & Avelar (2002) mostram que, da década de 70 para a década de 90, as construções existenciais com *ter* tiveram a sua frequência ampliada entre os falantes cultos da cidade do Rio de Janeiro: na década de 70, *ter* era empregado em 64% das construções existenciais, frequência que se amplia para 80% na década de 90 (chegando, segundo os autores, a 98% entre os indivíduos com menos de 35 anos de idade).

Nos dados do interior, é constatada uma diferença no concernente à *região* considerada, já que (a) nos dados de Campinas, o emprego das construções com o verbo *ser* é mais significativo que o de *haver*, como indicam os pesos relativos de, respectivamente, 0.687 e 0.030 e (b) nos dados de Vitória da Conquista, o inverso é verificado, visto que os pesos relativos para *ser* e *haver* são de 0.038 e 0.871, respectivamente. Entre os dados da capital, por sua vez, no que diz respeito ao peso relativo, não se verifica qualquer diferença quanto ao emprego dos três verbos, conforme ilustrado pela Figura 3 a seguir: a amostra de Salvador apresenta, para *ser*, *haver* e *ter*, os pesos relativos de 0.332, 0.326 e 0.342, respectivamente; entre os dados de São Paulo, os números são próximos – 0.335, 0.341 e 0.315, respectivamente.

Figura 3 – Construções Existenciais com os Verbos *Ser*, *Haver* e *Ter* por Região



Tendo em vista que os outros dois fatores extralinguísticos – *Gênero* e *Faixa Etária* – não foram selecionados pelo Varbwin como significativos para o uso de *ser-existencial*, não apresentaremos em tabelas e figuras seus resultados. Especificamente sobre a faixa etária, contudo, cabe ressaltar que chamaram a atenção os resultados referentes aos verbos *ter* e *haver* – enquanto os falantes mais jovens e, sobretudo, os da faixa etária intermediária empregam mais *ter*, respectivamente, 0.419 (em relação aos 0.329 de *ser* e os 0.252 de *haver*) e 0.553 (para 0.311 de *ser* e 0.136 de *haver*), os falantes mais velhos utilizam mais construções existenciais com *haver*, com peso relativo de 0.621 (em relação aos 0.064 de *ser* e 0.100 de *ter*), do mesmo modo que acontece nos dados do interior.

3.3.2 Variáveis intralinguísticas

3.3.2.1 Presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP

Entre os dados extraídos das amostras das capitais, verificamos que, assim como ocorre nas construções produzidas pelos falantes do interior, *ser* é favorecido pela presença de um constituinte com marca intensificadora de grau na sentença: entre as existenciais dessas amostras, *ser* se realiza sobretudo quando a intensificação recai sobre o nome (peso relativo

de 0.969), como na sentença em (18) a seguir, assim como quando o intensificador é um quantificador (peso relativo de 0.741), como na sentença em (19).

(18) [...] São Paulo está cada dia pior [...] *é trânsito* [...] *é problema*... (m1sP)

(19) [...] agora não; agora o pessoal parece que entra e sai. *É um* burburinho ali no cinema. Entra e sai todo mundo. (f2sP)

3.3.2.2 Concordância entre o verbo e o DP pós-verbal

Entre os dados das duas capitais, as construções existenciais com *ser* também são caracterizadas pela marca de concordância plural entre o DP e o verbo, como podemos observar no exemplo em (20) abaixo. Não foi verificado qualquer caso em que não se desse a concordância entre esses elementos. O contrário se aplica ao verbo *haver*, com o qual não foram registrados casos de concordância (exemplo em (21)). Na maioria das vezes, não se pode precisar se o verbo *ter* está ou não no plural (por conta da homofonia no presente do Indicativo *tem/têm*), como é mostrado em (22); apesar de, conforme comentado anteriormente, acreditarmos que esteja no singular, tendo em vista que, na maioria das vezes, quando o verbo se encontra no pretérito imperfeito, não concorda com o DP no plural, como em (23). Segue em (24), por outro lado, um exemplo, em que este verbo está concordando com o DP pós-verbal.

(20) Nós temos o chefe dos departamentos e vários departamentos – eu não sei *quantos são* no Hospital das Clínicas... (f2sS)

(21) Tudo bem, não *há novidades*. (f1sS)

(22) [...] e sempre *tem os probleminhas*... (m1sP)

(23) [...] se *tinha empecilhos* de toda e qualquer espécie... (m1sP)

(24) [...] eu noto que antigamente *tinham filmes* mais assim... (f2sP)

3.3 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, apresentamos os resultados de um estudo quantitativo em torno da variação entre *ser*, *ter* e *haver* em construções existenciais de localidades do estado da Bahia (Vitória da Conquista e Salvador) e de São Paulo (Campinas e São Paulo). O estudo mostrou que as existenciais com *ser* são produzidas em todas as localidades estudadas, tendo como seu principal fator favorecedor a presença de um constituinte com marca de intensificação de grau no interior da sentença.

As variáveis linguísticas apontadas como significativas pelo Varbwin para a realização de *ser-existencial* serão relevantes no tratamento formal a ser delineado no capítulo 4. Os principais pontos a serem explorados dizem respeito exatamente à presença de um constituinte intensificador no DP que compõe a coda existencial (sobretudo, quantificadores, nomes nus, advérbios de intensidade) e a concordância entre o verbo existencial e esse DP.

CAPÍTULO 4

CONSTITUIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS COM O VERBO *SER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma análise, em termos formais, para a constituição das construções existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro, utilizando como pano de fundo os pressupostos teóricos apresentados no capítulo 2. A nossa hipótese é a de que as construções existenciais com o verbo *ser* trazem um núcleo portador do traço de grau (*Degree*) em sua estrutura, o que lhe imprime um caráter avaliativo. O capítulo se encontra

dividido da seguinte forma: na seção 4.1, apresentamos a proposta de Avelar (2004, 2009) em torno de construções com *ter*, *ser* e *estar* do Português Brasileiro; na seção 4.2, explorando a proposta de Avelar (2004) como ponto de partida, apresentamos formalmente uma análise para as existenciais com *ser*, propondo que a coda existencial com esse verbo deve comportar um núcleo portador do traço de grau (Deg); na seção 4.3, destacamos testes relacionados à presença de constituintes adverbiais no interior das construções existenciais para argumentar em favor da hipótese de que, na obtenção de *ser-existencial*, entram em jogo, no processo de inserção vocabular, condições de adjacência entre determinados núcleos; na seção 4.4, abordamos o que chamaremos de *existenciais sem verbo*, argumentando tratar-se de instâncias com *ser-existencial* nas quais a matriz fonológica do verbo é apagada; na seção 4.5, mostramos que não há evidências para o tratamento das construções com *ser-existencial* no Português Brasileiro Contemporâneo como um resíduo das construções com o mesmo verbo no Português Medieval; na seção 4.6, sintetizamos o capítulo.

4.1 Condições de adjacência no componente morfológico para a obtenção de *ter*, *ser* e *estar*

4.1.1 Construções existenciais e copulativas

Assumindo um viés não-lexicalista, Avelar (2004) propõe que condições de adjacência no componente morfológico são fundamentais para a obtenção de *ter*, *ser* e *estar* em construções existenciais, possessivas e copulativas do Português Brasileiro. O autor toma emprestada a noção de *merger* morfológico proposta por Halle & Marantz (1993), como uma operação através da qual dois nós terminais são reunidos num mesmo nó, acessando-se duas entradas vocabulares independentes, e, ainda assim, sendo possível formar-se uma palavra a partir desses nós. Ainda recorre à ideia de *fusion*, operação que consiste no acesso de uma única entrada vocabular através de dois feixes de traços. Para ele, os verbos *ter*, *ser* e *estar* são obtidos por meio de *merger* morfológico seguida de *fusion*.

O ponto de partida da proposta de Avelar é a assunção de que existe um paralelismo temático entre construções existenciais, copulativas e possessivas (LYONS, 1968; BENVENISTE, 1972; CLARK, 1978; FREEZE, 1992). Avelar propõe que as copulativas e possessivas são formadas a partir do complexo de traços que são combinados para a formação das existenciais: será a partir dos traços que se associam para a obtenção de *ter-existencial* que se formarão as construções copulativas com *ser* e *estar*, bem como as possessivas com o próprio verbo *ter*. Tendo em vista que *ser*, foco desta tese, pode se realizar tanto como um verbo copulativo quanto como um existencial, vamos nos deter à arquitetura dada pelo autor para esses padrões sentenciais, deixando de fora a discussão sobre as construções possessivas.

Avelar parte da proposta de Viotti (1999), segundo a qual o traço D-forte em T é opcional no Português Brasileiro. Também considera, seguindo Belletti (1988), que o Caso partitivo faz parte do feixe de traços que entram na composição do *verbo existencial*. O partitivo consiste num Caso inerente, logo devendo ser checado juntamente com o papel- θ atribuído por *v* (a despeito, ressalte-se, de o autor considerar que, nas existenciais do Português Brasileiro, a categoria *v* é defectiva no que diz respeito à sua força temática). Uma vez que o *v* das existenciais é defectivo quanto à atribuição de papel- θ , Avelar chama a atenção para o fato de ser requerido um elemento capaz de atribuir um papel- θ pleno ao DP que é tomado como complemento desse verbo, daí a necessidade do que se convencionou chamar de *coda* existencial (cf. MILSARK, 1974, 1977). Dessa forma, a “força” temática das construções existenciais se origina, para o autor, na categoria que nucleia um constituinte locativo (ou um constituinte de outra natureza que possa funcionar como o predicado da coda). Avelar argumenta em favor dessa ideia a partir de construções como as apresentadas abaixo:

- (1) a. Tem dois cadernos com a Ana.
- b. * Tem dois cadernos.
- c. Tem dois cadernos da Ana com o Pedro.
- d. * Tem dois cadernos da Ana.

Se não estiverem contextualmente ancoradas, as construções em (1b) e (1d) podem ser consideradas mal formadas, justamente pela falta de um licenciador temático para o DP pós-verbal, ao contrário das ocorrências em (1a) e (1c). Enquanto a sentença em (1a) conta com um predicado para *dois cadernos* (a sequência *com a Ana*, nucleada pela preposição predicativa *com*), o que lhe garante uma interpretação temática; a construção em (1b) traz um DP que não pode ser licenciado tematicamente, visto que a preposição *de* não dispõe de suficiente força semântica para garantir uma interpretação temática para *dois cadernos*. Similarmente a (1a), o predicado *com o Pedro* licencia, em (1c), tematicamente o DP *dois cadernos da Ana*, mas a estrutura em (1d), por sua vez, é agramatical pelo fato de não haver qualquer elemento capaz de atribuir papel- Θ a *dois cadernos*.

A partir desses fatos, Avelar defende que a arquitetura das construções existenciais com *ter* deve ser estabelecida de modo a garantir que o DP sobre o qual se afirma a existência interaja estruturalmente tanto com o predicado da coda quanto com a categoria destinada a receber a matriz fonológica do verbo *ter-existencial*. Para tanto, o autor assume que a coda existencial nas construções com *ter* pode se configurar como *small clauses*, no sentido proposto por Starke (1995), para quem toda e qualquer *small clause* é composta por uma categoria lexical (responsável por sua força predicativa) e por projeções funcionais⁴¹. A única diferença entre *small clauses* e orações plenas, nesse sentido, é a

⁴¹Seguindo a noção de SC proposta por Starke (1995), Avelar sugere uma projeção LexP, cujo núcleo, Lex⁰, pode ser uma preposição, quando há um sintagma locativo presente na coda. Assim como o núcleo V da projeção VP, a preposição pode selecionar um argumento interno e um argumento externo, como é representado em (i) para uma sentença como *Tem livros na estante*, em que o constituinte *livros* consiste no sujeito, e o PP, no predicado.

(i) [_{CP} C⁰ [_{PP} [livros] [_{P'} em [a estante]]]]

O esquema acima ainda carece de Lex⁰, que, para Avelar (2004, p. 84-85), é a preposição *de*. Segundo ele, “o fato de quase todas as preposições locativas formarem locuções com a preposição *de* pode ser apontado como um ponto em favor à idéia de que um constituinte locativo consiste na projeção máxima de uma categoria funcional”. A formação das locuções *dentro da mochila*, *em cima da mesa* e *atrás da estante*, cujos esquemas seguem em (ii)-(v) abaixo, se daria através de *merge* morfológico.

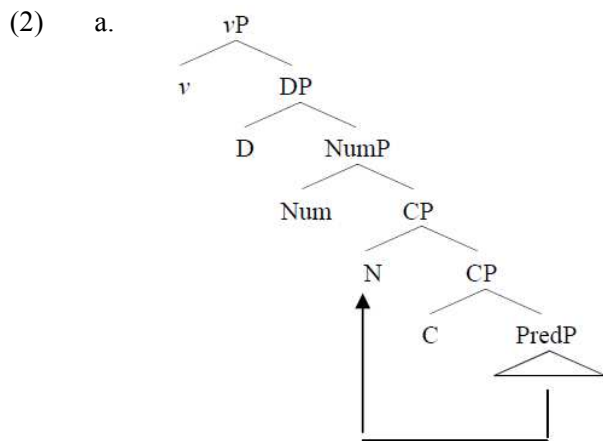
(ii) [_{CP} de [_{PP} dentro [_{DP} a mochila]]]

(iii) [_{CP} de [_{PP} em cima [_{DP} a mesa]]]

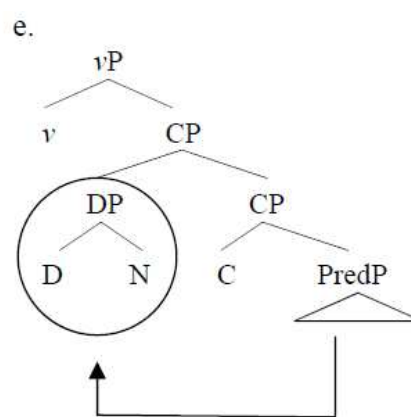
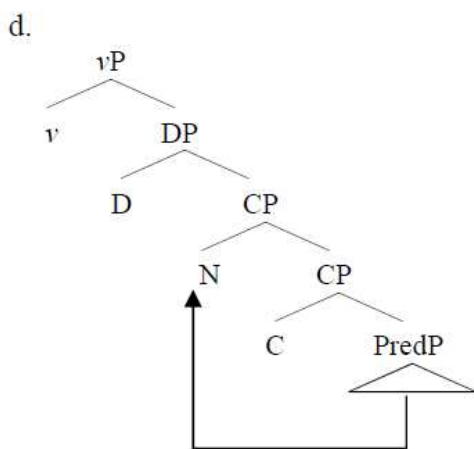
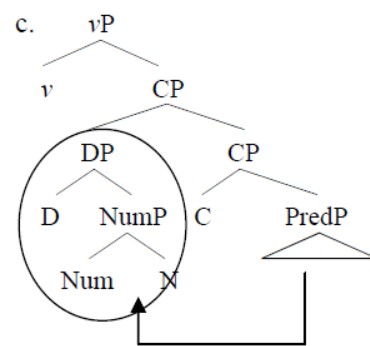
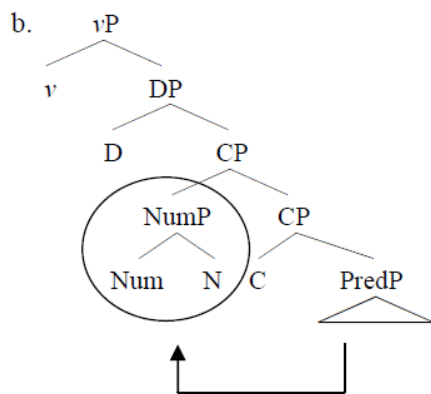
(iv) [_{CP} de [_{PP} atrás [_{DP} a estante]]]

ausência de uma forma verbal finita nas primeiras. Como toda oração, as *small clauses* constituem-se como um CP, trazendo em seu interior categorias que são a contraparte das encontradas numa estrutura verbal, com algum item (preposição, adjetivo, advérbio etc.) fazendo as vezes do verbo no que diz respeito à função predicativa.

Em linhas gerais, a proposta de Avelar é a de que a coda existencial pode se apresentar com qualquer uma das configurações em (2) a seguir: em todas elas, a relação predicativa é estabelecida dentro de uma *small clause* (que corresponde a um CP), no interior da qual há uma “camada” (PredP) responsável por estabelecer a predicação. Em todas as configurações, o sujeito da *small clause* (que pode ser um NP, um NumP ou um DP) precisa migrar do interior de PredP e se adjungir ao CP.



Apesar de propor a possibilidade de Lex⁰ poder ser uma preposição ou outra categoria lexical relevante presente na coda existencial, a hipótese defendida por Avelar, em sua dissertação, é a de que, para a obtenção do verbo copulativo *ser* e do possessivo *ter*, será necessário que um item interno à SC seja incorporado ao verbo existencial. Parte dos traços desse item vai se encontrar numa categoria equivalente a Lex⁰.

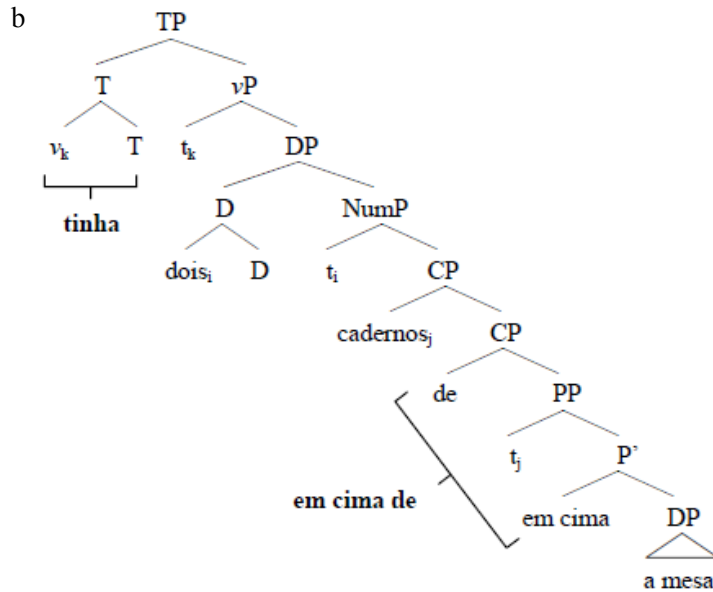


A título de exemplo, consideremos a derivação de uma construção existencial como a apresentada em (3a) abaixo (cf. AVELAR, 2004, p. 101-102), cuja coda é composta de um DP (*dois cadernos*) e um PP locativo (*em cima da mesa*). Considerando uma interpretação não-partitiva⁴² para o DP *dois cadernos*, Avelar argumenta que a coda existencial deve assumir a configuração apresentada em (2a): o NP *cadernos* é inicialmente inserido dentro de PredP, funcionando como o argumento externo da *small clause* que tem como predicado o PP locativo *em cima da mesa*, do qual recebe um papel temático. Para satisfazer determinados requerimentos gramaticais, o NP se move para o domínio mínimo

⁴² A sentença ‘Tinha dois cadernos em cima da mesa’ pode levar a duas interpretações atreladas ao DP *dois cadernos*. Uma delas pressupõe a existência de um conjunto maior de cadernos do qual esses dois que se encontram sobre a mesa fazem parte. Podemos nos referir a esse tipo de leitura como *leitura partitiva*. Existe outra interpretação, segundo a qual o DP *dois cadernos* não pertence a um conjunto maior de cadernos, referindo-se apenas a dois cadernos de Ana que estão sobre a mesa; nesse caso, estamos diante de uma *leitura não-partitiva*.

do CP, adjungindo-se a essa projeção e passando, ao mesmo tempo, a fazer parte do domínio mínimo de Num. A derivação prossegue com a projeção da coda (um DP em que D é nulo) sendo concatenada ao verbo existencial.

(3) a. **Tinha** dois cadernos em cima da mesa.

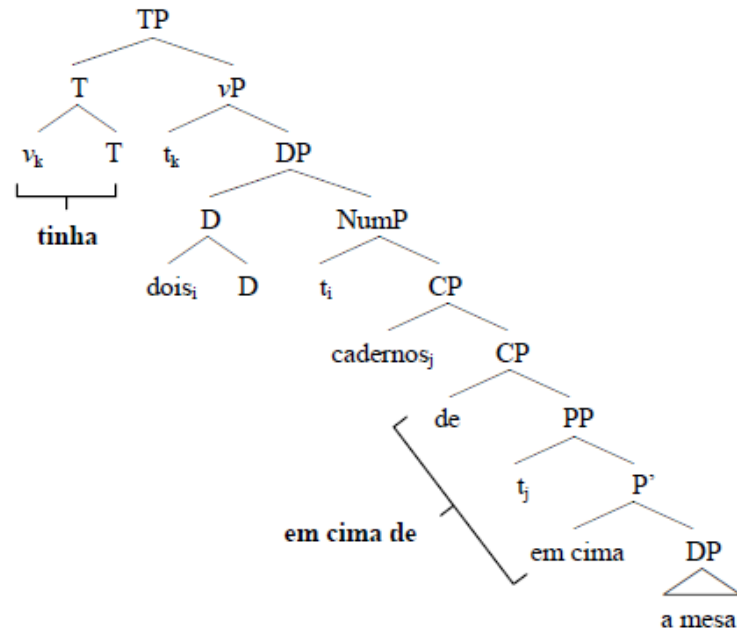


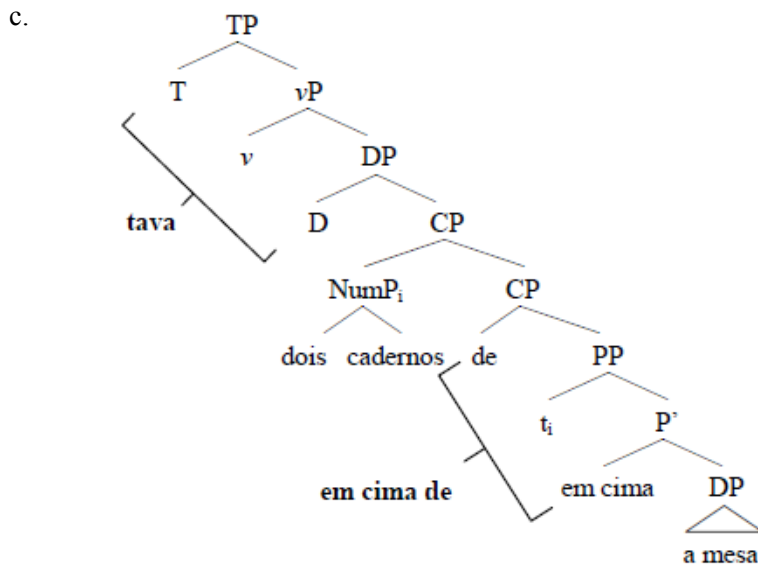
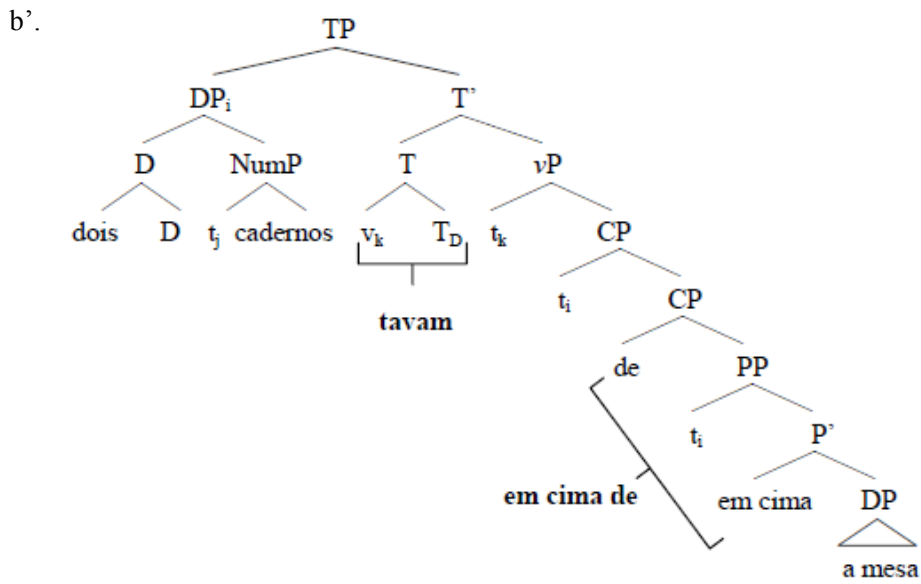
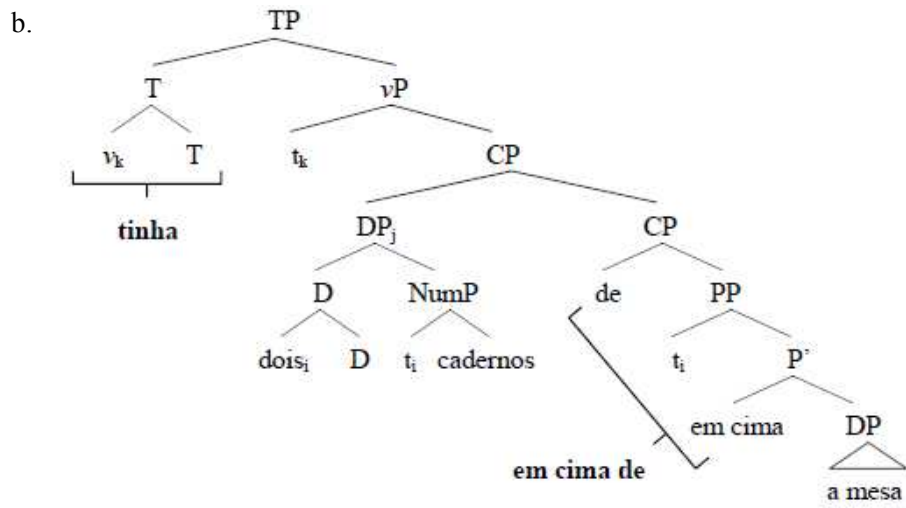
Não nos ocuparemos aqui das evidências apresentadas por Avelar para justificar cada uma das configurações que o autor assume ser possível para a coda existencial. O ponto que nos interessa mais de perto é a ideia de que construções com *ter*, *ser* e *estar* podem ser derivadas a partir daquelas configurações reproduzidas em (2), tendo em vista a possibilidade de *v* se combinar ou não com determinados traços e de essa combinação ser ou não visível ao processo de inserção vocábular que tem lugar no componente morfológico.

Consideremos, inicialmente, os contrastes entre as construções com *ter-existencial* e *estar*, tendo em vista a representação apresentada em (2), assim como as que se seguem em (4) para as construções desse paradigma. De uma perspectiva formal, o que vai determinar a realização de *v* como *ter-existencial* ou *estar* tem a ver, segundo Avelar,

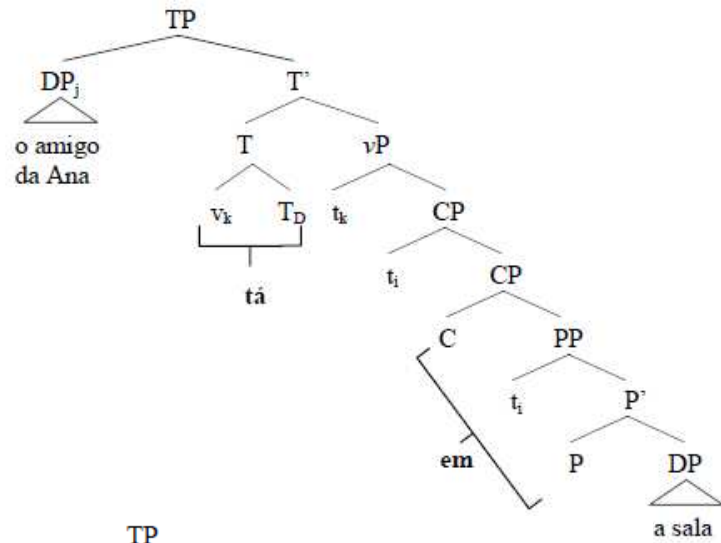
com a presença ou a ausência do traço D associado a $v+T$: se o traço estiver presente, o verbo se realiza como *estar*; se ausente, se realiza como *ter*.

(4) a.

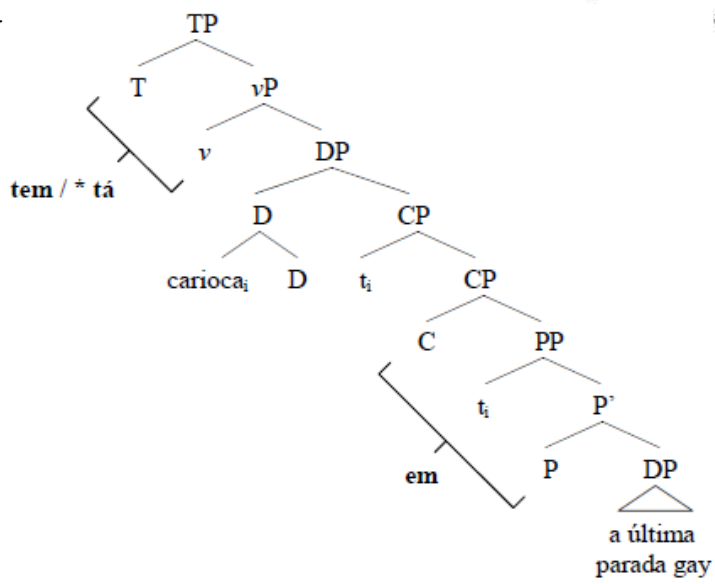




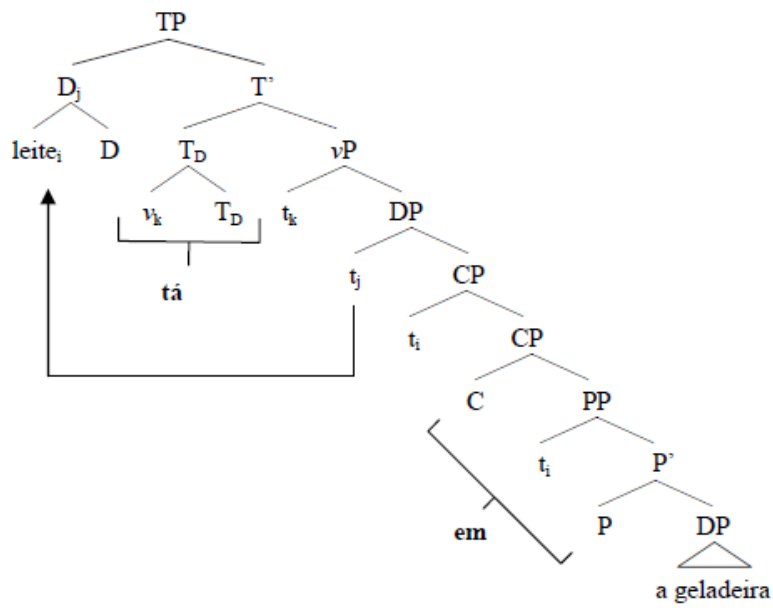
d.



e.



e'.



A configuração em (4a) acima representa sentenças existenciais que apresentam uma leitura [-ESP]⁴³, o que significa que não se está tratando de cadernos pertencentes a um conjunto previamente conhecido (ou seja, a construção resultante não pode ter como paráfrase uma sentença como “Tinha dois daqueles cadernos em cima da mesa”). O N cadernos é conectado ao PP [em cima da mesa], sendo, posteriormente, movido para o domínio de checagem de Num. A derivação prossegue com o DP sendo concatenado a ν , o que atende aos requerimentos de checagem do Caso inerente partitivo. ν se move, então, para T (sem traço D), formando-se o complexo $\nu+T$, que recebe, no processo de inserção lexical, a matriz fonológica de *ter*.

A configuração dada em (4b), por sua vez, corresponde a uma sentença existencial cuja leitura é [+ESP], ou seja, trata-se de um conjunto de cadernos previamente determinado. Nesse caso, o que é inserido em [Spec,PP] é o DP inteiro (*dois cadernos*), que será, no decurso da derivação, adjungido ao CP e, nessas condições, entrará no domínio mínimo de ν , satisfazendo aos requerimentos de checagem do Caso inerente partitivo. A derivação prossegue, com ν se movendo para T, e a matriz fonológica de *ter* sendo inserida em $\nu+T$.

A diferença de (4b) para (4b') está no fato de que nesta, mas não naquela, T porta um traço D, que requer a criação de [Spec,T] e força o movimento do DP *dois cadernos* para essa posição. No processo de inserção lexical, $\nu+T_D$ recebe a matriz fonológica de *estar*.

A configuração em (4c) remete a construções com leitura episódica, isto é, trata-se de uma relação mais transitória ou de uma mudança de estado: os cadernos se encontravam em cima da mesa num momento anterior, porém não mais no momento da enunciação. NumP é inserido na projeção locativa e, em seguida, adjungido a CP, entrando no domínio mínimo de D; o DP é conectado a ν , com D dissociado de Num. Nessa arquitetura, $\nu+T$ e D estarão adjacentes no componente fonológico, formando-se o

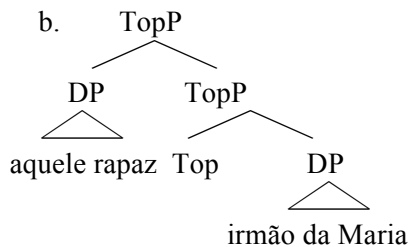
⁴³ Para Avelar (2004, p. 40), um constituinte será específico [+ESP] quando “o N sobre o qual a partição recai aponta para um conjunto bem delimitado”, com a sua totalidade sendo conhecida por todos os membros da interlocução, o que não acontece no exemplo estudado, daí ele ser não-específico ([-ESP]).

complexo $v+T+D$, que irá acessar, no componente morfológico, a entrada vocabular que permite a realização de *estar*.

As derivações representadas (4d) e (4e) seguirão os mesmos passos derivacionais, com a realização de *ter* ou *estar* sendo atrelada à presença ou à ausência de D (como um traço ou como um núcleo amalgamado) no complexo $v+T$.

Com relação às sentenças copulativas, Avelar propõe que, para a obtenção do verbo *ser*, v se conecta a uma projeção que traz em seu interior uma relação apositiva com interpretação *individual level*, cujo núcleo é uma versão nominal da categoria Top(ico). Previamente a essa hipótese, o autor assume que relações apositivas do tipo *Aquele rapaz, irmão da Maria* (como na construção em (5a) adiante) envolvem a concatenação de *aquele rapaz* na periferia esquerda do DP *irmão da Maria* (conforme representado em (5b)), especificamente em adjunção a um núcleo que é identificado como a contraparte do Top sentencial dentro do constituinte nominal.

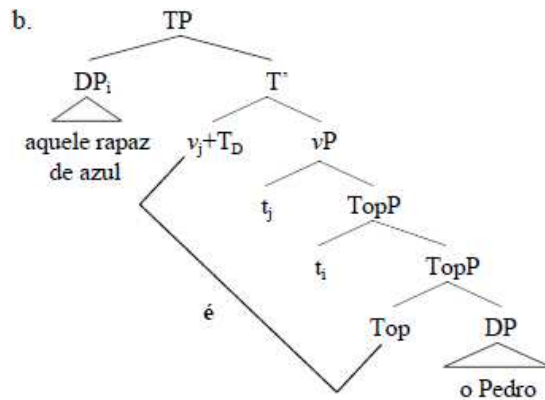
(5) a. *Aquele rapaz, irmão da Maria*, mora muito longe.



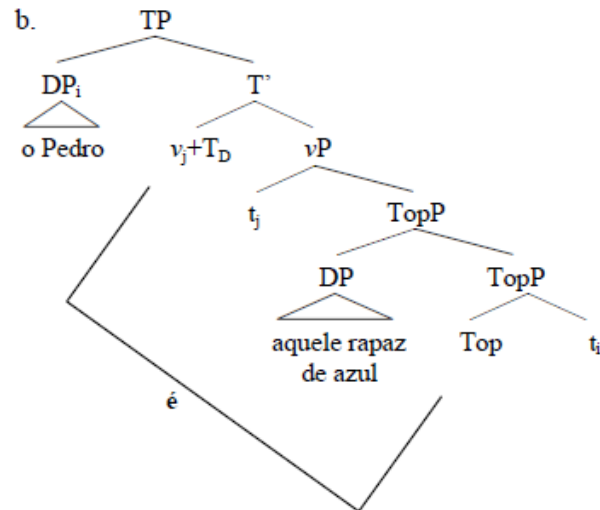
Para derivar as construções com *ser* copulativo, Avelar sugere que a categoria v em jogo é a mesma que determina a geração das construções com *ter-existencial* e *estar*. A diferença, nesse caso, está no fato de que v toma um TopP apositivo como seu complemento. Para obter o verbo *ser*, a derivação deve transcorrer de modo que, no processo de inserção vocabular, Top esteja adjacente a $v+T_D$, amalgamando-se a esse complexo. O resultado desse amálgama (Top+ $v+T_D$) recebe a matriz fonológica de *ser*. Existe uma relação predicativa entre o DP adjungido a TopP e o DP/NumP, complemento de Top. Tal relação se submete a uma hierarquia referencial (cf. HEGGIE, 1988), segundo a qual os elementos menos referenciais normalmente consistem em predicado, e os

referenciais, em sujeito. Avelar, por sua vez, seguindo Moro (1995), assume que o constituinte mais referencial será sempre o sujeito, a despeito de estar em posição pós ou pré-copular da predicação. Nas sentenças abaixo, o predicado (*o Pedro*) ora é pós-copular, como em (6), ora é pré-copular, como em (7).

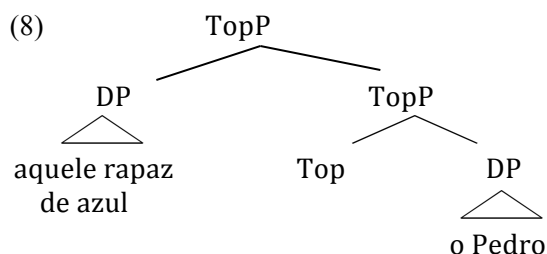
(6) a. *Aquele rapaz de azul é o Pedro.*



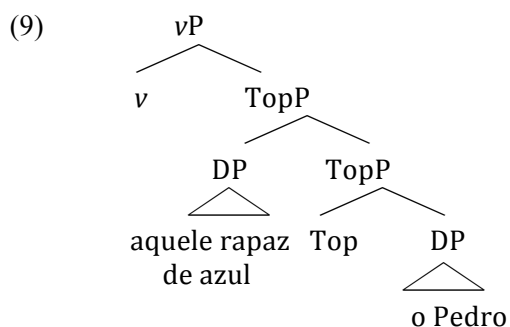
(7) a. *O Pedro é aquele rapaz de azul.*



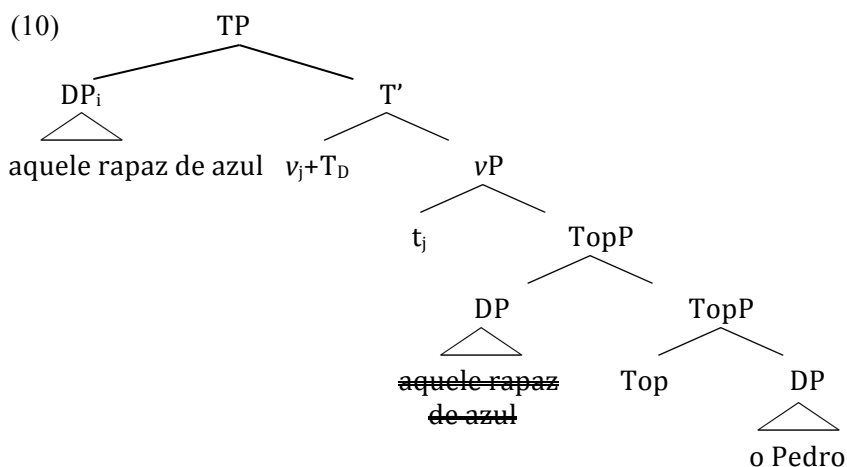
Em ambas as estruturas, primeiramente, o sujeito *aquele rapaz de azul* é inserido nos domínios de Top como um adjunto, de acordo com a representação em (8) abaixo.



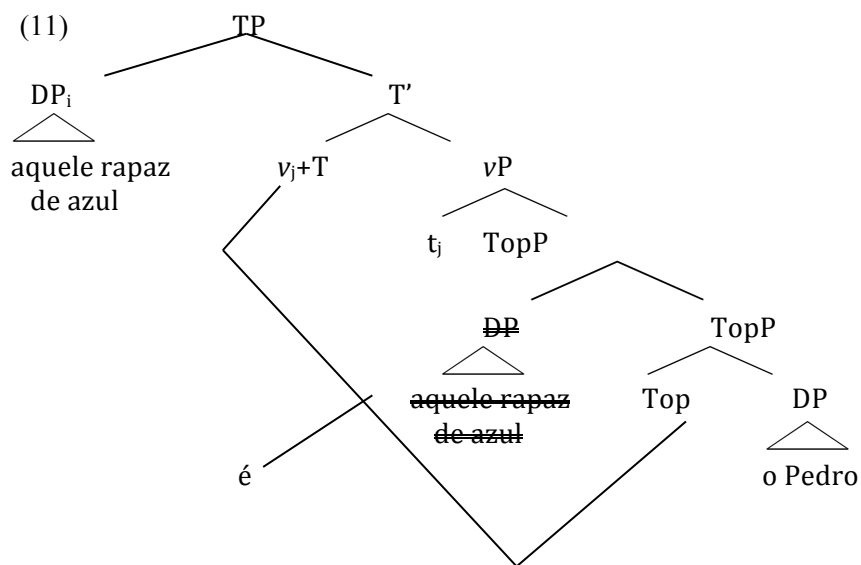
Para derivar uma construção como (6a), por exemplo, a operação a partir de (8) acima se dá como em (9) a seguir: a projeção de Top se concatena a *v*, com o DP adjungido a TopP passando ao domínio mínimo do verbo leve existencial, atendendo aos requerimentos seletivos dessa categoria. O DP não entra em relação de checagem de Caso partitivo com *v* por ser definido, podendo, então, satisfazer a requerimentos de Caso de um núcleo mais alto.



T é concatenado a *vP* em seguida. Tendo em vista que T possui traços D e de nominativo a serem checados, o DP *aquele rapaz de azul* se move para seu Spec.



Por fim, obtém-se a realização fonológica de *ser* copulativo quando o núcleo Top se associa ao complexo *v*+TD no componente morfológico. Desse modo, será *v*+T+Top que receberá a matriz fonológica necessária à obtenção de *ser*. Segue em (11) a representação final da sentença *Aquele rapaz de azul é o Pedro*.



4.1.2 Relações de constituição no interior da coda existencial

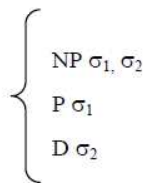
Um importante aspecto da análise proposta em Avelar (2004) sobre a estrutura da coda existencial diz respeito aos testes de constituição que servem para diagnosticar as diferentes possibilidades de configuração (aqui exemplificadas em (2) na seção 4.1.1).

Dentre os paradigmas discutidos pelo autor está o das sentenças apresentadas em (12) a seguir, no qual o PP locativo *na biblioteca* pode ser topicalizado com ou sem o N *livros*, respectivamente como em (12b) e (12c). Para Avelar, fatos desse tipo revelam que as existenciais devem apresentar uma configuração na qual N estabelece alguma forma de constituição tanto com o quantificador (*poucos*) quanto com o PP locativo.

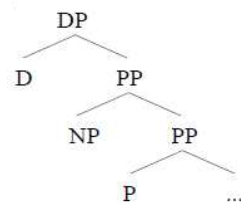
- (12) a. A Simone disse que tem poucos livros na biblioteca.
 b. ***Livros na biblioteca***, a Simone disse que tem poucos.
 c. ***Na biblioteca_i***, a Simone disse que tem poucos livros t_i .

Para dar conta das possibilidades em (12b) e (12c), Avelar explora uma proposta prévia de Kato & Nunes (1998), traduzida no esquema em (13): o NP precisa estabelecer, simultaneamente, uma relação s_1 com P (a preposição locativa) e s_2 com D (o determinante). A representação em (14) capta essa condição: o NP, que se encontra no domínio mínimo de P (por estar adjunto ao PP), recebe um papel temático da preposição locativa; ao mesmo tempo, participa do domínio mínimo de D, atuando como seu complemento.

(13)



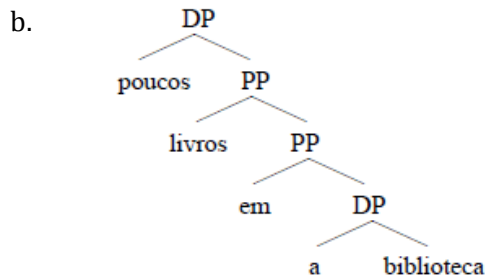
(14)



Retomando as sentenças apresentadas em (12) acima e concentrando-nos na representação da coda existencial conforme em (15) abaixo, vemos que o papel- θ da preposição é checado/atribuído pelo NP *livros*, que está em adjunção a PP, como em (15a). “A configuração resultante possibilita a conexão entre o determinante *poucos* e o PP, dado

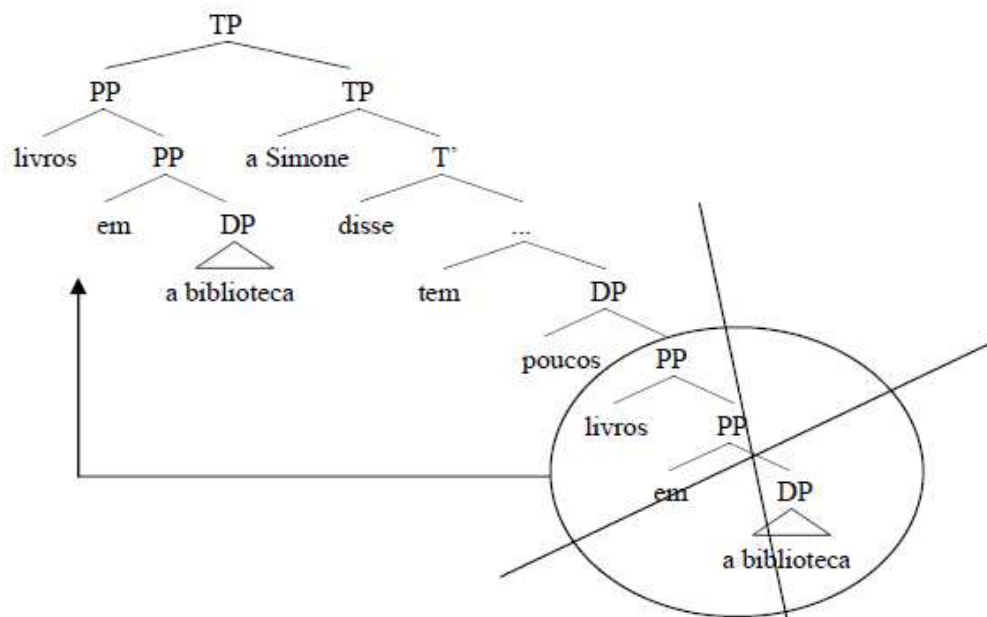
que o resultado é a inserção de NP no domínio mínimo de D, satisfazendo os requerimentos de ambas as categorias”, conforme (15b). (AVELAR, 2004, p. 80)

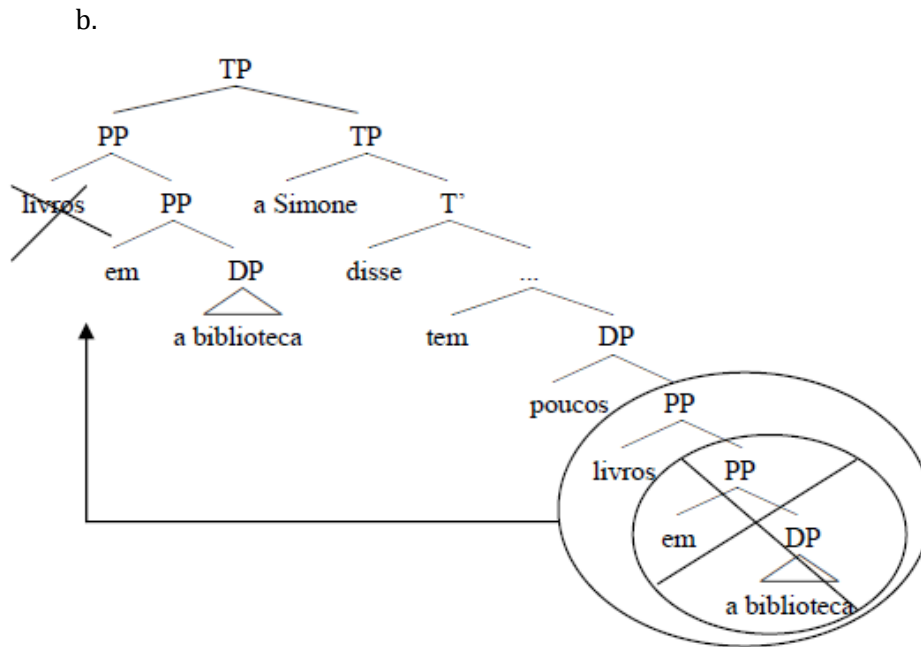
(15) a. [PP [NP livros] [PP em [DP a biblioteca]]]



Tendo em vista a configuração em (15) para a coda existencial, Avelar deriva a construção em (12b) da seguinte forma: quando o PP se move para uma posição mais alta, o mesmo ocorre com o NP *livros*, com o subsequente apagamento da cópia mais baixa do PP, conforme ilustrado em (16a) adiante. Já a construção em (12c) é derivada conforme a representação em (16b): assumindo a proposta de Cavar & Fanselow (1997), Avelar propõe que o PP sofre o que chama de “apagamento espalhado” – visando a atender requerimentos da interface, o sistema computacional apaga parte da cópia mais alta e parte da cópia mais baixa do PP, resultando na construção relevante.

(16) a.





Retornaremos a essa análise mais adiante, para abordar fatos relativos às construções existenciais com *ser*.

4.2 Configuração das construções com *ser* existencial no Português Brasileiro Contemporâneo

Nesta seção, passamos a abordar mais diretamente as construções com *ser-existencial*, especificamente no que diz respeito a dois pontos: (i) a presença de um núcleo associado ao caráter avaliativo observado em tais construções e (ii) as condições de adjacência entre núcleos, a serem observadas no componente morfológico, para a obtenção da versão existencial de *ser*.

4.2.1 O núcleo Deg(ree) nas construções com *ser-existencial*

No Português Brasileiro Contemporâneo, as duas formas copulares canônicas (*ser* e *estar*) podem, como já vimos, ocorrer em construções que recebem interpretação existencial. O verbo *estar*, em particular, pode ocorrer tanto isoladamente (como em (17c)) como associado à preposição *com* (como em (17d)).

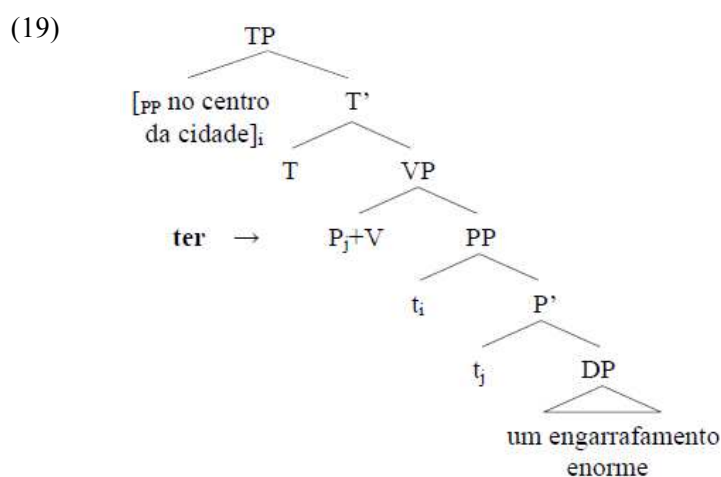
- (17) a. **Tem** uma multidão na praça.
b. **É** uma multidão na praça.
c. **Tá** uma multidão na praça.
d. **Tá com** uma multidão na praça.

Um fator que destaca as construções existenciais com o verbo *ser* das que se realizam com *ter* e *estar (com)*, conforme demonstrado na análise quantitativa, é o fato de serem quase categóricos os casos de concordância entre o verbo *ser* e o DP pós-verbal no plural. Seguindo diferentes desdobramentos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2000, 2001), assumiremos que existe uma relação entre Caso e concordância: em se tratando das existenciais com *ser*, o Caso do DP pós-verbal deve ser o nominativo, já que tal DP desencadeia concordância com a flexão verbal. Assim, numa sentença como *São várias lojas naquele shopping*, T deve ter, de alguma forma, seus traços- ϕ e o traço de Caso nominativo checados pelo DP *várias lojas*. Essa checagem pode ser efetivada nos termos propostos por Chomsky (1995) para as existenciais com *there is/there are*: por se tratar de um traço fraco, a checagem do traço de Caso nominativo nas existenciais com *ser* é adiada para a sintaxe invisível, por meio do movimento do DP (ou apenas do traço de Caso) após *Spell-Out*, no caminho para a Forma Lógica. Quanto à checagem do traço-D (EPP) do núcleo T das existenciais com *ser*, estamos assumindo, juntamente com Avelar (2004) e Viotti (2002), que EPP é opcional (ou seja, não está presente em todos os padrões frásicos) no Português Brasileiro.

Antes de apresentar a configuração da coda nas construções existenciais com *ser*, cabe aqui uma breve nota sobre a checagem do traço de Caso nas construções existenciais com *ter*. Ao contrário do que observamos entre as construções com *ser-existencial*, as construções com *ter-existencial* não exibem concordância entre os traços- ϕ de T e o DP pós-verbal. À luz da proposta de Avelar (2009), isso se deve ao fato de *ter-existencial* ser obtido por meio da fusão de uma preposição abstrata a *v*, nos mesmos moldes observados para a obtenção de *ter*-possessivo. É essa preposição a responsável pela checagem/atribuição de Caso ao DP pós-verbal nessas construções. Dessa perspectiva, o complemento do verbo existencial nas construções com *ter* recebe Caso oblíquo (também

poderíamos assumir que esse complemento apresenta Caso partitivo inerente, conforme autores como Avelar (2004) e outros que seguem a proposta de Belletti (1988) e Lasnik (1995), o que não será central para a proposta aqui desenvolvida), e não Caso nominativo, ao contrário do que se observa nas construções com *ser*. A configuração proposta por Avelar (2009) para a construção com *ter-existencial* exemplificada em (18) abaixo vem representada em (19).

(18) No centro da cidade *tinha* um engarrafamento enorme.



Notemos que a representação proposta em (19) é diferente daquela sugerida em Avelar (2004), por meio das configurações que reproduzimos anteriormente em (2), com a principal diferença recaindo sobre a presença de uma preposição abstrata em Avelar (2009), ausente no modelo proposto em Avelar (2004). Além disso, enquanto o Caso associado ao DP pós-verbal é, em Avelar (2009), identificado como sendo um traço oblíquo, esse traço é apresentado como um Caso inerente partitivo em Avelar (2004). Independentemente de qual das abordagens esteja correta, iremos assumir, por ora, a configuração da coda existencial proposta em Avelar (2004), apresentada na seção anterior.

Voltemos à configuração das construções existenciais com *ser*. Conforme já ressaltado anteriormente, os dados nos mostram que, toda vez que esse verbo adquire leitura existencial, ocorre um constituinte com marca intensificadora, atrelada a algum grau de avaliação subjetiva, no interior da sentença. Vale lembrar que, na análise quantitativa

dos dados (ver capítulo 3), a presença desse constituinte favorece, em termos quantitativos, a realização de *ser-existencial*, em dados como os que seguem.

- (20) a. * *É violência* no Rio de Janeiro. (sem intensificação)
b. *É muita* violência no Rio de Janeiro. (presença do quantificador ‘muito’)
- (21) a. * *É violência* no Rio de Janeiro. (sem intensificação)
b. *É VIOLÊNCIA* no Rio de Janeiro! (intensificação no nome, por meio de marcação entonacional)

A necessidade de um constituinte com marca intensificadora não é observada, por exemplo, em construções existenciais com *ter* e *haver*, conforme nos mostram estes exemplos em (b) em (22)-(23):

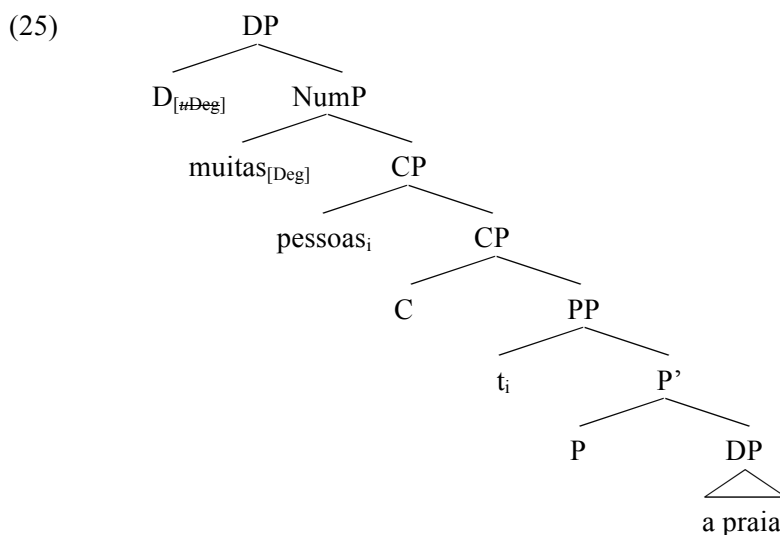
- (22) a. ^{OK} *Tem um caderno* sobre a mesa. (sem intensificação)
b. ^{OK} *Tinha violência* no Rio de Janeiro. (sem intensificação)
c. ^{OK} *Tem muita* violência no Rio de Janeiro. (presença do quantificador ‘muita’)
- (23) a. ^{OK} *Há um caderno* sobre a mesa. (sem intensificação)
b. ^{OK} *Havia violência* no Rio de Janeiro. (sem intensificação)
c. ^{OK} *Há muita* violência no Rio de Janeiro. (presença do quantificador ‘muita’)

Para captar essa propriedade particular das sentenças com *ser-existencial*, proporemos que as construções com esse verbo trazem uma categoria responsável pela expressão de grau, similarmente ao proposto em Embick (2007) e Sibaldo (2009) (ver as seções 2.5.1 e 2.5.2). Lembremos que esses autores assumem a projeção de um núcleo Deg (DegP – *Degree Phrase*), responsável por codificar, dentre outros aspectos, informações de caráter avaliativo. Aqui, com base em Adger (2004) (ver seção 2.2), exploraremos a hipótese de que Deg poderá ser realizado como um traço, apresentando uma versão interpretável e uma versão não-interpretável (similarmente, nesse sentido, as categorias como D, que pode se apresentar como núcleo ou como um traço, nos termos de Chomsky (1995)). Para derivar as existenciais com *ser*, proporemos que a versão não-interpretável do

traço Deg está na categoria D que nucleia a projeção máxima da coda existencial. Isso implica que D deve subcategorizar (ou tomar como complemento) a projeção de um núcleo que contenha uma versão interpretável de Deg. A título de exemplo, consideremos a derivação da construção exemplificada em (24) a seguir.

(24) *Eram muitas* pessoas na praia.

À luz da proposta de Avelar (2004), a coda existencial da construção em (24) deverá ter a estrutura em (25). O N *pessoas* é inicialmente conectado na posição de especificador do PP nucleado por *em* e, subsequentemente, adjungido ao CP, que é tomado como complemento de Num (configuração na qual o N participa tanto do Domínio Mínimo de C quanto do Domínio Mínimo de Num, satisfazendo a requerimentos de ambas as categorias). Observemos que D traz uma versão não-interpretável de Deg (o traço *uDEG* – *uninterpretable Degree feature*), o que significa que essa categoria deverá tomar como complemento a projeção de um núcleo que porte a versão interpretável desse traço. Na configuração em questão, esse núcleo é o Num *muitas*, sobre o qual recai a marca de intensificação avaliativa. Cabe ressaltar que, de acordo com Avelar (2004), a preposição *em* é obtida pela fusão de P com C no componente morfológico, pressuposto que iremos assumir neste trabalho.



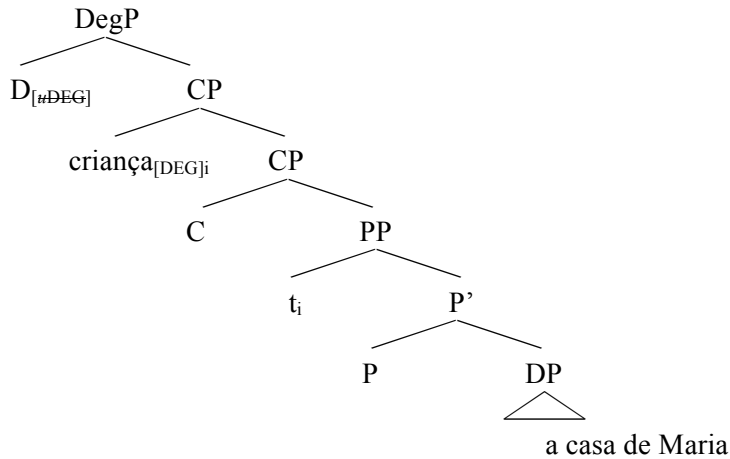
Antes de apresentar a derivação completa da estrutura das construções existenciais com *ser*, cabe chamar a atenção para outros dois casos que serão relevantes para a configuração da coda existencial. Um deles diz respeito a construções com *ser-existencial* em que N ocorre sem a realização de qualquer núcleo Num, D ou de qualquer outra natureza que o anteceda, como em (26), e o outro envolve construções em que a marca intensificadora recai sobre um elemento que parece corresponder a D, como o determinante *aquela* em (27).

(26) **Era CRIANÇA** na casa de Maria!

(27) **Foi aquela** confusão na hora da festa!

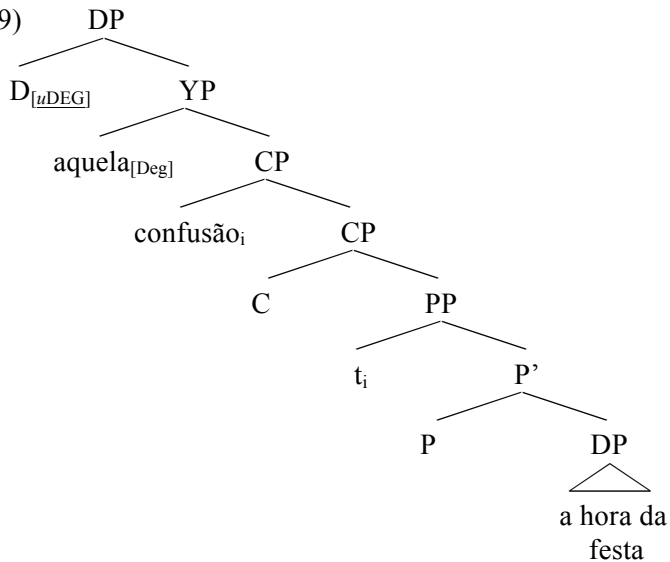
Começemos pela construção em (26). Em casos desse tipo, seguiremos Avelar (2004) na ideia de que D se concatena diretamente ao CP, como na representação em (28) adiante. Como o CP traz o N *criança* adjungido à projeção máxima, esse N passa a fazer parte do Domínio Mínimo de D, satisfazendo a requerimentos gramaticais tanto de C quanto de D. Observemos que, nesse caso, é a marca entonacional sobre o N *criança* que imprime um caráter avaliativo à expressão existencial. Proporemos que, em casos desse tipo, o traço [DEG] está presente no próprio N e, portanto, é esse N que deverá interagir, em termos de subcategorização, com D, tendo em vista a necessidade de o traço *u*DEG presente neste último ser checado e apagado. É exatamente isso que a configuração em (28) proporciona: conforme já ressaltamos, a concatenação do CP a D faz que com o N *criança* entre no Domínio Mínimo de D e atenda à checagem do traço *u*DEG presente neste núcleo.

(28)



Quanto à construção em (27), não nos é claro se o item *aquela* corresponde realmente a um D, uma vez que a sua função não está atrelada nem a um caráter dêítico (como ocorre naturalmente com as formas demonstrativas) nem à expressão de definitude. Contudo, o caráter avaliativo assumido por esse item nos parece evidente. Em construções desse tipo, assumiremos que o (pseudo)demonstrativo é o núcleo de uma projeção Y específica (cuja natureza precisa ser melhor compreendida, o que está fora do escopo do presente trabalho) a ser tomada como complemento de D, como na representação a seguir.

(29)



Veremos, a seguir, como a configuração da coda sugerida nesta seção entra em jogo na obtenção da versão existencial do verbo *ser*.

4.2.2 Condições de adjacência para a obtenção de *ser-existencial*

Conforme destacado na seção 4.1, Avelar (2004) propõe que a obtenção de *ter-existencial*, *ter-possessivo*, *estar-copulativo/existencial* e *ser-copulativo* é determinada pela aplicação de regras que atuam no componente morfológico, em função de condições de adjacência que permitem a fusão de traços e/ou núcleos. Em linhas gerais, a hipótese de Avelar é que, no processo de inserção vocabular, são observadas as regras indicadas em (30) abaixo, com o “+” indicando que houve uma operação de fusão de traços (necessariamente adjacentes) no componente morfológico: sem se fundir com qualquer outro traço ou núcleo, *v* recebe a matriz morfológica de *ter-existencial*; o resultado da fusão entre *v* e Poss leva à inserção da matriz fonológica de *ter-possessivo*; se *v* for fundido ao núcleo D ou abarcar o traço-D, o resultado é a inserção de *estar-copulativo/existencial*; se *v+D* for fundido a Top, é inserida a matriz fonológica de *ser-copulativo*.

- (30) *ter-existencial* ← *v*
ter-possessivo ← *v+Poss*
estar-copulativo/existencial ← *v+D*
ser-copulativo ← *v+D+Top*

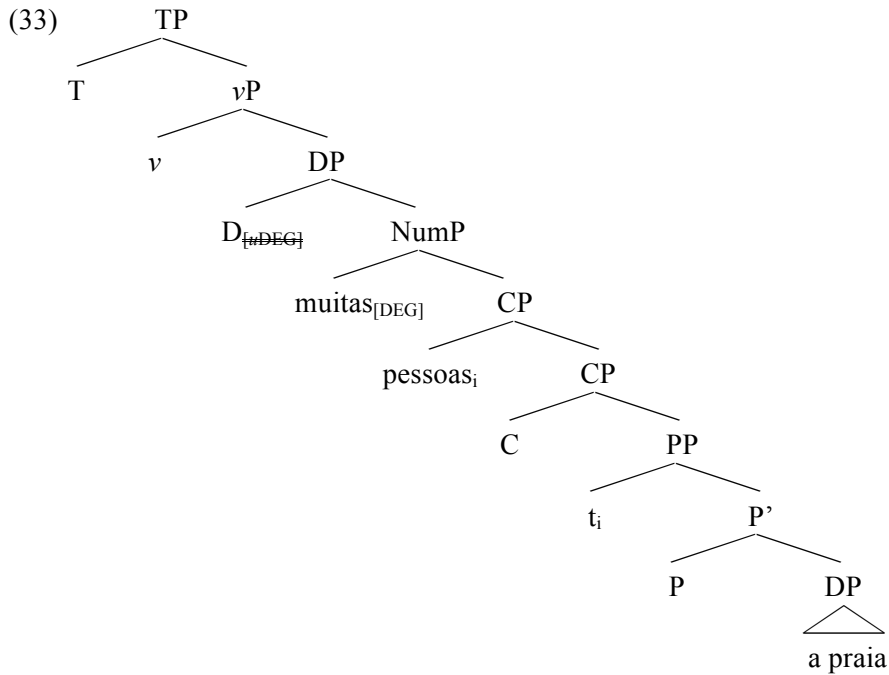
Para o caso de *ser-existencial*, proporemos que a sua obtenção se dá por meio da aplicação da condição em (31) a seguir, com o operador “*” indicando adjacência entre núcleos: **se, no momento da inserção vocabular, *v* estiver adjacente a um núcleo X que apresente o traço [DEG], a matriz fonológica de *ser* é inserida em *v*.**

- (31) *ser-existencial* ← *v * X*_[DEG]

Retornemos à derivação da construção apresentada em (25) na seção 4.2.1, reproduzida em (32) adiante. Após a formação da coda existencial, nucleada por D, o DP é

concatenado a v (nos termos de ADGER, 2010, para a satisfação de um traço-D não interpretável em v), e o vP é concatenado a T, como na representação em (33) a seguir.

(32) *Eram* muitas pessoas na praia.



Uma vez que D é fonologicamente nulo, a representação em (33) acima resultará numa sequência de núcleos que, no momento da inserção vocabular, mostrará v em adjacência a um $X_{[DEG]}$ (o Num *muitas*), como indicado em (34), o que atende à condição para o acesso à matriz fonológica de *ser*. O resultado será, dessa forma, a realização de v como *ser-existencial*.

(34) T * v * Num_[DEG] * N * P * ...

Antes de apresentar, nas seções que se seguem, as previsões da análise que estamos propondo, cabe uma breve consideração em torno da seguinte questão: se a versão existencial de *ter* também é obtida a partir de v , como explicar a realização desse verbo (em vez da de *ser-existencial*) nos casos em que a coda existencial for constituída de um DP

com força avaliativa (em termos formais, um DP nucleado por um D que porte o traço *u*DEG)? À luz da proposta de Avelar (2004), uma sentença como *Tinha muitas pessoas na praia* teria uma configuração subjacente idêntica à que estamos propondo para a existencial com *ser*, o que implicaria as mesmas condições de adjacência que as observadas no esquema esboçado em (34), em que *v* se encontra adjacente a um núcleo que porta o traço [DEG]. Se essa análise for assumida, seremos levados a considerar que, no procedimento de inserção vocabular, o sistema pode optar pela seleção de condições diferenciadas para uma mesma configuração de traços, o que resultaria, no caso relevante, ora no acesso à entrada vocabular de *ter* (quando a condição selecionada fosse “cega” ao que estiver adjacente a *v*) ora no acesso à entrada vocabular de *ser* (quando a condição selecionada “enxergasse” o que estiver adjacente a *v*).

Essa não é, do ponto de vista técnico, uma saída interessante, tendo em vista que estudos diversos na linha da Morfologia Distribuída têm revelado que o processo de inserção vocabular não opera com regras opcionais ou facultativas (pelo menos de forma tão livre) na “decisão” sobre a escolha de uma determinada matriz fonológica. Uma possível saída para esse problema está na assunção da proposta de Avelar (2009) – ver seção 4.1, segundo a qual a versão existencial de *ter* é constituída do mesmo conjunto de traços da versão possessiva do mesmo verbo: tanto na derivação das sentenças possessivas quanto na das existenciais, há uma projeção nucleada por uma preposição abstrata P que se move para *v* no decorrer da derivação. Nesse caso, o que é acessado no processo de inserção vocabular é a matriz fonológica correspondente a P+*v*, e não apenas a *v*. Se a proposta de Avelar (2009) estiver correta, as condições que entram em jogo na derivação das existenciais com *ter* nunca serão as mesmas que entram em jogo na derivação das existenciais com *ser*, pois aquelas incluem a presença da preposição abstrata amalgamada ao verbo, ausente na especificação destas.

Assumindo, então, a proposta de Avelar (2009), e tendo em vista que o Português Brasileiro admite construções existenciais com *ter*, *estar (com)* e *ser*, como nos exemplos em (35) a seguir, a seleção da matriz fonológica correspondente a cada um desses verbos será determinada como se segue em (36): (a) *ter* será obtido sempre que *v* estiver fundido com P (à luz de Avelar (2009)), como resultado do movimento de P para *v* durante

a computação sintática; (b) *estar* (seguido ou não da preposição *com*, que corresponde à matriz fonológica de P quando esta é fonologicamente realizada) é obtido sempre que a preposição abstrata não se encontra amalgamada a *v*; e (c) *ser* é obtido sempre que um núcleo X com a versão interpretável de Deg estiver adjacente a *v*.

- (35) a. ***Tinha*** muita gente na praia.
 b. ***Tava (com)*** muita gente na praia.
 c. ***Era*** muita gente na praia.

- (36) a. P + *v* → *ter*
 b. *v* * P → *estar (com)*
 c. *v* * X_[DEG] → *ser*

Para as seções que se seguem, assumiremos as especificações em (36), concentrando-nos principalmente na apresentação de evidências para a condição em (36c), que dizem respeito à obtenção de *ser-existencial*. Encaminhamos o leitor aos trabalhos de Avelar (2009) para maiores detalhes e evidências em torno das condições em (36a) e (36b).

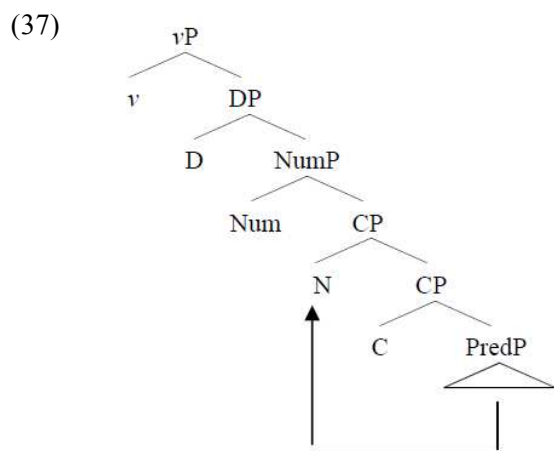
4.2.3 Efeitos de constituição nas construções com *ser-existencial*

Os trabalhos de Avelar (2004, 2009) em torno das construções existenciais com *ter* e *estar (com)* sugerem que a coda existencial em construções com esses verbos pode se configurar de diferentes modos (ver a seção 4.1.1), a depender de especificidades atreladas a interpretações particulares (relacionadas a propriedades como genericidade, definitude, partitividade etc.) que podem ser atribuídas ao DP pós-verbal. Até aqui, temos assumido para as existenciais com *ser* a mesma configuração que Avelar propõe para as existenciais em que o DP pós-verbal não apresenta uma leitura partitiva (seguindo a nomenclatura empregada pelo autor, quando o DP for [-ESP]).

A esse respeito, cabe destacar que, ao contrário do que se observa no domínio das construções com *ter-existencial*, não é simples estender os testes propostos por Avelar às construções com *ser-existencial* para diagnosticar certas nuances de interpretação atribuídas à coda, dadas pelo menos duas razões: (a) os julgamentos dos falantes em relação

à leitura a ser atribuída à coda das construções com *ser* é altamente variável; e (b) determinados padrões frásicos explorados por Avelar para determinar a interpretação da coda nunca ocorrem (ou são incomuns) com o verbo *ser* – por exemplo, a possibilidade ou não de inserção de uma forma pronominal genérica na posição de sujeito (possível nas construções com *ter*, mas não naquelas com *ser*), o que é relevante, segundo Avelar, para detectar o que chama de caráter [+episódico] ou [-episódico] das existenciais do Português Brasileiro Contemporâneo.

Como dissemos acima, o que nos parece correto afirmar é que, no concernente às leituras sugeridas por Avelar, as construções existenciais com *ser* apresentam, na grande maioria dos casos, a interpretação que o autor associa à configuração da coda em (2a), que repetimos em (37) abaixo, na qual o DP não dispõe de leitura partitiva. Nas seções que se seguem, iremos assumir uma configuração similar a essa para a coda das existenciais com *ser*, tendo em vista que a leitura não-partitiva para o DP pós-verbal parece ser a mais usual (ou a menos marcada) entre essas construções. Cabe ressaltar que, mesmo se fosse o caso de assumir outras configurações para as existenciais com *ser*, o relevante para a presente análise é garantir que *v* esteja adjacente a um $X_{[DEG]}$ no processo de inserção vocábular, o que é possível em todas as configurações propostas por Avelar (desde que o núcleo D com o traço u_{DEG} seja fonologicamente nulo).



Para concluir esta seção, apresentaremos um teste de constituência empregado em Avelar (2004) para diagnosticar a configuração da coda em casos de leitura não-partitiva sobre o DP pós-verbal. Esse teste é baseado na análise que o autor propõe para os

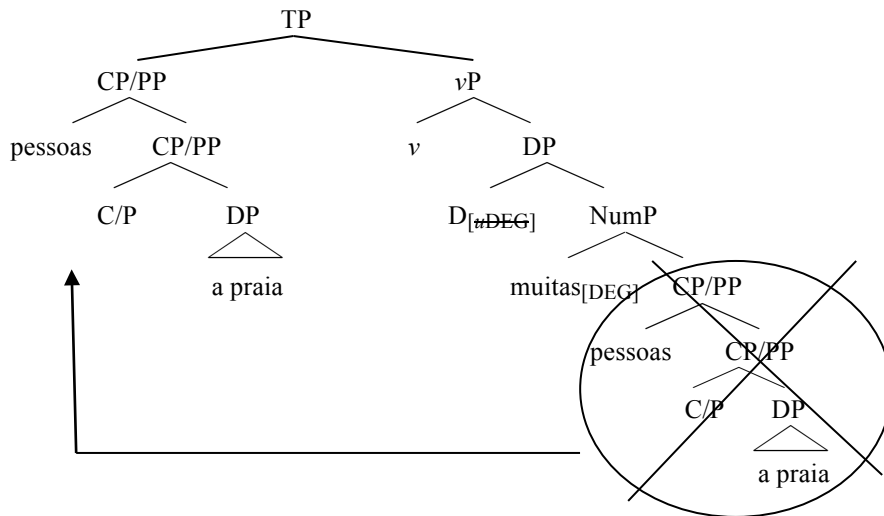
casos de deleção/apagamento espreado, aos quais fizemos menção na seção 4.1.2. Esses casos dizem respeito a construções como as apresentadas em (38) a seguir, que, segundo Avelar, mostram que, nas existenciais com *ter*, é necessário captar o fato de o N *pessoas* estabelecer relação de constituição tanto com o PP locativo que serve de predicado para a coda (fato evidenciado pela construção em (38b)) quanto com o quantificador *muitas* (fato evidenciado pela construção em (38c)).

- (38) a. **Tinha** muitas pessoas na praia.
 b. Pessoas na praia, **tinha** muitas.
 c. Na praia, **tinha** muitas pessoas.

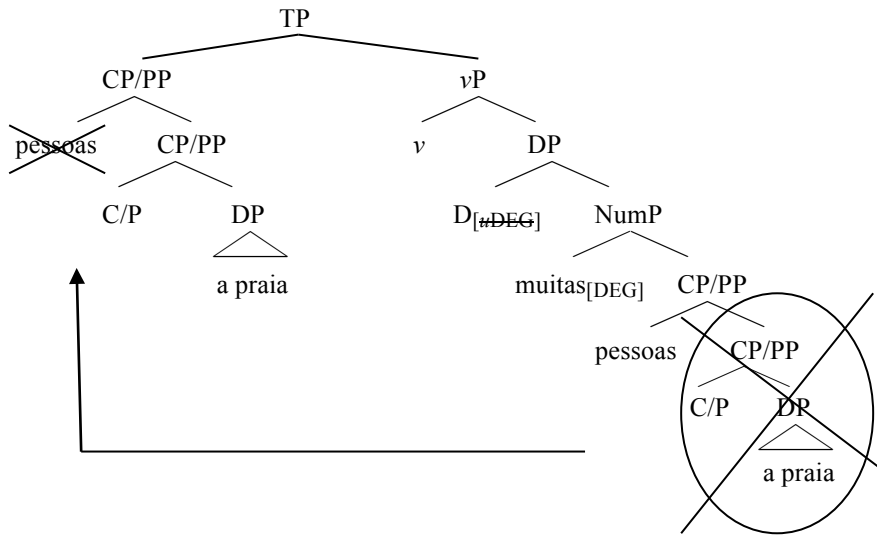
Os mesmos fatos observados em (38) se aplicam a construções com *ser*-existencial, como podemos observar em (39) abaixo. Se explorarmos a proposta de Avelar (2004), teremos as representações em (40)-(41), respectivamente, para os casos em (39b)-(39c). Lembremos que, de acordo com Avelar (2004), a preposição que nucleia o predicado da coda é obtida pela fusão de C+P no componente morfológico, razão pela qual, para efeitos de simplificação, passamos a apresentar o CP e o PP numa mesma projeção.

- (39) a. **Eram** muitas pessoas na praia.
 b. Pessoas na praia, **eram** muitas.
 c. Na praia, **eram** muitas pessoas t_i .

- (40) *Pessoas na praia, eram* muitas.



(41) *Na praia, eram muitas pessoas.*



Tanto em (40) quanto em (41), o PP *na praia* se concatena ao TP ao ser topicalizado, levando o N *pessoas* na posição de especificador. Em (40), todo o CP/PP inferior é apagado; já em (41), dá-se o que Avelar chama de apagamento espalhado (com base na análise de CAVAR & FANSELOW, 1997 - ver 4.1.2): ocorre o apagamento da cópia mais alta de N e da cópia mais baixa do PP. De acordo com Cavar & Fanselow, deleção espalhada (embora consistindo num processo menos econômico para a derivação sintática) se justifica, em certos casos, devido à necessidade do sistema de satisfazer determinadas condições de interface, tais como manutenção de relações informacionais do tipo tópico e foco: um elemento, por exemplo, pode ser copiado numa posição de foco e, posteriormente, numa posição de tópico. Os traços de ambos serão importantes para a interface, daí serem preservados para a satisfação de requerimentos nas interfaces semântica e fonológica.

4.3 Requerimentos de adjacência para a obtenção de *ser-existencial*

Nesta seção, buscamos apresentar evidências favoráveis à hipótese delineada na seção anterior, a respeito da necessidade de *v* estar adjacente a um $X_{[DEG]}$ para que a matriz fonológica de *ser-existencial* seja acessada. Para tanto, apresentamos testes relacionados a diagnósticos de constituência, a maioria deles envolvendo sentenças com advérbios de

tempo. Nosso objetivo é captar formalmente o fato de as existenciais com *ser* não serem bem formadas toda vez que o advérbio se encontra numa posição intermediária na sentença, em construções do tipo **É hoje muito torcedor infantil no estádio*.

Diante dessa afirmação, coloca-se a seguinte questão: se advérbios se encontram em adjunção, como normalmente é assumido na literatura, não contando como elemento interventor para efeitos de adjacência (de acordo, por exemplo, com BOBALJIK, 1995, 1996 – ver 2.4.2), por que sua presença entre o verbo e o constituinte intensificador compromete, em alguns casos, a boa formação da sentença existencial com *ser*? Para darmos conta dessa pergunta, abordaremos algumas questões relacionadas à posição ocupada por constituintes adverbiais na sentença, assumindo a proposta de que, nas construções relevantes, tais constituintes ocupam a posição de especificador de uma projeção funcional (conforme a proposta de RIZZI, 2004 – ver 2.4.2), o que os habilita como interventores para o estabelecimento de adjacência entre núcleos.

4.3.1 Quebra de adjacência por meio de movimento sintático

Um importante aspecto favorável à hipótese de que a adjacência entre núcleos é uma condição relevante à obtenção das existenciais com *ser* está no fato de o elemento com marca intensificadora não poder ser movido para outra posição, deixando o verbo *in situ*, o que não se verifica nas sentenças com *ter*. Esse contraste pode ser observado nas construções em (42)-(43) a seguir, com *ter* e *ser*, respectivamente: observemos que, nas existenciais com *ter*, não apenas o N *violência* pode ser movido para o início da sentença (conforme (42a)), mas todo o constituinte *muita violência* (como em (42d)); já entre as existenciais com *ser*, o N *violência* só pode ser movido se *muita* permanecer *in situ* (conforme exemplo em (43a)). Dentro da análise que estamos propondo, isso se deve ao fato de o núcleo contendo o traço [DEG] ter de estar adjacente a *v* nos casos em que a matriz fonológica de *ser* é acessada, condição que não se aplica aos casos com *ter*.

- (42) a. *Violência* em Conquista **tem** *muita*.
b. Em Conquista **tem** *muita violência*.
c. **Tem** *violência* em Conquista.

- d. *Muita violência*, em Conquista *tem*.
 - e. *Violência*, em Conquista *tem*.
 - f. *Muita violência* em Conquista é o que *tem*.
- (43)
- a. *Violência* em Conquista *é muita*.
 - b. Em Conquista *é muita violência*.
 - c. *É VIOLÊNCIA* em Conquista.
 - d. * *Muita violência*, em Conquista *é*.
 - e. * *Violência*, em Conquista *é*.
 - f. * *Muita violência* em Conquista é o que *é*.

Os fatos observados em (42)-(43) serão relevantes para os testes que apresentaremos a seguir, envolvendo a colocação de advérbios / sintagmas com função adverbial de tempo e/ou locativos.

4.3.2 Quebra de adjacência pela presença de constituintes adverbiais

Adiante, apresentamos grupos de sentenças *sem* e *com* a presença de advérbios / sintagmas com função adverbial de tempo e/ou locativos (em posições inicial, medial e final), de modo a mostrarmos que, em alguns casos, a sua presença causa alterações na aceitabilidade das sentenças dadas. Como a argumentação deste trabalho vai no sentido de que a obtenção de *ser-existencial* depende da adjacência entre núcleos (v e X_[DEG]), procuraremos mostrar que as construções com *ser-existencial* têm sua boa-formação comprometida quando um constituinte de natureza adverbial (locativa) se realiza em posição medial na sentença, após o verbo e antes do constituinte sobre o qual recai a marca de intensificação (ou seja, a categoria que deve portar o traço [DEG]).

As sentenças que seguem foram apresentadas a alguns falantes que deram o seu julgamento quanto a seu grau de aceitabilidade. Marcamos com ponto de interrogação as sentenças que os falantes julgaram não muito boas e com asterisco as sentenças que consideraram impossíveis de serem realizadas no Português Brasileiro Contemporâneo. No primeiro grupo, apresentamos sentenças sem a presença de qualquer advérbio / sintagma com função adverbial de tempo e, em alguns exemplos, também sem o locativo. Todos os

informantes consideraram ‘naturais’ (corriqueiras) tanto as sentenças com *ter/estar* quanto as formadas com *ser*:

(44) **Sentenças sem advérbios de tempo:**

a. *Teve* uma briga danada no estádio⁴⁴.

a'. *Foi* uma briga danada no estádio.

b. *Tem* muita violência em Conquista.

b'. *É* muita violência em Conquista.

c. *Tinha* uma patota grande de crianças.

c'. *Era* uma patota grande de crianças.

d. *Tinha* muito livro antigo.

d'. *Era* muito livro antigo.

e. *Tinha* muito trânsito.

e'. *Era* muito trânsito.

f. *Vai ter* muita gente na Unicamp.

f'. *Vai ser* muita gente na Unicamp.

No que diz respeito à presença de um advérbio / sintagma com função adverbial e/ou um locativo na sentença, esta é sempre considerada bem formada, desde que esses apareçam no início ou no final da construção, como é mostrado em, respectivamente, (45)-(46).

⁴⁴ Podemos incluir construções como essa em nosso rol de discussão em torno das dificuldades encontradas para se caracterizar as construções existenciais, visto que, de acordo com nosso entendimento, uma sentença como “*Foi/Teve* uma briga danada no estádio”, em vez de indicar a existência de algo, aponta para um acontecimento. Ainda assim podemos incluí-la na lista do que é tido como construção existencial no português brasileiro, sendo possível substituímos *ser* e *ter* por *haver*: “*Teve / Houve* uma briga danada no estádio”.

(45) **Constituintes adverbiais e/ou locativos em posição inicial**

a. *Ontem **teve** uma briga danada no estádio.*

a'. *Ontem **foi** uma briga danada no estádio.*

b. *Atualmente **tem** muita violência em Conquista.*

b'. *Atualmente **é** muita violência em Conquista.*

c. *Em minha porta, **tinha** uma patota grande de crianças.*

c'. *Em minha porta, **era** uma patota grande de crianças.*

d. *Naquele armário, **tinha** muito livro antigo.*

d'. *Naquele armário, **era** muito livro antigo.*

e. *No Centro, **tinha** muito trânsito.*

e'. *No Centro, **era** muito trânsito.*

f. *Na Unicamp, **vai ter** muita gente neste fim de semana.*

f'. *Na Unicamp, **vai ser** muita gente neste fim de semana.*

(46) **Constituintes adverbiais e/ou locativos em posição final**

a. ***Teve** uma briga danada *ontem no estádio*.*

a'. ***Foi** uma briga danada *ontem no estádio*.*

b. ***Tem** muita violência *atualmente em Conquista*.*

b'. ***É** muita violência *atualmente em Conquista*.*

c. ***Tinha** uma patota grande de crianças *em minha porta*.*

c'. ***Era** uma patota grande de crianças *em minha porta*.*

d. ***Tinha** muito livro antigo *naquele armário*.*

d'. ***Era** muito livro antigo *naquele armário*.*

e. **Tinha** muito trânsito *no Centro*.

e'. **Era** muito trânsito *no Centro*.

f. **Vai ter** muita gente *na Unicamp neste fim de semana*.

f'. **Vai ser** muita gente *na Unicamp neste fim de semana*.

Os falantes mostraram, contudo, um contraste de aceitabilidade entre as construções com *ter* e *ser* quando o constituinte adverbial é colocado entre o verbo e o DP pós-verbal com marca intensificadora: ao contrário do que se observa entre as construções com *ter*, as construções com *ser* foram consideradas mal formadas quando o constituinte adverbial ocorre em posição medial, como podemos observar nos dados em (47) a seguir.

(47) **Constituintes adverbiais e/ou locativos entre o verbo e o elemento intensificador:**

a. **Teve** *ontem/ no estádio* uma briga danada.

a'. * **Foi** *ontem/ no estádio* uma briga danada.

b. **Tem** *atualmente* muita violência *em Conquista*.

b'. * **É** *atualmente* muita violência *em Conquista*.

c. **Tinha** *em minha porta* uma patota grande de crianças.

c'. * **Era** *em minha porta* uma patota grande de crianças.

d. **Tinha** *naquele armário* muito livro antigo.

d'. * **Era** *naquele armário* muito livro antigo.

e. **Tinha** *no Centro* muito trânsito.

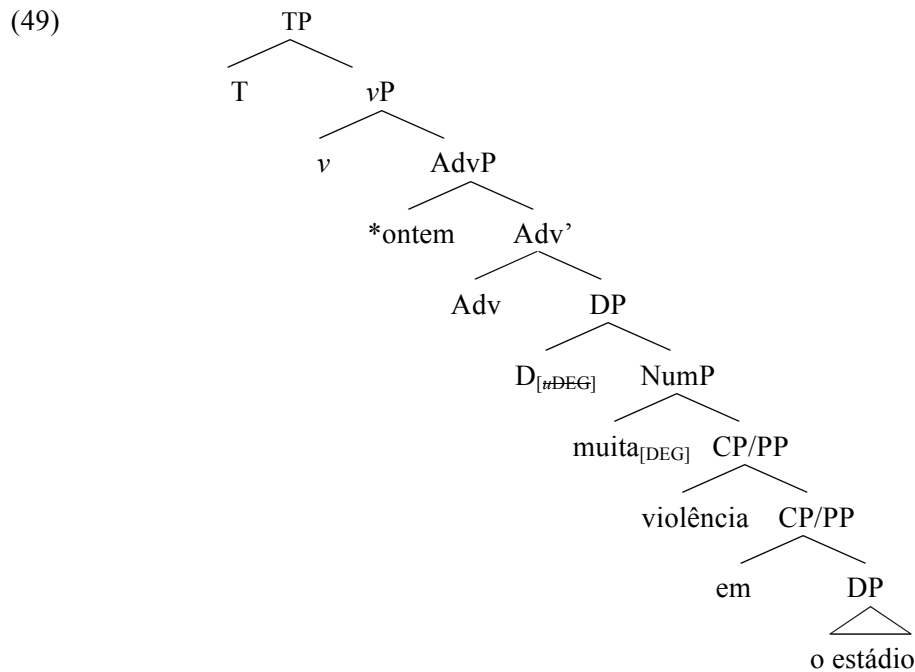
e'. * **Era** *no Centro* muito trânsito.

f. **Vai ter**, *neste fim de semana*, muita gente *na Unicamp*.

f'. * **Vai ser**, *neste fim de semana*, muita gente *na Unicamp*.

Se a hipótese delineada nesta tese estiver correta, o estranhamento provocado pelas construções com *ser-existencial* em (47), quando o constituinte com valor adverbial/locativo se encontra em posição medial, será devido ao fato de esse constituinte atuar como um bloqueador da adjacência entre v e $X_{[DEG]}$ durante o processo de inserção vocabular. Para justificar o fato de o elemento adverbial bloquear a adjacência entre v e o constituinte com marca intensificadora de grau, adotaremos a proposta de Rizzi (2004) (ver 2.4.2) de que advérbios (estendemos essa proposta a locativos) podem ocupar a posição de especificador, o que os licencia como interventores de adjacência entre núcleos. A título de exemplo, um advérbio como *ontem* em construções como aquela em (48) abaixo, representada em (49), irá se encontrar entre v e $\text{Num}_{[DEG]}$, na posição de especificador de um AdvP, desencadeando efeitos de interveniência para o estabelecimento de adjacência entre os dois núcleos relevantes e, conseqüentemente, impedindo o acesso à matriz fonológica de *ser* no processo de inserção vocabular.

(48) * *Foi ontem muita violência no estádio.*



Em se tratando de constituintes adverbiais indicativos de tempo, todavia, as sentenças são consideradas bem formadas se se trata de um advérbio ou locução que, de algum modo, traga em si uma marca de intensificação, como *sempre*, *toda semana* etc. Cabe ressaltar que, entre as pouquíssimas construções encontradas nos *corpora* em que ocorrem advérbios, estes foram os itens *sempre* e *só*, como nos exemplos em (50)-(51) a seguir, respectivamente.

- (50) a. **Era** *sempre/toda semana* uma patota grande brincando aqui na porta.
b. **É** *sempre/todo dia* uma multidão mendigando na porta daquele armazém.
c. “Eu conheço gente alcoólatra também. E **é** *sempre* algum trauma, alguma coisa.”
(m1sV)
d. “Aqui, interior, **é** *mais sempre* sossego.” (m2mC)
- (51) a. “[por]que, no final das contas, **é** *só* o jogo de interesses.” (m1sV)
b. Entrevistador: Nessa época, não tinha ônibus?
Informante: Não. Não tinha ônibus; não tinha nada. **Era** *só* o bonde mesmo. (f3mC)

Uma possível explicação para a boa formação das sentenças com *ser*, a despeito de o constituinte adverbial ocorrer logo após o verbo, está na ideia de que é o próprio constituinte adverbial que porta o traço [DEG] nessas construções e, em tal condição, estabelece adjacência com *v*. As sentenças em (52) abaixo são um ponto favorável a essa ideia.

- (52) a. **Era** *uma turma / criança / patota* brincando aqui na porta.
b. * **Eram** *crianças* brincando aqui na porta.
c. **Era** *sempre* crianças brincando aqui na porta.

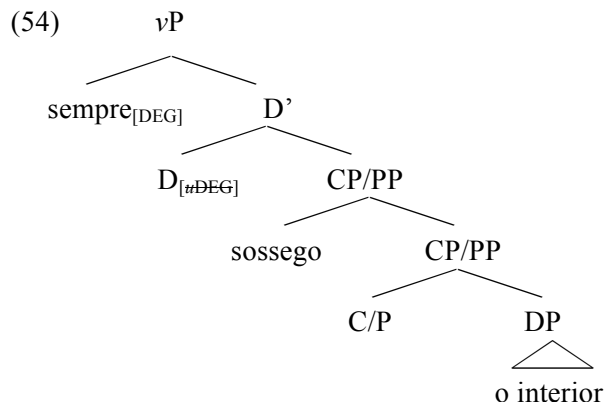
O contraste entre (52a) e (52b), por exemplo, se deve ao fato de a primeira, mas não a segunda, trazer um item (*uma*) sobre o qual pode recair a marca de intensificação avaliativa (ou, de outra forma, que admite o traço [DEG]). Já a sentença em (52c), por sua vez, é bem formada em decorrência da introdução do advérbio *sempre*, o que nos leva a

correlacionar o que acontece com esta sentença ao que ocorre com a apresentada em (52c), concluindo que esse advérbio também porta o traço [DEG] e estabelece adjacência com *v*, resultando na inserção da matriz fonológica de *ser*.

Outro fato que apontamos como favorável à ideia de que o advérbio *sempre* estabelece adjacência com *v* vem dos dados coletados nas amostras de fala analisadas: todas as vezes em que o advérbio *sempre* ocorre com o verbo *ser*, é realizado à sua direita, ao contrário do que ocorre com os verbos *ter* e *haver*, com os quais o advérbio *sempre* aparece em posição pré-verbal, como podemos observar em (53) a seguir.

- (53) a. Eu conheço gente alcoólatra também. E *é sempre* algum trauma, alguma coisa. (m1sV)
b. Aqui interior, *é* mais *sempre* sossego. (m2mC)
c. Olha! Rebelião, *sempre houve* em prisão. (m3fV)
d. Então, *sempre houve* a violência. (f3sV)
e. [...] principalmente na adolescência que *sempre tem* esse conceito que... (m1sV)
f. *Sempre tem* violência, essas coisas. (f3sC)

Para captar os fatos relacionados à ocorrência do advérbio *sempre* nas construções com *ser-existencial*, sugeriremos a representação em (54), em que o advérbio se encontra alocado na posição de especificador de D. Considerando que esse advérbio porta a versão interpretável de Deg, a sua inserção na posição de especificador de D permite checar a versão não-interpretável do mesmo traço presente neste núcleo. Esta mesma configuração resulta na adjacência entre *v* e $X_{[DEG]}$ (no caso, o advérbio *sempre*) no componente morfológico, resultando na realização de *ser*.



Uma evidência em favor da alocação do item *sempre* em uma posição interna ao DP (no caso, como especificador) está no fato de esse advérbio admitir clivagem juntamente com constituintes nominais, como nas construções em (55) a seguir. Dentro da análise que estamos propondo, a alocação do advérbio na posição de especificador do DP atende, como ressaltamos, ao requerimento de checagem do traço *u*DEG presente em D.

- (55)
- a. **Era** *sempre* o Roberto que começava a fazer o discurso.
 - b. **É** *sempre* sopa que a Maria faz pro jantar.
 - c. **São** *sempre* os mesmos livros que o professor pede para os alunos lerem.

Os dados apresentados em (50)-(51) nos revelam, portanto, que, quando o constituinte adverbial em posição medial é o responsável pela marca de intensificação avaliativa no interior da coda existencial, o estabelecimento de adjacência entre *v* e esse constituinte resulta na obtenção de *ser*. Em contraste, se o constituinte adverbial não porta essa marca, a sua presença desencadeia efeitos de intervenção no estabelecimento da adjacência entre *v* e $X_{[DEG]}$, impedindo o acesso à entrada vocabular de *ser*.

4.4 Construções existenciais sem cópula

Nesta seção, traçaremos um paralelo entre as SCLs (*Small Clauses Livres*) e as sentenças sem verbo que servem à expressão de existência, que denominaremos *existenciais sem*

verbo (doravante, ESV), observando os fatores comuns entre ambas. Ainda, faremos testes para detectar o que nos parece casos de quebra de adjacência em ESVs, sugerindo que as existenciais sem verbo são, na verdade, casos em que o verbo *ser* deixa de ser realizado após a inserção de sua matriz fonológica.

As construções existenciais com o verbo *ser* mantêm pontos em comum com as *Small Clauses* opinativas, abordadas na seção 2.5.2 e exemplificadas em (56):

- (56) a. Acho *inteligentes esses meninos*.
b. Acho *um grande artista este seu filho*.

Assim como das *Small Clauses* opinativas podem se obter as construções em (57) abaixo, resultando no que Kato (2007) denomina *Small Clauses* Livres (SCLs), das construções existenciais com *ser* parece ser possível obter as ESVs em (58).

- (57) a. Inteligentes esses meninos!
b. Um grande artista este seu filho!
- (58) a. Muita festa na periferia!
b. Uma tremenda bagunça naquele show!

O paralelismo observado entre (57) e (58) no que tange ao apagamento do verbo nos motivou a abordar nesta seção as correlações entre as SCLs e as ESVs⁴⁵. Assim como as SCLs, as ESVs apresentam conteúdo avaliativo. Nas construções desse tipo, apresentadas em (58), é expresso o posicionamento do falante, sua opinião sobre a festividade (animação) na periferia (em (58a)), sobre como foi a organização de um determinado show (em (58b)); nas SCLs em (58), sobre a capacidade intelectual de determinados meninos (em (58a)), assim como a do filho de alguém (em (58b)). Essa é uma das características principais apontadas por Sibaldo (2009) e Kato (2007) para que as SCLs sejam obtidas.

⁴⁵ Apesar de haver fatores que colocam essas construções em distribuição complementar, não os discutiremos neste trabalho, a fim de não nos desviarmos do foco desta seção.

Como vimos na seção 2.5.2, no que diz respeito aos predicados que constituem as SCLs, estes devem ser formados por adjetivos ou por DPs avaliativos que precisam ser graduáveis e apresentar uma interpretação avaliativa, conforme demonstram as construções em (59)-(60) a seguir. Tais construções são bem formadas justamente por portarem em seus predicados elementos dessa natureza. Já aquelas em (61) causam estranhamento por conterem em seus predicados um DP ou um AP sem conteúdo avaliativo; as que se encontram em (62), por sua vez, são má formadas porque não indicam grau máximo, e as que constam em (63), pelo fato de seus adjetivos, por não serem graduáveis, não poderem ser combinados com quantificadores como *muito*.

- (59) a. Linda a Maria! *APs*
b. Excelente a sua sopa de carne!
c. Maravilhoso esse jantar!
- (60) a. Um luxo essa sua bolsa! *DPs avaliativos*
b. Um amor o seu filho!
c. Uma maravilha aquela aula!
- (61) a. * Médico esse cara! *DPs*
b. * A esposa do Rafa a Manu.
c. * Um advogado o João.
- (62) * Normal esse cara.
- (63) a. * Russa essa vodca.
b. * Grávida a Maria.
c. * Inumeráveis os artigos do Chomsky.

O trabalho de Sibaldo chama a atenção para a importância da intensificação de grau em algum elemento do predicado das SCLs, tanto que, mesmo em se tratando de um nome que não seja graduável, como os que constam das expressões em (64) a seguir, a

sentença é salva pela introdução de um modificador avaliativo ao lado de tais nomes, como em (65).

- (64) a. * Médico o Paulo.
b. * Professora a Ana.
c. * Arquiteto o Marcos.
- (65) a. Um *grande* médico o Paulo.
b. Uma *excelente* professora a Ana.
c. Um *péssimo* arquiteto o Marcos.

Essa mesma propriedade parece ser fundamental para o licenciamento das ESVs, nas quais é necessária a presença de um DP avaliativo graduável (do mesmo modo que nas construções com *ser-existencial*) para que a sentença seja bem formada. O caráter avaliativo poderá ser proporcionado por um quantificador como *muito*, *pouco*, um termo adverbial ou uma categoria vazia (quando se trata de um nome nu), como nos mostram as sentenças em (66)-(69). Isto é, todos esses elementos podem ocupar a posição de núcleo de DegP.

- (66) a. * *Uns / Alguns* alunos naquela sala!
b. *Muitos* alunos naquela sala!
- (67) a. * *Sal* nesta comida!
b. *Pouco* sal nesta comida!
- (68) a. * *Maluco* naquela festa! (sem ênfase sobre o NP *maluco*)
b. *Só* maluco naquela festa!
- (69) a. * *Bebida* naquela festa!
b. Bebida *à vontade* naquela festa!

Uma outra questão, discutida por Sibaldo, é a existência do que ele denomina *que-SCLs* (conforme (70)-(71) a seguir), em que a partícula exclamativa *que* é intercambiável com outros constituintes indicativos de grau.

- (70) a. **Muito** bonita a sua roupa!
b. **Que** bonita a sua roupa!

- (71) a. **Uma** merda aquele programa de televisão!
b. **Que** merda aquele programa de televisão!

O mesmo se aplica às ESVs, como nas sentenças seguintes:

- (72) a. **Forte** violência no Rio de Janeiro!
b. **Muita** violência no Rio de Janeiro!
c. **Uma** violência no Rio de Janeiro!
d. **Que** violência no Rio de Janeiro!

Essas construções reforçam a ideia de que, em tais estruturas, são os quantificadores do tipo *uma* e *muita* que o núcleo do sintagma de grau, o que fica ainda mais claro nas construções abaixo, nas quais podemos verificar que os quantificadores se encontram em distribuição complementar com *que*.

- (73) a. * **Que uma** maravilha o filme do Spielberg!
b. * **Uma que** maravilha o filme do Spielberg!
c. * **Muito uma** gata essa menina!
d. * **Uma muito** gata essa menina!
e. * **Muito que** gata essa menina!
f. * **Que muito** gata essa menina!

- (74) a. * **Que uma** violência no Rio de Janeiro!
b. * **Uma que** violência no Rio de Janeiro!

- c. * **Muita uma** violência no Rio de Janeiro!
- d. * **Uma muita** violência no Rio de Janeiro!
- e. * **Muita que** violência no Rio de Janeiro!
- f. * **Que muita** violência no Rio de Janeiro!

A fim de testarmos a presença de uma categoria de grau nas ESVs, aplicamos a essas construções os testes de adjacência aplicados às existenciais com *ser* na seção 4.3. Nas ESVs em (75) a seguir, por exemplo, observamos um contraste de boa formação atrelado à colocação do advérbio *ontem* e do locativo *na igreja*. Esse mesmo contraste é observado nas construções em (76), em que o verbo *ser* é realizado.

- (75) a. Muita festa ***ontem na igreja!***
- b. Muita festa ***na igreja ontem!***
- c. * ***Ontem*** muita festa ***na igreja!***
- d. * ***Na igreja ontem*** muita festa!

- (76) a. ***Era*** muita festa ***ontem na igreja!***
- b. ***Era*** muita festa ***na igreja ontem!***
- c. * ***Era ontem*** muita festa ***na igreja!***
- d. * ***Era na igreja ontem*** muita festa!

O paralelismo observado entre (75)-(76) sugere que, nas ESVs, a presença do advérbio e do locativo desencadeia restrições de adjacência entre v e $X_{[DEG]}$ da mesma forma que nas existenciais em que o verbo é realizado. Se esta ideia estiver correta, somos levados a considerar que as ESVs contam, em algum ponto da derivação após *Spell-Out*, com a inserção da matriz fonológica de *ser*, que sofre posterior apagamento por razões que merecem ser melhor estudadas e escapam aos objetivos mais imediatos desta tese. Teceremos, contudo, algumas considerações em torno dessas construções explorando essa hipótese, visando a mostrar que, também nas ESVs, o traço [DEG] se faz relevante.

As ESVs também nos dão evidências de que o advérbio *sempre* apresenta a versão interpretável de Deg, visto que em (77b), por exemplo, a sentença é bem formada (enquanto aquela em (77a) não o é), devido à introdução desse elemento na estrutura.

- (77) a. * Algum aluno bom nas turmas de Letras/ em uma das turma(s) de Letras!
b. ***Sempre*** algum aluno bom nas turmas de Letras/ em uma das turma(s) de Letras!

Na seção anterior, sugerimos que esse advérbio, diferentemente dos advérbios de tempo como *ontem* e *hoje*, não atrapalha a adjacência entre *v* e o constituinte com marca de grau nas existenciais com *ser*. Consideramos que *sempre* é interno ao DP (na posição de especificador), portando a versão interpretável de Deg e satisfazendo ao requerimento de checagem da versão não-interpretável do mesmo traço em D. As construções em (75)-(76) nos sugerem, portanto, que as ESVs são construídas por meio do acesso à matriz fonológica de *ser* no processo de inserção vocabular, mas que tal matriz, por razões que ainda precisam ser compreendidas, não é foneticamente realizada.

4.5 Construções existenciais com o verbo *ser* no Português Medieval e no Português Brasileiro Contemporâneo

Gonçalves (2011) apresenta um estudo diacrônico sobre a mudança de *haver* de possessivo a existencial, substituindo o verbo *ser* nas construções existenciais do Português Medieval. A análise foi feita a partir de dados (601 ocorrências, 204 sentenças existenciais e 397 possessivas) provenientes do *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)* e do *Corpus Tycho Brahe*. Para concluir este capítulo, focalizaremos aqui, de forma breve, os resultados obtidos nessa pesquisa. Tendo em vista que, até o momento, nenhum estudo tenha se voltado, pelo menos de forma sistemática, para a configuração sintática das construções com *ser*-existencial, seja no Português Medieval seja no Português Brasileiro, a hipótese defendida nesta tese poderá, em investigações futuras, contribuir no sentido de mostrar se houve alguma inovação na arquitetura das construções existenciais com *ser* do Português Brasileiro em comparação com a das existenciais do Português Medieval ou se, ao contrário, as existenciais com *ser* investigadas nesta tese são um resíduo de padrões fráscicos comuns naquele período. Nosso objetivo nesta subseção é justamente discutir, em

linhas gerais, se o verbo *ser-existencial* do Português Brasileiro Contemporâneo pode ser tratado como uma espécie de continuidade do verbo *ser-existencial* do Português Medieval ou se será uma inovação com relação a este. Isso será feito, em linhas gerais, por meio da observação dos contextos em que esse verbo ocorre em cada um dos períodos analisados.

No Português Medieval, como é possível observar no par de sentenças em (78) a seguir, o verbo *ser* (empregado em (a)) ocorre em um contexto frásico similar àquele em que ocorre o verbo *haver* (conforme (b)).

- (78) a. Falando primeiro da soberva que procede da presunçom e desejo de propria vantagem, em ella **sam** tres partes. (Leal Conselheiro, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. Do entendimento nosso, segundo minha declaraçom, **ha** VII partes. (Leal Conselheiro, Séc. XIV. Fonte: CIPM)

No que diz respeito à trajetória do verbo *ser-existencial* do século XIII ao XV, podemos ver, na Tabela 8 abaixo, que *ser* é mais representativo que *haver* nas construções existenciais no século XIII, conforme demonstrado pelo peso relativo de 0.823 para a realização de *ser* nesse período. Essa situação se mantém até a primeira metade do século seguinte, em que o peso relativo aponta o fato de esse período ainda favorecer o emprego de *ser-existencial*. Observa-se, entretanto, uma mudança de comportamento quanto ao emprego das existenciais no terceiro período (1350-1399). A partir de então, todos os pesos relativos dos séculos seguintes apontam na direção do favorecimento da ocorrência de existenciais com esse verbo, até que, na segunda metade do século XVI, *haver* já substitui quase completamente o verbo *ser* nesse tipo de construção.

Tabela 8 – Verbo *Ser Existencial*, de acordo com o Século

SÉCULO VERBO	Ser				Haver			
	N	T	(%)	p. r.	N	T	(%)	p. r.
XIII	23	39	59	0.823	16	39	41	0.177
1300-1349	16	39	41	0.648	23	39	59	0.352
1350-1399	16	37	43,2	0.386	21	37	56,8	0.614
1400-1449	6	21	28,6	0.139	15	21	71,4	0.861
1450-1499	6	17	35,3	0.264	11	17	64,7	0.736
1500-1549	4	16	25	0.338	12	16	75	0.662

Embora as existenciais com *ser* no Português Medieval tenham em comum com as que acontecem no Português Brasileiro o fato de o verbo concordar com o tema (como podemos observar no exemplo em (79) abaixo), este é o único paralelo que pode ser estabelecido entre as construções existenciais presentes no primeiro e no segundo. No Português Medieval, conforme podemos observar em (80) a seguir, *ser* era empregado sem restrições – com todo o tipo de DP (seja definido, indefinido ou nome nu), em qualquer tempo e modo verbais, independentemente do traço semântico do DP argumento, sem estar atrelado à presença de qualquer elemento intensificador etc. No Português Brasileiro Contemporâneo, em contraste, as existenciais com *ser* são restritas a casos em que a coda existencial traz um constituinte com marca de intensificação avaliativa (ou, em termos formais, com o traço [DEG]).

(79) Nós temos o chefe dos departamentos e vários departamentos – eu não sei *quantos são* no Hospital das Clínicas... (f2sS)

(80) **Sentenças com o verbo *ser-existencial* no Português Medieval:**

a. Oo comer mui amavel ã no qual *h(e) dolçura* de sabor e de olor. (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, Séc. XIII/XIV. Fonte: CIPM)

- b. Em a çidade de Aleixandria **foy** huñ homem que avya nome Paununçio muito honrrado e guardava bem os mandamētos de Nosso Ssenhor. (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, Séc. XIII/XIV. Fonte: CIPM)
- c. Diz a Sancta Esçriptura que nō **é** huu mayor enmigo ca aquel que dana a boa fama do outro. (Afonso X, Foro Real, 1280(?). Fonte: CIPM)
- d. Deus he começo e meyhao e acabamēto de totalas (cou)sas e sen el nō pode nē hũa cousa **seer** ca pelo seu pod(er) e pelo seu sab(er) som todas feytas e gou(er)nadas e pola sa bondade manteudas. (Alphonse X, Primeyra Partida, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- e. Verdadeyrame(n)t(e) sy ca fame e sede ouveste e choraste e ouveste infirmitade como eu, pero que en ty non **foy** defeito nenhũ nen enfermidade de pecado como en my~ que nom podeste como eu. (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, Séc. XIII/XIV. Fonte: CIPM)
- f. Todo homen que no Reyno **for** e atees cabo de #x anos nō demandar erdade ou vigna ou Casa se a depois demãdar nō lj respondã se a ante nō demandou. (Foros de Garvão, Séc. XIII. Fonte: CIPM)
- g. [...] o assi nō quisessen fazer pera os que avyam de vñr despois como pera sy meesmos e pera os outros que **eram** em seus tempos. (Crónica Geral de Espanha, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- h. Ca, se as scripturas non **fossem**, qual sabedoria ou engenho d'homen se poderia recordar de totalas cousas passadas... (Crónica Geral de Espanha, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- i. E mandou logo acerca onde **fora** a Batalha pobrar huã villa. Crónica Geral de Espanha, Séc. XIV. Fonte: CIPM)
- j. Este vos dou, que soo firme em boo assesego de meu coraçom por todo mal que me fazees e dizees, nem o moverei com a graça do senhor deos, ainda que muito mais **seja**. (Leal Conselheiro, Séc. XV. Fonte: CIPM)

Como pode ser observado nos dados na Tabela 9 abaixo, e nas sentenças em (81) adiante, *ser* é empregado preferencialmente com as formas do pretérito imperfeito e do presente do Indicativo no Português Brasileiro Contemporâneo ⁴⁶, tendência que, pelo

⁴⁶ Embora não tenhamos comentado os resultados obtidos com o grupo de fatores *Tempo e modo verbais*, pelo fato de este não ter sido selecionado pelo GoldVarb2000 como significativo para a ocorrência de *ser-existencial*, a análise quantitativa dos dados aponta como tempo e modo verbais que levam à realização de *ser existencial* o Presente (0,353) e o Pretérito Imperfeito (0,300) do Indicativo.

menos até agora, não é detectada entre as existenciais com *ser* do Português Medieval. Ainda, conforme amplamente discutido neste trabalho, o que chama a atenção nas construções existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro é a sua ocorrência estar atrelada à *presença de um constituinte com marca intensificadora de grau no DP da coda existencial*, fator preponderante para a sua obtenção, propriedade que não é um requerimento às construções existenciais com *ser* do Português Medieval.

Tabela 9 – *Ser, Haver e Ter*, de acordo com o *Tempo e o Modo Verbais* no PB Contemporâneo

VERBO	Imperfeito			Perfeito			Presente			Gerúndio			TOTAL	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
Ser	19	26	0,472	1	8	0,108	32	14	0,375	1	25	0,381	53	17
Haver	28	38	0,228	8	73	0,745	72	32	0,163	1	25	0,262	109	35
Ter	26	36	0,300	2	18	0,147	122	54	0,462	2	50	0,357	152	48

- (81) a. Lá no Rio de Janeiro *é* uma violência terrível. (f3fV)
 b. Na feirinha do Bairro Brasil só *é* violência. (f3fV)
 c. *Era* só o bonde mesmo. (f3mC)
 d. [...] não tinha segurança nenhuma e não *era* essa onda de violência. (f1fV)

Esses fatos sugerem que as sentenças em que o verbo *ser* adquire leitura existencial no Português Brasileiro Contemporâneo, independentemente de serem ou não uma inovação, não podem ser tratadas como uma extensão ou resíduo das construções existenciais com *ser* do Português Medieval. Fica-nos, contudo, a questão de saber quais fatores desencadearam a emergência dessas construções, bem como se há outras variedades do português (a europeia e/ou as africanas) que também comportam essas existenciais. Estudos futuros poderão se ocupar dessa questão, dentro de um viés tanto sincrônico quanto diacrônico, tendo em vista a tentativa de detectar em que momento (ou, se for o caso, em que variedade) tais construções emergiram.

4.6 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, dedicamo-nos à hipótese central desta tese – a de que as construções existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro Contemporâneo são obtidas sempre que um núcleo portador do traço de grau (Deg) se encontra adjacente a *v* no momento da inserção vocabular. Os efeitos de constituição relacionados ao estabelecimento de adjacência foram testados por meio da intervenção de constituintes adverbiais entre o verbo e o elemento com intensificação de grau. Também chamamos a atenção para a ocorrência de existenciais sem cópula, que exibem um comportamento similar ao das chamadas *Small Clauses Livres*. Tendo em vista que as existenciais sem verbo mostram a mesma sensibilidade aos testes de condições de adjacência observadas nas existenciais com *ser*, propomos que a ausência do verbo resulta, por razões que ainda precisam ser compreendidas, do apagamento da matriz fonológica do verbo *ser* após a sua inserção. Concluimos, ainda, que não há evidências para tratar as existenciais com *ser* do Português Brasileiro Contemporâneo como construções residuais do Português Medieval, uma vez que, com exceção da necessidade de concordância entre o verbo e o DP pós-verbal, as propriedades demonstradas pelas construções contemporâneas com *ser-existencial* são diferentes daquelas observadas no Português Medieval.

CONCLUSÃO

Nesta tese, investigamos sentenças do Português Brasileiro Contemporâneo em que o verbo *ser* adquire leitura existencial, construções, pelo nosso conhecimento, nunca antes analisadas em outros estudos.

Ao discutirmos a noção de existência, chamamos a atenção para o fato de os chamados verbos existenciais não poderem ser intercambiáveis em toda e qualquer sentença dita existencial, sobretudo os verbos *haver* e *existir* (cf. AVELAR, 2006a), bem como destacamos que nem toda sentença “existencial” veicula uma ideia de “existência”. A despeito dessas constatações, utilizamos neste trabalho o termo *ser-existencial* para referir-nos ao verbo empregado nas construções aqui analisadas, seguindo o que se tem feito na literatura corrente. Pelo fato de a análise aqui realizada se pautar em fatores sintáticos, tal postura não influirá a mesma.

O estudo aqui desenvolvido toma como base o realizado por Avelar (2004) em torno dos verbos *ser*, *ter* e *estar* em construções existenciais, possessivas e copulativas. Esse autor parte de estudos, como os de Lyons (1968), Clark (1978), Freeze (1992), entre outros, que consideram que construções existenciais, possessivas e locativas são formadas a partir de uma mesma base estrutural subjacente. Assim, para Avelar, os mesmos traços que entram na composição do verbo *ter-existencial* se combinam a outros traços que levam ao acesso, na entrada vocabular, dos verbos *ser* e *estar* copulativos e do verbo *ter-possessivo*.

Um fator crucial notado nas construções existenciais com o verbo *ser* é o fato de estas serem deflagradas pela presença de um constituinte com marca de intensificação avaliativa na sentença. O elemento portador dessa marca deve se encontrar à direita do verbo. A fim de comprovarmos a presença de uma categoria de grau nas existenciais com *ser*, fizemos testes de adjacência, apresentando a alguns falantes sentenças em que dispomos advérbios / sintagmas com função adverbial e/ou locativos em diferentes posições. A ideia de adjacência entre núcleos explorada aqui se pauta na proposta de Adger (2004).

Quando em posição inicial ou final, conforme exemplos em (1), todas as sentenças foram consideradas boas:

(1) a. *Ontem foi* muita violência no estádio.

(2) a. *Foi* muita violência no estádio *ontem*.

No entanto, quando colocamos o advérbio/ sintagma com função adverbial e/ou um locativo entre o verbo e o constituinte com intensificação, a sentença é avaliada como mal formada, como podemos ver nas sentenças em (3) a seguir, cuja representação é aquela dada em (4):

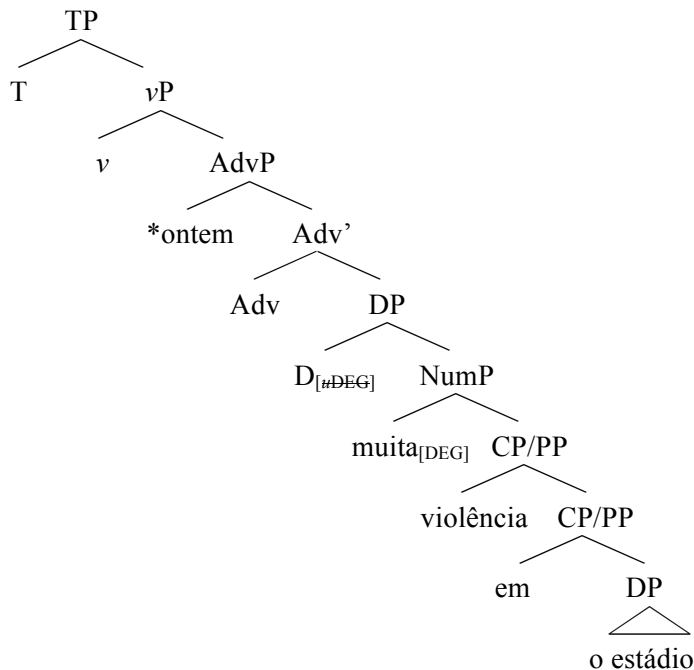
(3) a. *Teve ontem* muita violência no estádio.

a'. * *Foi ontem* muita violência no estádio.

b. *Vai ter, na Unicamp,* muita gente.

b'. * *Vai ser, na Unicamp,* muita gente.

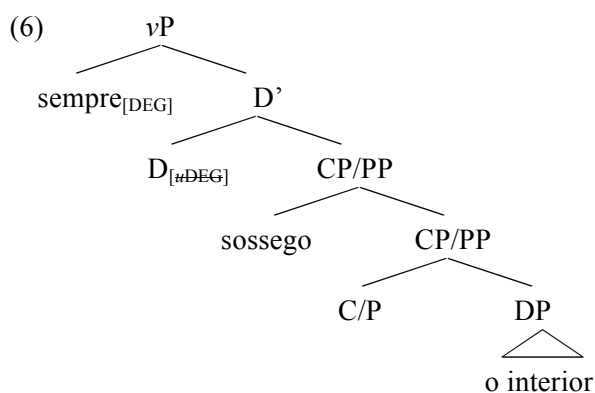
(4) a.



Um fato curioso é que com advérbios e locuções adverbiais, como *sempre* e *toda semana*, todas as sentenças foram consideradas boas pelos falantes (cf. (5) abaixo). Essa boa formação da sentença se deve ao fato de a marca de intensificação recair sobre esses advérbios, os responsáveis pela checagem do traço de grau [-interpretável] de D.

- (5) a. **Tinha** *toda semana* uma patota grande brincando aqui na porta.
 a'. **Era** *toda semana* uma patota grande brincando aqui na porta.
 b. **Tem** *sempre* uma multidão mendigando na porta daquele armazém.
 b'. **É** *sempre* uma multidão mendigando na porta daquele armazém.

A representação para sentenças como as em (5) acima é a que segue em (6):



Em outra etapa do teste, deslocamos o elemento com marca de intensificação para uma posição à esquerda da sentença, deixando o verbo *in situ*, o que também resultou em sentenças mal formadas, como mostrado a seguir:

- (7) a. *Violência* naquele bairro **é** *muita*.
 a'. *Violência* naquele bairro **tem** *muita*.
 b. Naquele bairro **é** *muita violência*.
 b'. Naquele bairro **tem** *muita violência*.
 c. **É** *VIOLÊNCIA* naquele bairro!
 c'. **Tem** *violência* naquele bairro.

- (8) a. * *Muita violência é* no Rio de Janeiro.
a'. *Muita violência tem* no Rio de Janeiro.
- (9) a. * *Muita violência no Rio de Janeiro é*.
a'. *Muita violência no Rio de Janeiro tem*.
- (10) a. * *Violência, no Rio de Janeiro, é*.
a'. *Violência, no Rio de Janeiro, tem*.
- (11) a. * *Muita violência no Rio de Janeiro é o que é*.
a'. *Muita violência no Rio de Janeiro é o que tem*.

Ter se mostrou imune a tais restrições, pelo fato de não contar em sua formação com uma categoria de grau, como foi demonstrado ao longo deste trabalho⁴⁷.

A análise de adjacência entre traços se baseia nos trabalhos de Embick (2003, 2007) para os participios e para os comparativos e superlativos (sintéticos e analíticos) do Inglês; a dos advérbios como elementos que ocupam a posição de especificador de uma categoria funcional, contando como um interventor na associação de traços para a Inserção Vocabular provém de Rizzi (2004).

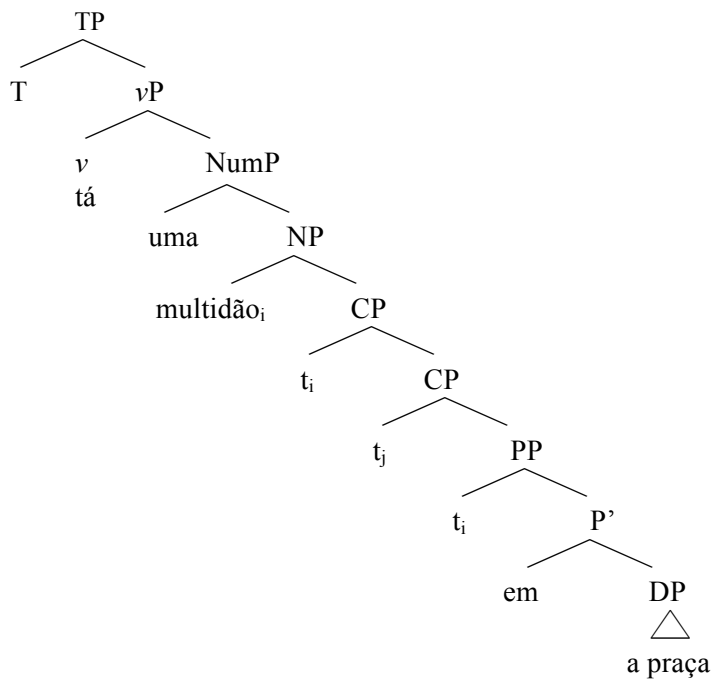
Tendo em vista que, no Português Brasileiro Contemporâneo, as construções existenciais podem contar com diferentes formas verbais, como nos mostram as sentenças em (12) abaixo, propomos em (13) adiante os complexos de traços que resultam na formação não somente do verbo *ser* (cf. (13c)), foco desta pesquisa, mas também de *estar* (*com*) e *ter*, respectivamente, em (13a) e (13b). As respectivas representações arbóreas seguem em (14).

⁴⁷ O fato de *ser-existencial* se comportar diferentemente de *ter-existencial* no que se refere aos testes de adjacência apresentados pode, a princípio, parecer estar pondo em xeque a nossa proposta de que esse verbo pode ser somado aos verbos *ter* e *haver* nas construções que correntemente têm sido chamadas de construções existenciais (conforme discussão feita na Introdução deste trabalho). Essa foi uma questão interessante que nos foi apontada. Todavia, o que fica claro, a nosso ver, é que o verbo *ser-existencial* se distingue dos demais justamente por contar com um Sintagma de Grau em sua composição. Caso *ser* fosse empregado exatamente do mesmo modo que *ter*, isso indicaria que o complexo de traços envolvido na formação do primeiro seria o mesmo que faz parte da composição do segundo, não havendo, assim, a seleção de raízes verbais distintas.

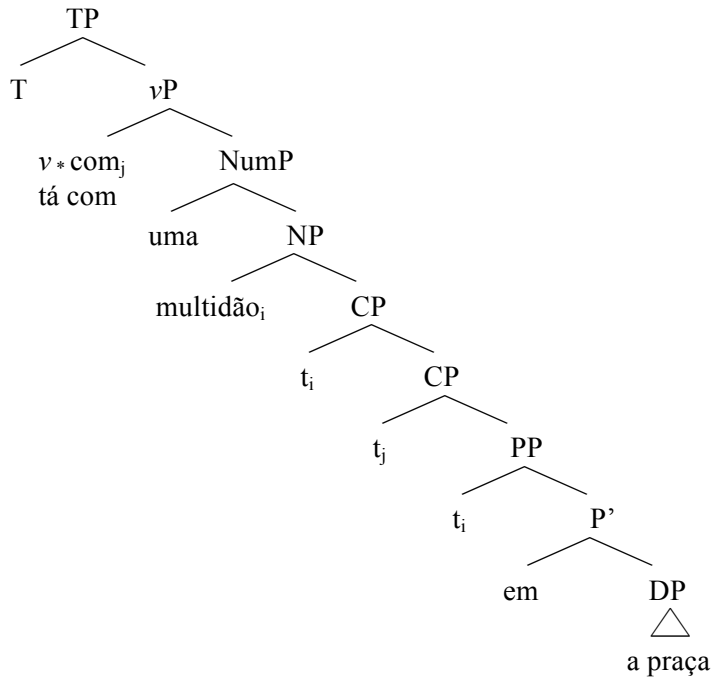
- (12) a. *Tá* uma multidão na praça.
 b. *Tá com* uma multidão na praça.
 c. *Tem* uma multidão na praça.
 d. *É* uma multidão na praça.

- (13) a. $v^* P \rightarrow \textit{estar (com)}$
 b. $v + P \rightarrow \textit{ter}$
 c. $v^* \text{Deg} \rightarrow \textit{ser}$

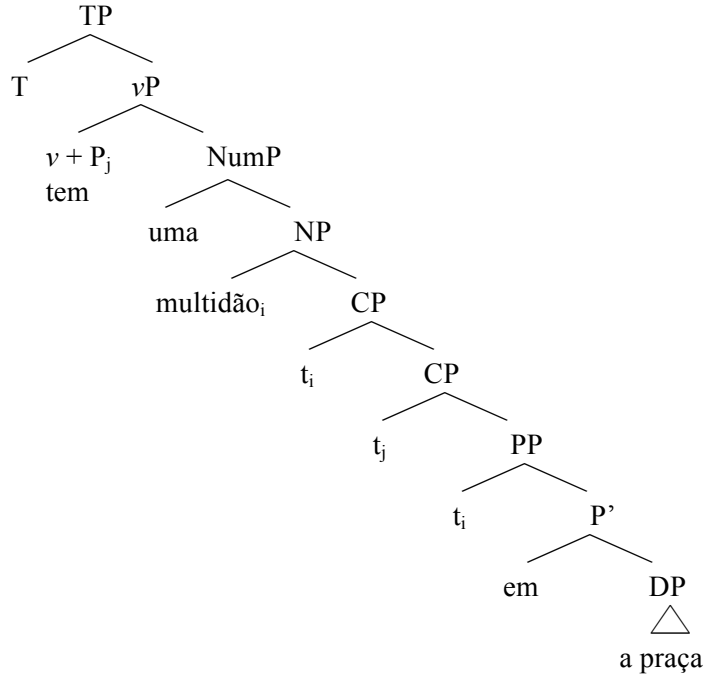
- (14) a.

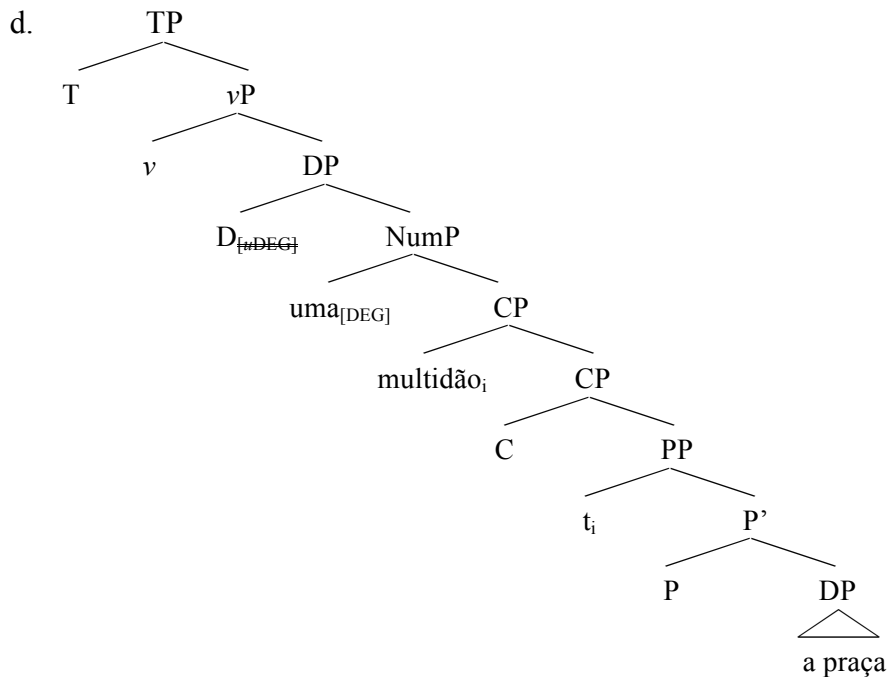


b.



c.





Na formação de *ser-existencial*, D se conecta a um núcleo com traço [DEG]; o DP, por sua vez, é conectado a *v*, de modo que o traço D [-interpretável] de *v* seja checado.

Conforme visto no capítulo 3, uma análise empiricamente mais refinada em torno das construções relevantes com o verbo *ser* nos permitiu evidenciar que as construções com *ser-existencial* são obtidas toda vez que um constituinte avaliativo graduável é o sujeito da coda existencial. Como é comum acontecer com as construções com a cópula *ser* (haja vista as construções copulativas), a concordância em plural (entre o verbo e o DP pós-verbal) também acontece.

Mostramos as correlações existentes entre as existenciais sem verbo e as *Small Clauses* Livres, que vão muito além do fato de contarem com o apagamento da cópula. Ambas necessitam de um elemento com conteúdo avaliativo, indicando grau máximo, o que pode ser expresso, no caso das primeiras, por meio (sobretudo) de quantificadores (*muito, pouco*), de advérbios de intensidade, podendo ser nulo no caso de nomes nus (que recebem um acento enfático).

Ainda, foram comparadas construções com *ser-existencial* empregadas no Português Medieval às usadas no Português Brasileiro Contemporâneo, chegando à

conclusão de que no PB tais construções só se realizam diante de condições específicas, isto é, quando um constituinte intensificador está presente no DP.

O que concluímos desta pesquisa é que a investigação sobre as construções existenciais com o verbo *ser* consiste num terreno profícuo, permitindo ao pesquisador um amplo leque de estudos. Assim sendo, consistirão em tópicos para pesquisas futuras:

- (a) a análise das construções existenciais em dados de outras regiões brasileiras;
- (b) a observação da existência (ou não) de construções com *ser-existencial* em outras modalidades do português, bem como de (2) em caso de sua ocorrência, o levantamento dos contextos em que essas construções são licenciadas, a fim de sabermos se são análogos aos observados nos dados aqui analisados. Isso poderá ser feito tanto com dados do Português Rural⁴⁸, do Português Afro-brasileiro⁴⁹, bem como do Português Europeu no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe – Cordial-SIN*, disponibilizado na página www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php;
- (c) a análise de dados tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu escritos⁵⁰.

⁴⁸ Trata-se dos dados disponibilizados em ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). 2008. *Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca* (Piemonte da Diamantina. 2. ed. Feira de Santana/Salvador: Editora da UEFS/Edufba.

⁴⁹ Trata-se dos dados cedidos pelo Prof. Dante Lucchesi (Universidade Federal da Bahia), que fazem parte dos *corpora* do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*. Os informantes são provenientes das regiões de Rio de Contas e Cinzentos, na Bahia.

⁵⁰ Embora, observando jornais de Vitória da Conquista, não tenhamos constatado construções com *ser-existencial*.

REFERÊNCIAS

- ADGER, D. **Core Syntax**. Oxford: University Press, 2004.
- ALLEN, M. **Morphological investigations**. University of Connecticut. Diss, 1979.
- AVELAR, J. O. de. **Dinâmicas morfossintáticas com TER, SER e ESTAR em português brasileiro**. 2004. 248 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- _____. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: PUC-RS, v. 143, p. 49-74, 2006a.
- _____. **Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro**. 2006b. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006b.
- _____. **Relatório Científico de Pós-Doutoramento**. 2007. 59f. Relatório (Pós-Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. On the emergence of “ter” as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, P.; LONGOBARDI, G. **Historical syntax and linguistic theory**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____.; CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A. S. da; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Línguas Pluricêntricas - Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas**. Braga: Aletheia, 2011, v. , p. 287-300.
- BELLETTI, A. The case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, 19, 1998.
- BENVENISTE, Émile. 1972. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BOBALJIK J. **Morphosyntax: The Syntax of Verbal Inflection**. MIT Linguistics, 1995.
- _____. What does adjacency do? **MIT Working Papers in Linguistics 22: The Morphology-Syntax Connection**, 1996.

- CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Sobre TER e HAVER em Construções Existenciais: Variação e Mudança no Português do Brasil. **Gragoatá**, v. 9, 2002, p. 85-100.
- CAVAR, D.; FANSELOW, G. **Distributed Deletion**. Disponível em <<http://www.ling.unipotsdam.de/~fanselow>>. Acesso em: 18 set. 2011.
- CHOMSKY, N. A. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- _____. **The Minimalist Program**. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1995.
- _____. Minimalist Inquiries. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Ed.). **Step by Step**. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 2000.
- _____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). **Ken Hale: A Life in Language**. MIT Press, Cambridge, Mass, 2001, p. 1-52.
- _____. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2004, v. 3, p. 104-131.
- CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**, Oxford University Press, 1999.
- _____. ‘Restructuring’ and Functional Structure. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and beyond: the cartography of syntactic structures**. New York: OUP, 2004.
- CLARK, E. Locational: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, J. (Org.). **Universals of Human Languages**. Syntax, Stanford: Stanford University Press, 1978, v. 4.
- CRESSWELL, M. J. The Semantics of Degree. In: PARTEE, B. H. (Ed.). **Montague Grammar**. New York: Academic Press, 1976, p. 261-292.
- DIKKEN, M. den. **Relators and linkers: the syntax of predication, predicate inversion, and copulas**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.
- EMBICK, D. Locality, Listedness, and Morphological Information. **Studia Linguistica** 57(3), 43–169, 2003.
- _____. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. **Natural Language and Linguistic Theory**, 25, 1–37, 2007.

_____.; NOYER, R.. Movement Operations after Syntax. **Linguistic Inquiry**, 32, 555-595, 2001.

_____. **Distributed Morphology and the syntax/morphology interface**. University of Pennsylvania. 9 dec. 2005. Disponível em: <http://babel.ucsc.edu/~hank/mrg.readings/E_N_DM_SM_Interface.pdf>. Acesso em: 18 set. 2011..

FREEZE, R. Existential and other locatives. **Language**, 68, 1992.

GOLLA, V. **Hupa grammar**. University of California at Berkeley. Diss, 1970.

GONÇALVES, E. **Substituição de ser por haver nas construções existenciais do português**: um estudo diacrônico. 2011. 40f. Qualificação de Área (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. **The View from Building**, 20, MIT Press, Cambridge, 111-176, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R. State-of-the-Article: Distributed Morphology. In: **Glott International**. 4.4., 1999.

_____. Distributed Morphology. In: CHENG, L.; RINT, S. (Ed.). **The second Glott International state of the article book**: The latest linguistics. Mouton de Gruyter, p. 463-496, 2003.

HEGGIE, L. **The Syntax of Copular Structures**. Ph.D. Dissertation: University of Southern California, 1988.

HIGGINS, F. R. **The Pseudo-Cleft Construction in English**. PhD Dissertation: Indiana University Linguistics Club, 1976.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. MARQUES, M. *et al.* (Org.). **Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005. p. 131-145.

_____. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. **DELTA**, 23 (Especial): Homenagem a Lucia Lobato, 85-111, (1990) 2007.

_____.; NUNES, J. **Adjunction configurations and structural ambiguity**. Ms, 1998.

- KAYNE, R. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAENZLINGER, C. Adverb Syntax and Phrase Structure. In: DI SCIULLO, A. M. (Ed.). **Configurations: Essays on Structure and Interpretation**. Somerville: Cascadilla Press, 1996, p. 99-127.
- LASNIK, Howard. Case and expletives revisited: on Greed and other human failings. **Linguistic Inquiry**, 26, 1995.
- LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- MARANTZ, A. Clitics, Morphological Merger, and the mapping to phonological structure. In: HAMMOND, M; NOONAN, M. **Theoretical morphology**. San Diego, Califórnia: Academic Press, 1988, p. 253–270.
- MARINS, J. E. **As repercussões da remarcação do parâmetro de sujeito nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com TER e HAVER no PB e no PE. 2013**. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MATTOS E SILVA, R. V. Para uma caracterização do período arcaico do português. **DELTA**, v. 10. 247-276, 1994a.
- _____. **O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1994b.
- _____. TER ou HAVER em estruturas de posse: variação e mudança no português arcaico. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam de Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 288-298.
- _____. A variação *haver/ter*. In: _____. (Org.). **A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador: EDUFBa/UEFS/CNPq, 1996, p. 181-194.
- _____. Observações sobre a variação no uso dos verbos “ser”, “estar”, “haver”, “ter” no galego-português ducentista. **Estudos linguísticos e literários**, 19. 253-285, 1997.

_____. A definição da oposição entre “ser” e “estar” em estruturas atributivas nos meados do século XVI. In: _____.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador: EDUFBA, 2002a, 103-117.

_____. Vitórias de “ter” sobre “haver” nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: _____.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador: EDUFBA, 2002b, 119-142.

MILSARK, G. **Existential sentences in English**. Tese de doutoramento. Cambridge: Department of Linguistics, MIT, 1974.

_____. Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. **Linguistic Analysis**, 3, 1977.

MORO, A. Topics in small clauses with predicative nominals. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. **Small Clauses [Syntax and semantics 28]**. New York: Academic Press, 1995. Relativized Minimality and the Extended Peeking Principle. **Cadernos de Linguística del I.U.I. Ortega e Gasset**, vol. 14, 2007, p. 73-86.

OBENAUER, H. G. **Aspects de la syntaxe A-barre**. PhD thesis, These de doctorat d’État: Université Paris VIII, 1994.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS I.; KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas, Editora UNICAMP, 1996, p. 343-386.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). **Elements of Grammar**. Kluwer: Dordrecht, 1997, p. 281-337.

_____. Locality and left periphery. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and beyond**. The cartography of syntactic structures, Oxford: Oxford University Press, 2004, v. 3, p. 223-251.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada** 23(special issue): 283–317, 2007.

SIBALDO, M. A. **A sintaxe das Small Clauses Livres do Português Brasileiro**. 2009. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

- SIEGEL, D. The adjacency constraint and the theory of morphology. **Papers from the North East Linguistics Society** 8, 1978.
- STARKE, M. On the format for small clauses. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. **Small Clauses [Syntax and semantics 28]**. New York: Academic Press, 1995.
- STASSEN, L. **Intransitive Predication**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- VILLALBA, X. An Exceptional Exclamative Sentence Type in Romance. **Lingua**, 113, p. 713-745, 2003.
- VIOTTI, E. **A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil**. 1999. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- _____. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. In: **Revista do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo**, n. 11, especial, São Paulo, Contexto, 2002.